

Arte: Ricardo Humberto

O APRENDIZADO DE GALERA

mãos de cavalo, de daniel galera, trata da formação do indivíduo • em entrevista, o autor fala de suas atividades de escritor, tradutor, editor, músico e blogueiro e discorre sobre o futuro da internet • 4/5

carta aos críticos

em *confissões*, w. somerset maugham enumera os motivos de suas opções autorais • 19

entre espectros

quase sete décadas depois, *a invenção de morel*, de bioy casares, mantém atualidade e status de obra-prima • 21



w. somerset maugham



adolfo bioy casares

MÃOS DE CAVALO DE DANIEL GALERA	4/5
3 CRONISTAS CARPINEJAR, JUREMIR E ROSISKA	6
OS VENDILHÕES DO TEMPLO DE MOACYR SCLiar	7
MONTE SINAI ABAIXO 2 POR NELSON DE OLIVEIRA	11
MANUEL BANDEIRA POR JOSÉ CASTELLO	12/13
ENTREVISTA COM FERNANDO MONTEIRO	14/15
OS RIOS PROFUNDOS DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS	18
CONFISSÕES DE W. SOMERSET MAUGHAM	19
MEMÓRIA DE ELEFANTE DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES	20
INVENÇÃO DE MOREL DE ADOLFO BIOY CASARES	21

74

JUNHO/06

“Para que diabo serve uma academia, a não ser para a vaidade empavonada dos presidentes Sarneys e dos magos Coelhos?”

“Escritores brasileiros são muito sensíveis a prêmios e a tudo que traga dinheiro: cargos, empregos, sinecuras, assessorias especiais e vantagens diversas.”

FERNANDO MONTEIRO: autor de *As confissões de Lúcio*.

CARTAS

rascunho@onda.com.br



Resposta de Cíntia Moscovich a Paulo Sandrini

Com relação à resposta de Paulo Sandrini à carta de minha lavra, assunto que circunda a resenha pouco elogiosa sobre seu livro *Códice d'incríveis objetos*, tenho a dizer que, por falta de balas na agulha, jogo a toalha. Finalmente topei com um autor educado, civilizado, lúcido e flexível, capaz de

prestidigitagens semânticas e formais e, na mesma medida, incapaz de ataques frontais e ofensivos a quem dele ou de sua literatura discorda. Sandrini sabe ouvir, é bom de argumentos, sabe reconhecer ditadores letrados e maus leitores de dicionários e, mais do que tudo, sabe fazê-los em picadinho com a força de sua prosa. Com um texto elegante e esclarecedor, próprio e exclusivo daqueles que amam o diálogo, e que se fixa medularmente na matéria literária sem se desviar desse leito uma só vírgula, Sandrini não medra diante de seus interlocutores. Tampouco transforma interlocutores em antagonistas. Sandrini tem a postura inteligente do recato e da conciliação. Sandrini não tem chiquetes, como alguns críticos que andam por aí, nem baba de ódio paranóico como alguns ditadores de periferia que o perseguem. Aliás, Sandrini não odeia. Sandrini respeita seus pares. Sandrini não é recalcado, vingativo, irascível ou beligerante, muito menos autoritário ou estúpido. Sandrini é nosso exemplo — por isso, desisto do bate-boca. Minhas palavras daqui por diante serão só para dizer vivas a Sandrini. Aliás, vivas à família Sandrini. Longa vida!

• **Cíntia Moscovich** — Porto Alegre — RS

Esclarecendo a nota publicada no *Rascunho* 73, coluna *Vidraça*: pedi polícia para a prisão em flagrante de um gerente de banco, e ele passou duas horas na delegacia, onde eu pretendia que fosse

lavrado um boletim de ocorrência por desrespeito ao Código de Defesa do Consumidor (agência sem senha horária, sem cadeiras, etc). Mas ele foi liberado simplesmente porque o Procon local acudiu em seu favor, dizendo que eu estava errado, que o tempo de atendimento em dias de pico é de meia hora — quando é de 20 minutos. Também era uma segunda-feira comum, e não um dia de pico — conforme descobri depois, consultando a lei. Mas o Procon aqui “interpreta” as segundas como dias de pico, em favor dos bancos, que são os maiores doadores para campanhas eleitorais... Estou, por isso, acionando a promotoria. Veremos. Em ocasião seguinte, na mesma agência, vendo que ela continuava sem cadeiras, peguei uma de um gerente e a levei para a fila, onde esperei sentado. Pedi senha, me deram. Ninguém mais pediu. Falei que é um direito de todos e ninguém (umas 60 pessoas) pediu. É povo com vida de gado, povo marcado, povo feliz. Acho que eram todos do povo de Machado de Assis, e eu sou do povo de Castro Alves.

• **Domingos Pellegrini** — Londrina — PR

Quero parabenizá-los pelos seis anos de intensa literatura e vida cultural. Para nosso grupo, em especial, o *Rascunho* tem sido utilizado também como elemento de discussão e valorização do estudo e do fazer literário, pois os textos são a base (junto com uma biblioteca que está sendo montada e periódicos, em geral) de oficinas para adolescentes e jovens do projeto “Aqui tem livro”, extensão de um outro trabalho (“Batuque na caixa”), realizado durante todo o ano na periferia de Londrina. Chamou-nos a atenção o artigo de Luiz Horácio sobre a reedição do livro que José Castello escreveu acerca de João Cabral, poeta que admiramos e sobre o qual também temos uma visão muito maior do que a de conhecido poeta angustiado. Os 50 anos de *Grande sertão: veredas* estão bem dimensionados no texto de Cecília Prada.

• **Aldo Moraes** — Londrina — PR

Como leitor fiel do *Rascunho*, gostaria de parabenizá-los pelo excelente trabalho que vêm realizando. Sem dúvida nenhuma, o periódico está entre os mais admiráveis do país na área de literatura.

• **Márcio André** — Rio de Janeiro — RJ

Gostaria de fazer uma retificação sobre um detalhe publicado na entrevista de Rodney Caetano com Wilson Martins (*Rascunho* 73), a respeito do bairro curitibano em que mora o ilustre crítico. Trata-se do Alto da Glória, e não do Bacacheri, como consta no texto.

• **Aline C. Morales Kormann** — Curitiba — PR

Antes tarde do que nunca. Escrevo para cumprimentá-los pelos seis anos do *Rascunho*, que recebo sempre. Entre idas e vindas, erros e acertos, assim é que se vai. Parabéns pelo esforço. E boa sorte.

• **Jussara Salazar** — Curitiba — PR

Agora me dei conta de que o *Rascunho* fez seis anos. É já um bom tempo de duração para um jornal que se propõe a divulgar a cultura, algo que nem sempre dá certo neste país. Que viva mais seis ou seis vezes seis anos. Com respeito ao último número, decepcionei-me com o ataque sofrido por Domingos Pellegrini, da parte de uma leitora. Se ele errou na análise de *Dom Casmurro* ou se carregou nas tintas ao opinar sobre essa grande obra de Machado, pode mais tarde rever tal opinião. Mas não merecia o tratamento agressivo. Errado ou certo, todo mundo tem o direito de expressar seu pensamento.

• **Hamilton Alves** — Florianópolis — SC

FALE CONOSCO

Envie carta ou e-mail para esta seção com nome completo, endereço e telefone. Sem alterar o conteúdo, o *Rascunho* se reserva o direito de adaptar os textos. As correspondências devem ser enviadas para Al. Carlos de Carvalho, 655 - conj. 1205 • CEP: 80430-180 • Curitiba - PR. Os e-mails para rascunho@onda.com.br.

TRANSLATO

Eduardo Ferreira

Manuel Bandeira e a escola da tradução

Ainda está para ser escrita a história do impacto da atividade tradutória na carreira de alguns dos grandes escritores brasileiros. Não foram poucos os que se dedicaram a esse ofício — por necessidade ou por gosto. Manuel Bandeira foi um deles. É difícil mensurar a contribuição que o empenho de tempo e suor em traduções lhe rendeu na obra poética. A tradução da poesia, talvez o ramo mais instigante e desafiador desse ofício, é um exercício poético de raro valor.

A poesia — como as demais formas de escritura — não depende, nem pode depender, apenas de vontade ou inspiração. Não se trata apenas de exteriorização e sedimentação gráfica de sentimentos. Exigem-se altas doses de disciplina, aplicação, pesquisa lexical — em suma, um pesado trabalho intelectual, que, às vezes, na briga com

o computador ou o lápis-papel, pode chegar ao esforço braçal.

A tradução da poesia é o supra-sumo, como objeto de estudo, de quem se dedica a examinar o fenômeno tradutório. Na poesia convergem sentido, ritmo, rima, a materialidade da palavra, e, até, às vezes, a distribuição espacial dos termos. Num poema, a língua alcança o ápice em termos de poder de significação e comunicação. Tudo ali pode querer dizer algo. Traduzir todo esse conjunto não é exatamente fácil, nem, claro, é algo que poderia ser matematicamente deduzido ou analisado.

Bandeira traduziu muito. Não só poesia. Traduziu biografias, romances, teatro. Shakespeare, Edgar Allan Poe. Menciona-se que a intensa militância na tradução de prosa influenciou Bandeira na guinada que o levou da poesia tradicional, rimada e metrificada, ao

verso livre da poesia modernista.

Bandeira traduziu muita poesia. Verteu para o português, dentre outros, poemas de Goethe, Gabriela Mistral, Emily Dickinson e Omar Khayyam. Foram certamente exercícios que o ajudaram a aperfeiçoar a técnica de lapidação do texto em poema. Para as letras brasileiras, um duplo benefício: o aprimoramento da habilidade de um de seus grandes poetas e, de quebra, a incorporação ao português brasileiro de grandes obras poéticas estrangeiras.

Dizem que só um grande poeta poderia traduzir outro grande poeta. Bandeira, por esse prisma, certamente se habilitava para esse exercício. A poesia é uma atividade de risco, correto pela extrema liberdade que o texto poético exige e confere. O tradutor de poesia, claro, partilha dessa mesma liberdade. Só que, no dizer de Brenno Silveira, tal

latitude não representa uma vantagem; pelo contrário, traz implícita a dificuldade de, nada mais nada menos, demandar modificações diante do original, sob pena de uma completa descaracterização do poema.

A tradução também traz implícita outra dimensão curiosa, que se faz sentir especialmente quando tradutor e original estão mais afastados no tempo. É aquilo que Walter Benjamin chamaria de “maturação” das palavras. A lógica que presidiu certa conjugação de palavras em dada época pode ter perdido o sentido ou o efeito em tempos posteriores, enquanto novos efeitos e sugestões podem ter surgido nesse período. É tarefa do tradutor-poeta, como espécie de antena da raça, conhecer, captar e capitalizar essas nuances, a proveito do leitor. Bandeira foi mestre nessa arte, e noutras também.

rascunho

o jornal de literatura do Brasil
fundado em 8 de abril de 2000ROGÉRIO PEREIRA
editorLUÍS HENRIQUE PELLANDA
subeditorÍTALO GUSSO
diretor executivoARTICULISTAS
Eduardo Ferreira
Fernando Monteiro
José Castello
Nelson de Oliveira
Rinaldo de FernandesILUSTRAÇÃO
Marco Jacobsen
Oswalter Urbinati
Ramon Muniz
Ricardo Humberto
Tereza YamashitaFOTOGRAFIA
Cris GuancinoESTAGIÁRIOS
Gustavo Ferreira
Matheus DiasEDITORIAÇÃO
Alexandre De MariPROJETO GRÁFICO
Rogério PereiraIMPRESA
Nume Comunicação
41 3023.6600 www.numa.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriano Koehler é jornalista.

Álvaro Alves de Faria é jornalista, poeta e escritor. Autor de mais de 40 livros, incluindo romances, novelas, ensaios, volumes de crônicas e de entrevistas literárias, além de peças de teatro. Em 2003, reuniu toda sua poesia em *Trajatória poética*.Carlos Barbosa é jornalista e escritor, autor do romance *A dama do Velho Chico*.

Daniel Gil é poeta. nasceu no Rio de Janeiro (RJ) e estuda literatura brasileira na UFRJ.

Fabio Silvestre Cardoso é jornalista e editor-assistente do site *Digestivo Cultural* (www.digestivocultural.com).

Gregório Dantas é mestre em teoria literária, com estudo sobre a obra de José J. Veiga. Atualmente, é doutorando na área de literatura portuguesa contemporânea.

Inêdo Neto é jornalista e mestrando em literatura pela UFPR.

José Oliveira é escritor, autor de *Rumos*, sobre as experiências da imigração na Europa.Kátia Maccés é poeta, jornalista e editora do suplemento dominical de televisão do jornal *A tarde*, de Salvador (BA). Autora de *De volta à caixa de abelhas*.

Leo Pinto é poeta. Nasceu em Londrina (PR) e atualmente mora em Campinas (SP).

Luiz Paulo Faccioli é escritor, autor do romance *Estudo das teclas pretas*.

Marcio Renato dos Santos é jornalista e mestre em literatura brasileira pela UFPR.

Moacyr Godoy Moreira é escritor e ensaísta. Publicou *Lâmina do tempo* e *República das bicicletas*.Paulo Krauss é jornalista, autor de *Fedato*, o *estampilla rubia*.Ray Silveira nasceu em Maspapé (CE). É médico e escritor, autor de *Contos a conta-gotas*.Ronaldo Cagiano é poeta e escritor, autor de *Canção dentro da noite* (poesia) e *Concerto para arranha-céus* (contos).Rodrigo Gurgel é escritor e editor, autor de *Cinco noites e outras histórias*, ainda inédito.

Valdeci Lizarte é jornalista.

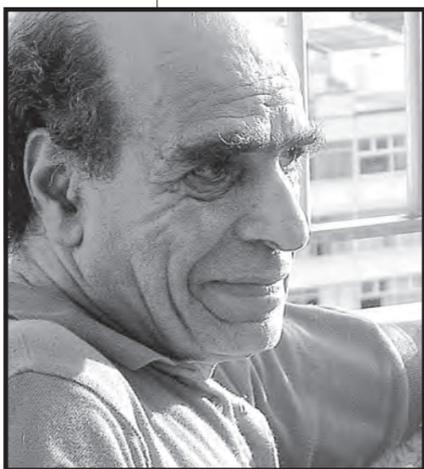
rascunho

é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda. Rua Filastro Nunes Pires, 175 - casa 2 CEP: 82010-300 • Curitiba - PR (41) 3019.0498 rascunho@onda.com.br www.rascunho.com.br

tiragem: 5 mil exemplares

O MEDIADOR | **osé castello**

José Castello, 55 anos, carioca, radicado em Curitiba, é jornalista e escritor. Trabalha como crítico literário para *O Globo*, *Valor Econômico*, *Nomínimo*, *O Estado de S. Paulo* e *Rascunho*, entre outros. É Mestre em Comunicação pela UFRJ. Foi editor do caderno Idéias do *Jornal do Brasil* e cronista e repórter literário do Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo*. É autor, entre outros, de *O homem sem alma/ Diário de tudo*, *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão*, *Inventário das sombras* e *Fantasma*. A editora Global publicou, em 1994, uma seleção de suas crônicas: *As melhores crônicas de José Castello*, organizada e prefiada por Leyla Perrone Moisés.

12 DE JULHO | **affonso romano**

Affonso Romano de Sant'Anna nasceu em Belo Horizonte, em 1937. Poeta, cronista e ensaísta, é considerado um dos principais intelectuais brasileiros. Sant'Anna é autor de mais de 40 livros, entre eles *Que país é este?* (poesia), *Que fazer de Ezra Pound?* (crônicas) e os ensaios *Drummond, o gauche do tempo* e *Desconstruir Duchamp*.

17 DE AGOSTO | **assis brasil**

Luiz Antonio de Assis Brasil nasceu em Porto Alegre, em 1945. Estreou na literatura em 1976 com *Um quarto de légua em quadro*. É autor de outros 14 livros, entre os quais *O pintor de retratos* e *A margem imóvel do rio*. Há 20 anos, Assis Brasil coordena a Oficina de Criação Literária na PUCRS.

20 DE SETEMBRO | **osé mindlin**

Aos 91 anos, o empresário José Mindlin é o maior bibliófilo do Brasil. Em maio, ele doou sua Biblioteca Brasileira, com mais de 25 mil volumes, para a USP. A biblioteca de Mindlin é resultado de 80 anos de trabalho e paixão pela literatura. Entre livros, revistas, documentos, jornais e periódicos, sua coleção ultrapassa os 50 mil volumes.

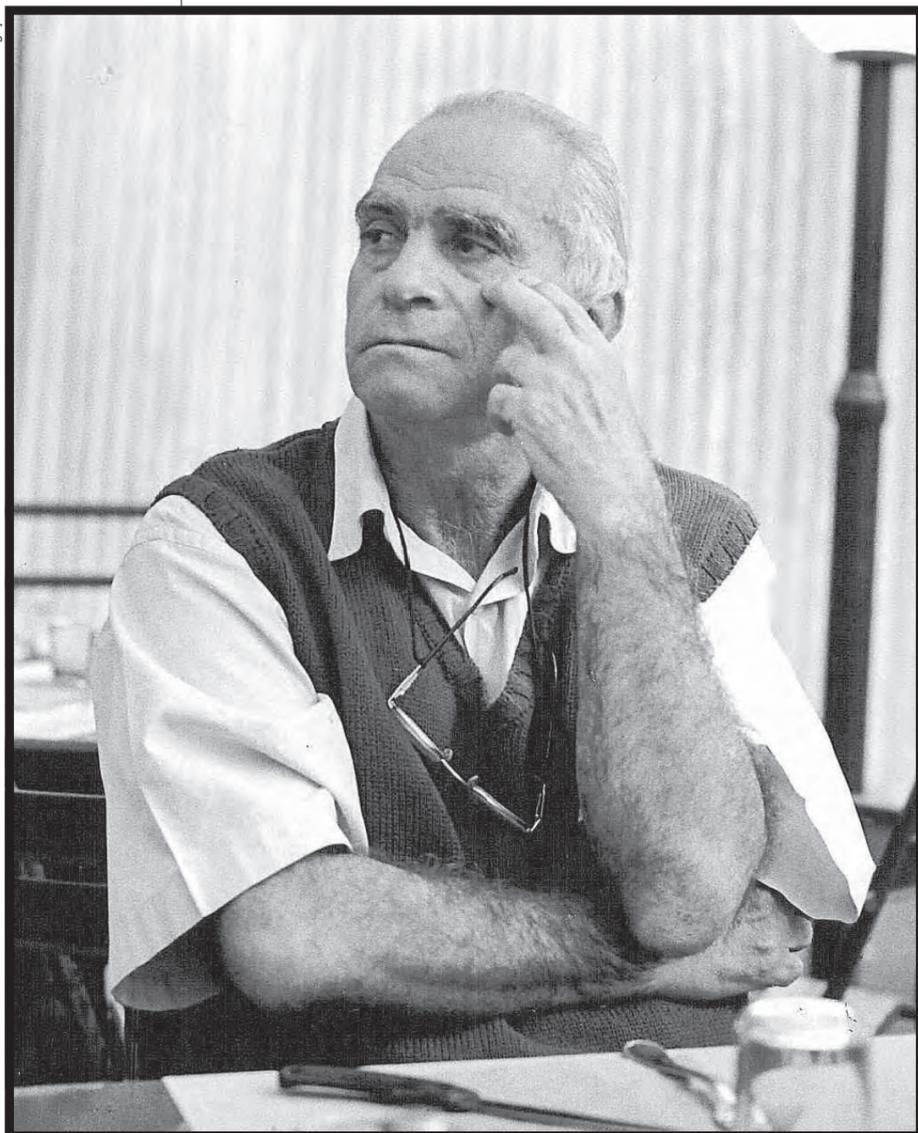
ENCONTRO MARCADO

Projeto PAIOL LITERÁRIO recebe grandes nomes da literatura nacional para debates em Curitiba

Entre junho e dezembro de 2006, o projeto *Paioi literário* trará a Curitiba grandes nomes da literatura brasileira, convidados para um bate-papo com os leitores, no Teatro do Paioi. Os encontros, mediados pelo escritor e jornalista José Castello, serão iniciados com duas perguntas: "Qual a importância da literatura na vida cotidiana das pessoas? E por que ler?". Os eventos, sempre mensais, serão realizados devido a uma parceria entre o *Rascunho*, o Sesi e a Fundação Cultural de Curitiba.

A entrada para os encontros — que começarão às 20h30 e terão duração aproximada de duas horas — é gratuita. Mas os leitores do *Rascunho* que não moram em Curitiba ou não puderem comparecer aos debates não ficarão de fora. As conversas entre os escritores e o público serão reproduzidas, sempre, nas edições seguintes a do mês em que forem realizadas e no site do jornal (www.rascunho.com.br).

Já confirmaram sua presença no *Paioi literário* os escritores Ignácio de Loyola Brandão, Affonso Romano de Sant'Anna, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Milton Hatoum, Nélida Piñon e Luiz Antonio de Assis Brasil e o bibliófilo José Mindlin. Também apóiam o evento a Getz Propaganda, a Deiró Filmes, a Nume Comunicação, a Macchina Áudio, a Tchukon Terapias e o Bar Madrid.

21 DE JUNHO | **ignácio de loyola brandão**

Fotos: Divulgação

■ Ignácio de Loyola Brandão abre o Paioi Literário no dia 21 de junho. Ele nasceu em Araraquara (SP), em 1936. Estreou na literatura em 1965, com o livro de contos *Depois do sol*. É autor de cerca de 30 livros, entre os quais *O homem que odiava segunda-feira*, *Bebel que a cidade comeu*, *Zero, Não verás país nenhum* e *Veia bailarina*. Atualmente, integra o conselho editorial da revista *Vogue* e publica crônica semanal no jornal *O Estado de S. Paulo*.

RODAPÉ

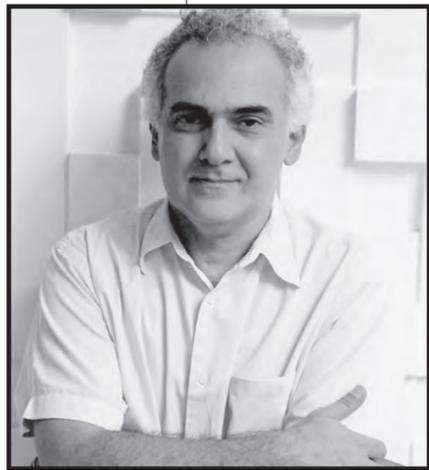
Rinaldo de Fernandes

A pergunta de Astier

A crítica literária é um problema de gênero discursivo. Eu, por exemplo, não sou um crítico — sou um resenhista (e, como tal, faço apreciação de obras, emito juízos de valor, isso não significando dizer que já esteja fazendo a verdadeira crítica). Considero-me um crítico, efetivamente, quando escrevo um ensaio (e depende do ensaio!). Quando produzo uma resenha, estou dando *uma certa contribuição crítica* (a depender também da resenha!). É que o caminho do ensaísta (e, portanto, do verdadeiro crítico), diferente daquele do resenhista, é bem mais penoso, áspero — de enfrentamento rigoroso, no tempo, do texto alheio. Enfrentamento que requer relações com outros textos, da série literária ou não; relações que o resenhista certamente não terá tempo de promover (pode acontecer de uma resenha ter força ensaística — mas é algo raro, realmente). Talvez por parecer "um crítico" aqui neste espaço é que recebo às vezes algumas incumbências delicadas. A pergunta sobre quem é o melhor escritor brasileiro da atualidade, que me foi feita numa enquete pelo jornalista e poeta Astier Basílio, é, sem dúvida alguma,

muito difícil de ser respondida. Aliás, em literatura, é sempre muito complicado dizer quem é "o melhor". Digo isso como alguém que já participou de um projeto editorial polêmico, que gerou alegria para muitos (os escolhidos), mas também incompreensão de alguns não incluídos entre os "melhores". (Refiro-me à antologia *Os cem melhores poetas brasileiros do século*, organizada pelo escritor e jornalista José Neumanne Pinto, da qual fiz todos os textos de pesquisa. A antologia ainda agora sai bem; foi, na sua proposta simples, reconhecida como um bom trabalho por antologistas e acadêmicos de referência — e talvez por isso também tenha gerado indisposição entre alguns autores, algo, aliás, absolutamente normal.) Se me pedem para optar entre Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, eu escolho exatamente... os dois. Juro que não sei dizer quem é o melhor deles. Gosto sempre da atitude crítica que torna complexas as coisas da literatura — e jamais daquela que, rasa, as reduz, apressando-se em apreciações e escolhas por absoluta falta de rigor (a pior das críticas, certamente, pois uma questão fundamental de toda crítica

é a do tempo para julgar — daí, repito, o ensaio, que requer bem mais tempo do que uma resenha, se mostrar o formato mais apropriado para a verdadeira crítica). Infelizmente, incorre-se em muita crítica redutora (reafirmo: o fenômeno da crítica rasa, embora não sendo exclusivo, parece ser mesmo mais próprio das resenhas). No momento, temos excelentes escritores no Brasil, alguns ainda emergentes, e cito um time deles: Ferreira Gullar, Moacyr Scliar, Rudson Nassar, Mário Chamie, Lygia Fagundes Telles, Augusto de Campos, Miguel Sanches Neto, André Sant'Anna, Nelson de Oliveira, Ronaldo Correia de Brito, Manuel de Barros... Fica muito difícil a escolha. Como resenhista, e não como crítico, quero destacar (não significando dizer que são "os melhores") dois autores que têm me chamado muito a atenção: o paranaense Miguel Sanches Neto e o mineiro (filho do ilustre ficcionista carioca Sérgio Sant'Anna) André Sant'Anna. Mas como a pergunta do prezado Astier foi direta, querendo saber quem é mesmo "o melhor", eu respondo agora: o melhor autor brasileiro da atualidade é... Machado de Assis. ●

17 DE OUTUBRO | **milton hatoum**

Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952. É autor dos romances *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos* e *Cinzas do norte*, também publicados nos Estados Unidos e em vários países da Europa. Com *Relato...*, ganhou o prêmio Jabuti.

14 DE NOVEMBRO | **garcia-roza**

Luiz Alfredo Garcia-Roza nasceu no Rio de Janeiro, em 1936, e é um dos principais autores de literatura policial do Brasil. Formado em filosofia e psicologia, escreveu oito livros sobre esses temas. Em 1997, seu romance de estréia — *O silêncio da chuva* — recebeu os prêmios Nestlé e Jabuti. Na ficção, é autor também de *Achados e perdidos*, *Berenice procura*, *Uma janela em Copacabana*, *Perseguido* e *Vento sudoeste*.

14 DE DEZEMBRO | **nélida piñon**

Nélida Piñon nasceu no Rio de Janeiro, em 1937. Formada em jornalismo, ocupa a cadeira número 30 da Academia Brasileira de Letras. Em 2005, foi a primeira escritora em língua portuguesa a receber o Prêmio Príncipe de Astúrias (Espanha). É autora de cerca de 20 livros, entre os quais *Vozes do deserto*, *A casa da paixão* e *A república dos sonhos*.

OFICINA DE CRIAÇÃO LITERÁRIA

Além de mediar os encontros do *Paioi literário*, o escritor e jornalista José Castello também será o responsável pela série de oficinas de criação literária *Rascunho*, cuja primeira edição ocorre entre 17 de julho e 15 de dezembro. Todos os encontros acontecerão às terças-feiras, das 19h30 às 21h30, no Palacete Wolf (Praça Garibaldi, 7 — São Francisco). As mensalidades custam R\$ 70. Os melhores trabalhos produzidos na Oficina de Criação Literária *Rascunho* serão publicados no jornal. O *Rascunho* promove os cursos em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba. Mais informações pelos telefones (41) 3321-3308 (FCC) ou 3019-0498 (*Rascunho*), das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

Ninguém escapa de seu destino

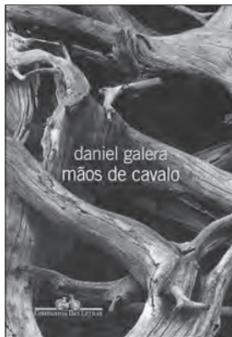
Daniel Galera problematiza sobre a construção de uma identidade no romance **MÃOS DE CAVALO**

MARCIO RENATO DOS SANTOS • CURITIBA – PR

Lembre-se de um livro que lhe proporcionou imagens inesquecíveis. Pense também em uma obra de ficção que, de um jeito ou de outro, mudou, nem que seja minimamente, a sua vida. Imagine ainda um texto que trata de temas que são caros a uma determinada geração e, simultaneamente, dialogam com outros tempos possíveis e outras gerações. E acrescente: tal obra foi construída com perícia, seguindo as regras da arte e, até mesmo, desrespeitando essas supostas regras. E, então, o que parece? Que título lhe vem à mente?

Daniel Galera é um escritor que tem 27 anos e três livros publicados, incluindo o mais recente **Mãos de Cavalo**. Galera se aventurou pela narrativa breve, em **Dentes guardados**, pela narrativa mais ou menos longa, em **Até o dia em que o cão morreu**, e — agora — transita pela longa narrativa, o romance. **Mãos de Cavalo** é, antes de qualquer pronunciamento, um livro excelente. Nele, Galera problematiza a respeito de um tema permanente para o humano, e demonstra ser um escritor que sabe o que precisa ser feito. Inclusive, o autor supera experiências ficcionais anteriores. Isso significa, entre outras coisas, que o promissor Galera de uns anos atrás confirmou, e superou, previsões. Essa é a prova.

Mãos de Cavalo é um texto ficcional, de 188 páginas, que trata da formação de um indivíduo. O protagonista tem, como um de seus apelidos, aquele que dá título ao livro. Ele surge em capítulos específicos, com nomes variados, de acordo com um determinado período de sua trajetória. Às vezes, ele é o Ciclista Urbano em sua infância. Em outros capítulos, é o Hermano, ou o Mãos de Cavalo, da adolescência. E também é apresentado como o cirurgião plástico em que se transformou ao se tornar adulto. Os três momentos da trajetória — entrecortados, em fragmentos — trazem situações em que ele demonstra, necessária e obrigatoriamente, hesitação diante do porvir. O dilema do personagem é assumir a sua própria natureza. “Insistir em ser outro era desperdiçar energia e gerar frustração, vergonha e arrependimento.” Seja na



Mãos de Cavalo
Daniel Galera
Companhia das Letras
188 págs.

infância, na adolescência e mesmo na fase adulta, **Mãos de Cavalo** se encontra no impasse: há desafios sociais, provas à espera de superação e invisíveis placas a sinalizar para a direita, siga à esquerda, e agora em frente, depois recue. O ser em permanente conflito não parece ter tempo para aquilo que poderia ser chamado de a escolha mais sensata e, como há estrada, ele segue. Em frente, mas a olhar pelo retrovisor.

A idéia de movimento se destaca em **Mãos de Cavalo**.

Seja pela utilização de verbos que sugerem movimento e mesmo pela condição do personagem nas variadas fases de sua trajetória: ele sempre está em trânsito. O Ciclista Urbano segue, ininterruptamente, a pedalar. Hermano circula, daqui para ali. E o cirurgião plástico, na maior parte da narrativa, dirige seu Mitsubishi Pajero TR4. Isso quer dizer também que, necessariamente, o texto ficcional apresenta movimento, e agilidade — que conduz os leitores pelas páginas do livro. E, simultaneamente, o narrador constrói uma Porto Alegre ficcional por onde esse personagem se desloca. A cidade inventada não contempla espaços turísticos como a Praça da Alfândega, a Rua da Praia, o Parque da Redenção nem a Casa de Cultura Mario Quintana. Em **Mãos de Cavalo** surge o possível conjunto residencial Esplanada, ao sul de Porto Alegre, cenário da infância e

adolescência do protagonista e, ainda, na trajetória do adulto, prováveis ruas porto-alegrenses, como as citadas Carlos Trein Filho, Nilo Peçanha e Carlos Gomes — além do inevitável e onipresente rio-mar Guaíba. Com isso, Galera insere na malha ficcional brasileira a sua Porto Alegre, da mesma forma que um Liberato Vieira da Cunha, um Sergio Napp, um Amílcar Bettega Barbosa e um Sergio Faraco edificaram, individualmente, as suas Porto Alegres. E a cidade ficcional galeriana se encontra com a Porto Alegre real nos momentos em que há recriação da oralidade — tu, bah!, “gaúcho é melhor em tudo” — das ruas da capital gaúcha.

No entanto, é sim a problematização a respeito da bus-

ca por uma identidade que se traduz na questão central do livro. O Ciclista Urbano, que na adolescência passou a ser chamado de Hermano, entre outros desejos, ambicionava, mas não conseguia, absorver características, afirmativas, de um personagem próximo. Os ritos de passagem se faziam, mesmo, presentes. Urgentes. Até que veio uma inevitável, mas, relativizando, necessária tragédia. E uma omissão se tornaria combustível de culpa e ecos constantes no futuro. Os fatos, das variadas fases da trajetória, jogam, com sutileza, luzes nas escolhas do personagem central. Assim, o leitor pode vir a compreender, a partir de episódios da adolescência, por que Hermano — o Mãos de Cavalo — optou pela medicina e se tornou um cirurgião plástico. A narrativa apresenta ainda outras chaves que podem fazer com que o leitor venha a abrir portas e compartimentos para desvendar nuances de um personagem insatisfeito com o próprio destino.

Quem pedalou uma Caloi Cross, calçou kichutes ou tênis M2000 e teve o imaginário elaborado pela cultura pop, pode encontrar referências, e identificação, nas páginas de Daniel Galera.

Mãos de Cavalo, pela linguagem, pelo ritmo, pelo enredo, pelas descrições, pela dimensão do personagem, enfim, pelo conjunto, é — até este presente — um dos projetos de ficção mais bem realizados no Brasil literário contemporâneo. Galera escreveu, seguramente, a obra mais significativa de sua geração. E, devido ao fato do romance tratar dos impasses da construção de uma identidade, deve reverberar entre os leitores de 20, 30 e até mesmo 40 anos. Aqueles que, na realidade, pedalaram uma Caloi Cross, calçaram kichutes ou tênis M2000, e tiveram o imaginário elaborado pela cultura pop, podem vir a encontrar referências, e identificação, nas páginas desta longa narrativa. No entanto, **Mãos de Cavalo** diz respeito, não apenas a leitores de 20, 30 e 40 anos, mas a todos os mamíferos bípedes, dotados de polegar opositor, que vivem em um sistema que apresenta obstáculos e desafios diários. **Mãos de Cavalo** se traduz, ainda, em oportunidade para se refletir sobre a existência.

Mãos de Cavalo é um parâmetro para os demais autores tupiniquins pensarem a respeito do que é, ou pode vir a ser, um romance. **Mãos de Cavalo** é um marco. 🗨

“Mostro a mão para poder esconder o resto”

Raul Krebs/Divulgação



DANIEL GALERA: sem vocação para a coisa pública.

JULIO DAIO BORGES • SÃO PAULO – SP

Há uma década, o escritor, tradutor, blogueiro e músico paulista Daniel Galera vem dedicando grande parte de seu tempo às letras e à cultura. Aos 27 anos, é um dos nomes mais elogiados pela crítica literária nacional. Recentemente, lançou seu primeiro romance por uma grande editora, **Mãos de Cavalo**, pela Companhia das Letras. Antes disso, já havia publicado, pelo seu próprio selo editorial — o bem-sucedido Livros do Mal —, os volumes **Dentes guardados** (2000) e **Até o dia em que o cão morreu** (2003). Também mantém o blog **Rancho Carne** (www.insanus.org/ranchocarne) e a banda de pós-rock Blanced. Mas tantas realizações não o impressionam, ele garante. “É uma trajetória coerente, mas eu não diria que é composta só de êxitos”, diz. “Os êxitos são o que eu prefiro mostrar, como é natural. Fiz muita besteira pelo caminho.” É sobre essa trajetória, o mercado editorial no Brasil e os caminhos da literatura na internet que Daniel Galera falou ao **Rascunho**.

• **Você tem 27 anos. Está na internet desde 1996 e no mercado editorial desde o início da década. Atingiu o mainstream com o fanzine eletrônico COL. Publicou pela Companhia das Letras, foi adaptado para o teatro por Mário Bortolotto e está sendo adaptado, para o cinema, por Beto Brant. Há também o blog Rancho Carne, a sua banda, Blanced, e as suas traduções. Como Roberto Marinho, você acha que está “condenado ao êxito”? Prefere, como Lobão, dez anos a mil do que mil anos a dez? Será que estamos condenados a ser multimídia?**

Acho que tudo isso soa muito mais impressionante quando é citado dessa forma, numa minibiografia em um site ou numa entrevista, do que na realidade. O que posso dizer é que, a exemplo de boa parte da minha geração, me envolvi com a internet desde muito cedo, e com ela sempre consegui divulgar as coisas que fazia, por mais amadoras que fossem. Essas realizações me parecem fruto do uso intensivo da internet e de um movimento gradual de adaptação da minha vida ao meu gosto pela literatura. Tive fases de envolvimento com música, design gráfico, jornalismo. Ao longo dos anos, fui abrindo mão de certas coisas em detrimento daquilo que realmente me interessava: ler, escrever, publicar, traduzir, tudo o que tinha a ver com livros. Tive vontade de experimentar com tudo: com sites, uma editora, traduções e, agora, a publicação por uma editora grande, na qual cumpro somente o papel de autor. É uma trajetória coerente, mas eu não diria que é composta só de êxitos. Os êxitos são o que eu prefiro mostrar, como é natural. Fiz muita besteira pelo caminho. E acho que sou diferente do Lobão. Mil anos a dez talvez seja mais interessante que dez anos a mil. Bom mesmo é cem anos a cem. Ou oitenta anos a cento e vinte. Por fim, não acho que estamos condenados a ser multimídia, pelo menos não no sentido de atuar criativamente em diversas mídias ao mesmo tempo. Mas saber se movimentar pelas diferentes mídias é importante, nem que seja para dominar o essencial de suas linguagens, técnicas e sutilezas.

• **Com a edição do Proa da palavra (1997-2000) e, posteriormente, com os volumes da Livros do Mal, você confirma a impressão de que o futuro da literatura brasileira está na internet? Sua consagração pela Companhia das Letras é o começo da confirmação desses “pressupostos”?**

Há muitos novos autores que não participaram da internet de forma tão freqüente quanto eu (penso em Amílcar Bettega, por exemplo, ou em André Sant’Anna, Marcelo Mirisola e Paulo Scott, que tem um blog mas sempre

tocou seus projetos artísticos fora do mundo virtual). Eu não diria que o futuro da literatura brasileira está na internet. Isso dá à internet uma característica que ela não tem, que é sua suposta influência no estilo e no conteúdo da nova literatura. Por outro lado, é natural que a maioria dos autores novos tenha algum tipo de atividade na internet, seja no sentido de publicação, pesquisa ou simplesmente relacionamento social. Não há como escapar. A internet é responsável, talvez, apenas por um aumento gritante do volume de textos produzidos e publicados. Então, a sensação de que novos autores possam estar “saíndo” da internet é traiçoeira.

• **Ainda dentro da sua faceta de editor, primeiro na internet, depois em papel, como é, agora, estar “do outro lado do balcão” — já que as atividades da Livros do Mal estão suspensas temporariamente e você acaba de ser editado por uma das maiores editoras do Brasil? Essa experiência anterior, com autores jovens, interferiu na produção do escritor? Quais, a seu ver, são as qualidades e os defeitos dos chamados “autores novos” pós-internet?**

A única diferença é que posso me concentrar mais na literatura, sem ter que me preocupar com todas as outras questões que envolvem a publicação de um livro, desde sua produção gráfica até sua distribuição. O que aconteceu foi que a Livros do Mal, por ter sido um projeto bem sucedido, foi tomando proporções que nos obrigaram — a mim e a Daniel Pellizzari — a fazer uma escolha: ser editores ou ser autores/tradutores. É difícil conciliar os dois. E não sei se entendo o que você quer dizer com “autores novos pós-internet”. Suponho que se refira a autores que começaram publicando na web e depois passaram para meios impressos. Como no meu caso, acho que são autores que usaram a internet para escrever e publicar de forma quase desenfreada, e aos poucos foram concentrando seu foco, tornando-se mais rigorosos. Acho que esse é um caminho natural. Mas há exceções. Paulo Bullar, por exemplo, que publicamos pela Livros do Mal, foi um autor que desde o início produziu pouco e era muito rigoroso com o que decidia publicar, seja na internet ou fora dela. Portanto, qualquer generalização nesse assunto me parece inexata. Não dá para enquadrar todo mundo. Essa geração de autores é caracterizada justamente pela imensa riqueza de referências literárias e culturais, que são reelaboradas e recombinações de maneiras particulares por cada um, com resultados muito diversos. Os autores que acabam se destacando e conquistando um público fiel são os que têm talento e o exercitam com crescente rigor, buscando sua voz no meio de tanta gritaria.

• **O que você acha que valeu mais a pena para você: editar online, escrever para internet, editar em livro, traduzir ou publicar em livro? São atividades complementares? Se pudesse, você continuaria com todas? Ou escolheria uma única? Por quê?**

São complementares. Acho todas elas potencialmente interessantes, mas, na vida, as coisas acontecem em ciclos, e acho que meu primeiro ciclo de brincar de editor se fechou há um tempinho. Agora estou me dedicando a escrever e traduzir. Talvez eu volte a participar da edição de uma publicação ou me envolva com editoras no futuro, mas não tenho nenhum plano desse tipo agora. Se fosse forçado a escolher uma única, escreveria ficção, para publicar onde quer que fosse. Mas sempre será preciso combinar essa atividade com outras, para poder me sustentar. Isso não é uma sina, um fardo. É como as coisas são. Não acho que ser autor de literatura de ficção seja uma profissão. Pode vir a ser, para algumas pessoas. Mas não parto desse princípio quando escrevo.

• **Agora, saindo um pouco do lado multimídia e entrando nas adaptações da sua obra... Como foi ser traduzido para o italiano? Gostou da adaptação de Mário Bortolotto? O que espera de Beto Brant? E a recepção crítica, é o que você esperava? Ela lhe afeta? Talvez possamos resumir todas as perguntas aqui numa só: você se sente compreendido em toda essa trajetória múltipla?**

Italiano: foi ótimo, a sensação de ter um livro traduzido e publicado em outro país é muito boa, a noção de que há leitores lá longe lendo o que escrevo. Não houve muita repercussão, mas foi legal. Já conheci dois moradores da Itália que tinham lido meu livro, sem me conhecer. E um sujeito, em Roma, fez um curta-metragem com base num conto meu. Bortolotto: a adaptação do *Dentes guardados* para o teatro foi excelente, preservou o subtexto dos contos, ficou triste e engraçado. Gostei de tudo, sem



“Sou diferente do Lobão. Mil anos a dez talvez seja mais interessante que dez anos a mil. Bom mesmo é cem anos a cem. Ou oitenta anos a cento e vinte.”



“Os autores que acabam se destacando e conquistando um público fiel são os que têm talento e o exercitam com crescente rigor, buscando sua voz no meio de tanta gritaria.”

“Para um autor com algum talento e a determinação necessária, o espaço está aí. As editoras — de todos os tipos e tamanhos — estão atentas.”

O autor

Daniel Galera nasceu em São Paulo (SP), em 1979. Viveu a maior parte de sua vida em Porto Alegre (RS). Debutou como escritor na internet, em 1996, no Cardosonline. Idealizou — em companhia de Daniel Pellizzari e Guilherme Pilla — o selo Livros do Mal. Por meio desse projeto publicou seus dois primeiros livros: *Dentes guardados* (contos) e *Até o dia em que o cão morreu* (novela). É baixista da banda *Blanché*. Vive na capital paulista.

restrições. Filme do Beto Brant: não sei o que esperar. O Beto é um diretor muito livre, improvisa, modifica a história ao filmar. Assistirei quando ficar pronto, como se fosse um espectador qualquer. Crítica: já fui mais ansioso em relação à recepção dos meus livros pela crítica, mas hoje em dia encaro com tranquilidade. Acho que tive uma recepção sempre bem favorável, mais até que minhas expectativas. Mas me alegro mais a recepção dos leitores, sempre, os que vêm falar comigo ou me escrevem por iniciativa própria, seja para criticar ou elogiar. Por fim, não sei se sou compreendido, mas sinto que estou conseguindo me expressar, e esse é meu objetivo.

• **Dá para viver de tradução no Brasil? Você faria traduções mesmo que não precisasse viver disso? Quais são as peculiaridades de encargar o literário Jonathan Safran Foer, o visual Roberto Crumb, o marginal Edward Bunker, o cinematográfico Irvine Welsh e o blogueiro Salam Pax? O que dá mais trabalho: verter todo esse povo para o português do Brasil ou editar, em livro, os autores da geração internet?**

Pela minha curta experiência, dá para viver de tradução, se ela for aliada a outros trabalhos eventuais. Se eu tivesse uma situação financeira extremamente estável e tranquila, acho que traduziria algumas coisas só por gosto. Seria demorado demais entrar nas peculiaridades de cada autor que já traduzi, mas um dos prazeres é justamente mergulhar na voz de outra pessoa e tentar passá-la para o português. É um trabalho recompensador, para mim, mesmo que seja trabalhoso e ameace meus tendões das mãos, braços e ombros. Traduzir é mais fácil para mim do que editar, não porque seja mais ou menos trabalhoso, mas porque o trabalho de editor passa por atividades que não me agradam muito, de caráter mais burocrático e administrativo. Traduzir, por outro lado, é quase como escrever.

• **Você acha que publicações literárias, na web do Brasil, têm futuro? A internet vai continuar sendo o suporte primordial para estantes? Ou ainda há lugar para uma revista literária em papel? Gostaria de participar dela — ou pensa que sua carreira como editor online/offline já se encerrou? Quais foram seus maiores acertos e/ou erros? E os erros e acertos de quem está hoje no mercado?**

Acho que há lugar para revistas literárias em papel. A internet não elimina a relevância das publicações impressas. O importante é que elas tenham qualidade, não apenas gráfica, mas também de conteúdo. A idéia de participar de revistas impressas, tanto como autor quanto como editor, sempre me agrada. Publicações online também. Estou aberto às duas possibilidades. E não consigo discernir meus acertos e erros de forma clara o suficiente. Posso afirmar que não me arrependo de nada que fiz, seja na internet ou fora dela. O que não significa que não houve muitos erros. Tudo foi e ainda é um aprendizado.

• **Como você, um autor bem-sucedido, vê o “sistema literário” do Brasil? As editoras estão atentas para absorver os novos ou a sua trajetória é totalmente uma exceção? Existe um “caminho” a seguir? Que conselhos daria aos editores e às editoras? E aos jovens autores? Nosso mercado precisa de visionários como você, o Pellizzari e o Guilherme Pilla?**

Minha trajetória não é uma exceção. Acho que os últimos anos foram interessantíssimos para o mercado editorial. O surgimento de dezenas de editoras pequenas, entre elas a Livros do Mal, chamou a atenção para muitos autores novos, e também para novas maneiras de publicar e divulgar livros, incorporando a internet, fazendo pequenos lançamentos em livrarias legais, aproveitando novas tecnologias e o barateamento das mais antigas, incentivando o boca-a-boca, inovando graficamente. O grande mercado editorial absorveu um

pouquinho disso e, hoje, o que se tem é o convívio entre pequenas e grandes editoras, publicando uma quantidade inédita de obras e autores. O que falta, talvez, sejam leitores para fazer essa roda girar com mais energia. No meio disso tudo, nada ainda substitui o talento e o empenho pessoal dos autores. Para um autor com algum talento e a determinação necessária, o espaço está aí. As editoras — de todos os tipos e tamanhos — estão atentas.

• **A nossa geração de escritores é de guitarristas/baixistas/bateristas/vocalistas frustrados? Tem a ver com o Brasil ser tão musical? Todo mundo queria ser um rock’n’roll star? E seu blog, *Rancho Carne*, é mais um diário de suas atividades ou você tem alguma “ambição de mídia” para ele? Por que os blogs brasileiros não são tão importantes ainda, como são, por exemplo, nos EUA?**

Não vejo relação entre música rock e novos autores. Claro que há um punhado de autores identificado com isso, mas hoje em dia há um punhado de autores identificado com cada coisa que existe. Toco em uma banda, mas fazemos um ou dois shows por ano. É uma atividade que me dá muito prazer, mas ela não se confunde com minha carreira de escritor, que é a minha prioridade. Quanto ao meu blog, não tenho ambição nenhuma com ele. Ter um blog é algo básico para mim, pois sempre usei a web para tudo. Uso o blog para divulgar meus projetos, manter contato com amigos e dividir com os leitores pequenos fragmentos da minha vida pessoal. Mas ninguém seria capaz de me conhecer por meio do meu blog. O que publico ali é calculado, é uma imagem de mim mesmo. Não saio escrevendo sobre cada coisa que acontece na minha vida, muito pelo contrário. Talvez, ao expor uma pequena fração dela, eu tenha a sensação de estar controlando o que os outros sabem ou não a respeito de mim. Talvez seja minha forma um pouco paradoxal de lidar com a superexposição da intimidade que marca a época atual. Mostro a mão para poder esconder o resto.

• **Como foi ser Coordenador do Livro e da Leitura, em 2005, na prefeitura de Porto Alegre? Você tem vocação para a chamada “coisa pública”? Se pudesse dar um conselho ao MinC, sobre o futuro da literatura no Brasil, qual daria? E do MLU (Movimento Literatura Urgente), o que acha? E da Flip?**

Minha rápida passagem pela CLL foi uma experiência fulminante que me ensinou exatamente isso: não tenho vocação para a coisa pública. Nem para mandar em pessoas. Nem para ouvir reivindicações dos outros. Meu negócio é meu computador, meus livrinhos, meu trabalho. Eu tinha um livro para escrever, precisava do tempo. Mas foi legal. Entendi como muita coisa funciona. Conheci pessoas que se esforçam muito para realizar coisas positivas para a coletividade, em circunstâncias totalmente adversas de trabalho e orçamento. E conheci também os entraves, a má vontade, a falta de preparo e o apetite da burocracia. O conselho que eu daria ao MinC consiste numa única palavra: bibliotecas. Na Biblioteca Pública de Porto Alegre não se comprava um livro novo havia muitos anos. Nos meus quatro meses lá também não consegui comprar. Não há dinheiro. Era preciso antes dedetizar a biblioteca, para eliminar as baratas. Enfim, é uma situação bem grave, que requer pessoas talentosas e aptas. Não era o meu caso, portanto me retirei. Não assinei o manifesto do MLU porque não acho que escritores precisem de apoio estatal. Quanto à Flip, bem, é uma festa literária. Para mim, que fui convidado em 2004, foi ótimo. Me trataram como um autor consagrado, o que eu não era. Conheci meu atual editor lá, então de certa forma vínculo a Flip à oportunidade que tive de publicar pela Companhia das Letras. Tomara que ela prospere, que mantenha o foco mais nos livros, autores e leitores.🍷

trecho • mãos de cavalo

Embica a traseira do carro na esquina, freia, engata a primeira e acelera atrás dos garotos. Reconhece de imediato que rua era aquela, ainda que os terrenos baldios de outrora estejam ocupados por novas residências. O mato fechado à direita permanece intocado, uma ilha verde sobre a qual as casas ainda não ousam avançar. Na infância, muitas vezes tinha percorrido as trilhas estreitas que atravessavam o pequeno bosque, pulando córregos e procurando as imensas caranguejeiras que teatavam os troncos das árvores como imensas mãos peludas. Avista os jovens

correndo pelo meio da rua, duzentos metros à frente. Enquanto avança na direção deles, olha pra direita procurando a velha lata de tinta pendurada no galho, mas não a encontra. Faz muito tempo, devem ter tirado. Não tem dúvida de que a entrada que conduzia à clareira do mato ficava por ali. Isso quer dizer que já passou pelo poste. Consegue enxergar dois postes refletidos no espelho retrovisor. Qual dos dois seria? Com a grande envergadura dos dedos de uma das mãos, segura ao mesmo tempo a barra do volante e a haste do *piolet*.



JUREMIR MACHADO DA SILVA: argumentação inocente

De boas intenções...

Aprender a (vi)ver tenta mostrar uma nova maneira de (vi)ver, mas não consegue

ADRIANO KOEHLER • CURITIBA - PR

Um homem tem diversos momentos capitais em sua vida. As cirurgias pelas quais ele passa, necessárias ou de emergência, simples ou complexas, fazem parte destes momentos. Afinal, seja qual for a situação, uma cirurgia é sempre um momento em que o homem está ali à mercê de profissionais que enfiarão um bisturi em sua pele para consertar alguma coisa. E mesmo que seja uma intervenção simples, há sempre a questão de estarmos em um hospital, ambiente insípido que lembra a ausência de saúde.

Por isso, quando fui fazer uma simples correção de desvio de septo, peguei uma das tarefas mensais para este **Rascunho**, **Aprender a (vi)ver**, do gaúcho Juremir Machado da Silva. Não conhecia o autor e o título pareceu ser bastante sugestivo para um momento capital.

Cheguei ao hospital onde seria feita a cirurgia às sete da manhã e me colocaram para esperar em um quarto. Enquanto esperava, comecei a ler **Aprender a (vi)ver**. E em vez de relaxar para enfrentar a operação com calma, fui ficando meio agitado. Pode ser que a vontade de sair logo dali com o nariz consertado fosse maior que a de prestar mais atenção ao livro, mas não era. Naquele instante ali, de pijama azul necessariamente 100% de algodão, “inclusive o elástico”, como bem me alertaram as enfermeiras, tudo o que tinha em mãos para não pensar no bisturi era **Aprender a (vi)ver**. E prestei muita atenção ao livro.

E à medida que ia lendo, ia ficando mais agitado. Queria que duas coisas acontecessem brevemente. Uma era fazer logo a cirurgia e ir para casa. A outra era acabar de ler o livro. Veja bem, não é que Juremir não escreva bem. Ele escreve muito bem. Ele leu muito — pré-requisito às vezes esquecido por muitos que se lançam à carreira de escritor — e sabe usar suas referências em seu texto. Mas o jeito que ele escreve só fazia aumentar minha vontade de chegar logo ao fim do livro.

Em **Aprender a (vi)ver**, Juremir pretende sugerir a nós, leitores, maneiras diferentes de ver e viver este mundo. Como ele bem lembra, ver não é o mesmo que olhar, há diferenças. Bem como há muitas maneiras diferentes de se viver, não existe uma fórmula pronta. Mas o que pode ser um tema profundo — e felizmente o autor não é pretensioso a ponto de dar como título a seu livro um imperativo como **Aprenda a viver** —, em **Aprender a (vi)ver** revela-se um tanto quanto mal explorado.

Nas 34 crônicas do livro, Juremir não mostra ação, mas reflexão. O autor tenta nos convencer a sentir este mundo de outra maneira com argumentos às vezes pueris, às vezes óbvios demais, como se saídos de redações de vestibular, aqueles bonitos libelos da língua portuguesa concluídos com um nobilíssimo “Temos que ter consciência de que...”. Veja o trecho:

Por que será que nos vem, de repente, numa tarde de verão, quando o temporal desaba como uma sinfonia gratuita da natureza, essa vontade de tomar banho de chuva? Será apenas a saudade da infância? Ou, estranhamente, uma nostalgia do presente que não estamos conseguindo aproveitar. Complicamos a vida. Sempre queremos ir ao outro lado do mundo em busca do paraíso. Muitas vezes, chegamos a realizar esse sonho. [...] Conhecemos, então, pessoas que sonham em vir ao outro lado do mundo — esse outro lado onde moramos nós — para também visitar um pedaço do paraíso.

Ou, em outras palavras, a grama do vizinho é sempre mais verde. Argumentos assim permeiam as 34 crônicas, ora nos mostrando como poderíamos ver, ora nos mostrando o que poderíamos fazer de diferente. Os temas variam. São todos eles contemporâneos: moral, família, mídia, felicidade, o novo homem, a nova mulher e o mistério da existência. Mas em quase todos os casos o que se vê é a prosa de um adulescente, alguém que acha que já viu quase tudo mas tem o senso crítico de ter certeza de não ter visto tudo e que, conseqüentemente, não dá lições, embora tente.

Juremir tem as ferramentas para passar dos conselhos inocentes e adolescentes para uma crônica mais reflexiva, uma que convidasse a rever visões e vivências, dispensando o tom professoral teórico deste livro. No entanto, em **Aprender a (vi)ver**, ele acabou errando o tom e deixando mais um panfleto libertário dos milhares produzidos a cada segundo pelos contestadores de plantão. Pelo menos este está bem escrito.

PAULO KRAUSS • CURITIBA - PR

“Na solidão da África, no país mais pobre do mundo, na aldeia mais perdida e miserável, vi a noite mais linda, encontrei a mais cálida hospitalidade e serviram-me a melhor galinha da minha vida.”

Fosse pela regra jornalística, não deveria começar o texto com uma citação, técnica discutível e reservada para casos muito especiais, em que as citações são realmente impactantes para o conjunto do artigo.

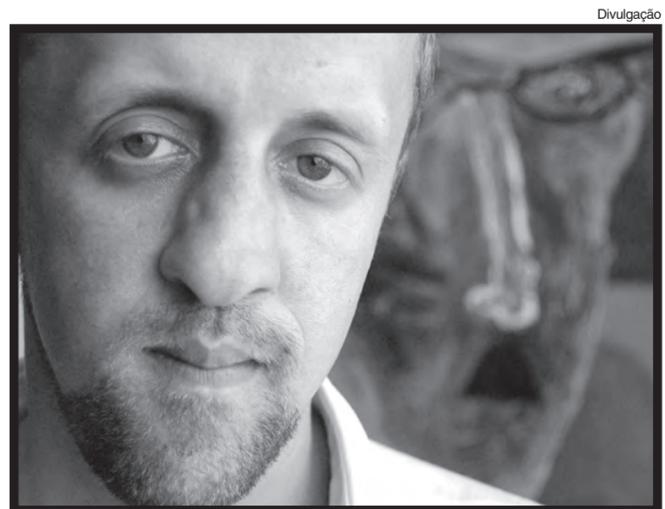
Pois não há forma melhor de se iniciar uma resenha sobre **A natureza do escorpião**, de Rosiska Darcy de Oliveira, do que com a citação acima, da crônica *Inquietações a propósito de galinhas*. É um trecho que representa profundamente este livro, para o bem e para a surpresa.

Rosiska, conhecida pelo perfil intelectual, alta formação acadêmica, e pela luta sem concessões pelos direitos da mulher, surpreende com leveza, tom poético, sensibilidade e simplicidade, a começar pelos termos escolhidos, como a palavra galinha.

Num mundo de tanto pedantismo, de tanto luxo, nada mais divertido e relaxante do que ver uma pessoa escrever, com segurança e humildade, a palavra galinha. Não frango, ou ave, mas uma simples galinha. Não, não é ruim escrever galinha, e nem é ruim gostar de um bom prato de galinha, ensina Rosiska.

É com sua sinceridade — que só não soa ingênua

3 Cronistas



FABRÍCIO CARPINEJAR: poesia e simplicidade.

Idioma sem palavras

Primeiro livro de Carpinejar como prosador é mistura de crônica, confissão e manual de sobrevivência

MOACYR GODOY MOREIRA • SÃO PAULO - SP

“Para amar, basta seguir a água.” Assim, simples. Em **O amor esquece de começar**, Fabrício Carpinejar, cujas publicações anteriores trazem poemas, estréia em prosa com um formato diverso, algo de crônica, algo de relato confessional, algo de manual de sobrevivência amorosa neste mundo de pedregulhos. A simplicidade dá o tom das relações e, para o autor, os que conseguem perceber as verdadeiras dimensões dos problemas, sem estereótipos ou lugares-comuns, vivem mais intensamente e podem, quiçá, almejar o que se classifica ordinariamente como felicidade.

Há, no livro, textos que beiram o aconselhamento, como os que falam sobre os filhos para pais separados, ou mesmo, momentos em que se sugere a entrega à profundidade e aos instintos como uma das poucas saídas possíveis. Porém, o que se destaca no conjunto das crônicas é a poesia. Em meio a um episódio mais corriqueiro ou uma observação aparentemente desprezível, surge a veia lírica de Carpinejar a ecoar no texto, a torná-lo mais elegante. Na tradição da crônica brasileira, notava-se semelhante efeito no texto preciso de Paulo Mendes Campos, poeta também, e em Rubem Braga, que não publicou versos, mas os derramava em meio às crônicas, invariavelmente.

Além da simplicidade, mais dois elementos perpassam as narrativas: a linguagem indecifrável do silêncio — dos gestos que falam por si — e a grandiosidade que há nos detalhes imperceptíveis, nos fragmentos: “o vitral é tão bonito porque já nasce em pedaços”. Os cacoc que, juntos, emitem uma luz multicolorida e fascinante, recolhem-se dos acidentes domésticos, do ex-marido que se percebe mais solitário que nunca, da ex-mulher que suprime sua dor com chocolates e filmes românticos. No homem que lava os cabelos da mulher amada, no amigo que se deixa abraçar para que, através daquele corpo sem nome, materialize-se a dor da perda de um filho. Em *Seis meses*, uma frase quase chinesa, que poderia figurar no I Ching, fecha a crônica: “Mesmo a árvore mais desatenta cuida da estrada”.

Com isso, o autor retoma nas crônicas uma temática comum a sua poesia, a busca de uma essência que não é perfeita, mas que, quando encarada de forma verdadeira, ajuda a fixar as tortuosas raízes, que compõem o caráter e viabilizam as relações. Há no livro uma forma sutil de descrever o mergulho na dor, como a mulher que se vê só, depois de tempos casada: “Deixará a samambaia sofrer como ela. Será capaz de comprar cactos por causa das pedrinhas brancas. Entende o estado mineral. [...] Agora já abre os potes de pepino e constata o quanto é fácil girar a tampa com o pano de prato”.

Um gesto singelo, como perceber hábitos do companheiro, a mulher que desabotoa a blusa do umbigo para os seios, e não ao contrário como se faz usualmente; a delicada descrição das sutilezas que pode ter uma cadeira de balanço; coisas assim aparecem ao longo de **O amor esquece de começar**, dispersas nos textos, demonstrando a sensibilidade para os silêncios do outro, para a respiração mais espaçada ou mais densa, cada qual com significados particulares. Em *Para dois*: “A falta de palavras é também um idioma”.

Lygia Fagundes Telles, no belo e pouco conhecido **A disciplina do amor**, livro composto de inúmeros fragmentos, abre assim o volume:

Estranho, sim. As pessoas ficam desconfiadas, ambíguas diante dos apaixonados. Aproximam-se deles, dizem coisas amáveis, mas guardam certa distância, não invadem o casulo imantado que envolve os amantes e que pode explodir como um terreno minado, muita cautela ao pisar nesse terreno. Com sua disciplina indisciplinada, os amantes são seres diferentes e o ser diferente é excluído porque vira desafio, ameaça. Se o amor na sua doação absoluta os faz mais frágeis, ao mesmo tempo os protege como uma armadura. Os apaixonados voltaram ao Jardim do Paraíso, provaram da Árvore do Conhecimento e agora sabem.

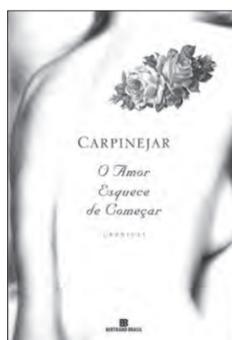
Fabrício Carpinejar pisou o terreno sagrado e agora sabe. Por meio das crônicas de seu mais recente livro, este saber é aspergido como o pólen nos tempos da primavera, pólen repleto de cotidiano e salpicado de poesia.



Aprender a vi(ver)
Juremir Machado da Silva
Record
160 págs.

O autor

Juremir Machado da Silva é gaúcho de Santana do Livramento, nascido em 1962. Escritor, historiador e jornalista, é autor de livros como **Cai a noite sobre Palomas**, **Viagem ao extremo sul da solidão** e **Fronteiras**.



O amor esquece de começar
Fabrício Carpinejar
Bertrand Brasil
286 págs.

O autor

Fabrício Carpinejar é poeta e jornalista, nascido em Caxias do Sul (RS), em 1972. É autor de **Cinco Marias**, **Como no céu/ Livro de visitas**, **Biografia de uma árvore**, **Um terno de pássaros ao sul**, entre outros.

O autor

Rosiska Darcy de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro. Viveu exilada na Suíça, onde estudou com Jean Piaget, e doutorou-se na Universidade de Genebra. É escritora, autora de **Elogio da diferença**, **A dama e o unicórnio**, **Outono de ouro e sangue** e **Reengenhar do tempo**, entre outros.



A natureza do escorpião
Rosiska Darcy de Oliveira
Rocco
197 págs.

porque antes de se abrir o livro é impossível desprezar o fato de que Rosiska é uma intelectual respeitada mundo afora — que a autora conquista o leitor.

E na primeira parte do livro, em que fala da infância, uma feminista conta que sua primeira batalha por direitos iguais aos dos meninos foi para também ter o privilégio de limpar o galinheiro e “portanto, a oportunidade de ascender à suprema felicidade: encontrar um ovo entre os gravetos imundos atrás do poleiro”.

E assim, sem medo de se expor, Rosiska nos mostra uma trajetória estritamente comum, com uma formação saudável e caseira, antes de surgir a ensaísta que deambulou pelo mundo.

É graças a esse apego ao caseiro e ao nostálgico que Rosiska consegue tornar mais factíveis suas crônicas, pois, independentemente do assunto, há sempre uma linha de comparação em que prevalece a simplicidade prática, e não o hermetismo intelectual.

Apaixonada pelo carnaval desde a infância, a carioca Rosiska relembra os tempos dos bailes infantis, ou das fantasias baratas e criativas, do tempo que carnaval era apenas carnaval, até chegar ao estágio atual, em que o que impera é a máxima de Nelson Rodrigues de que carnaval é mulher (nos dias de hoje, a mulher nua).

Em *Fantasia de mulher*, Rosiska recorda de quando o sisudo avô foi flagrado pela avó sambando na avenida de peruca ruiva e seios postiços. Enquanto a prática de

homens fantasiarem-se de mulheres ainda persiste, Rosiska percebe um novo carnaval.

Hoje, no Carnaval do nu, são as mulheres que se fantasiam de mulheres. Uma fantasiada dela mesma quando era jovem, outra lipoaspirada dela mesma quando era magra. Uma terceira, que nasceu feinha, em versão passada a limpo, exhibe a fantasia de mulher bonita. Nas avenidas desfilam as fantasias incorporadas na pele, o ano inteiro, e que nasceram de outras fantasias. As máscaras entram nos rostos, para o resto da vida.

Rosiska, que discorre com propriedade não apenas sobre galinhas e carnavais, mas também sobre política, sociologia e economia, é também uma crítica mordaz da ineficiência dos governantes em combater a violência, do consumo pelo consumo, da pressão do mercado e das grifes (“os pobres compram produtos piratas não pelos produtos, mas porque os produtos têm a grife desejada”).

Apesar de algumas de suas crônicas serem datadas, a maioria continua atual. Não exatamente porque a autora desejasse, mas porque os problemas permanecem, se não no mesmo lugar, pelo menos da mesma forma, como revela em *No subterrâneo dos sentimentos*, para finalizar com uma citação: “Não nos iludamos sobre nós mesmos. A civilização foi uma lentíssima construção e, na ausência de normas, quando o entorno lembra a selva, a besta acorda, célere, pronta a atacar”. 🐾

Muitas perguntas,



MOACYR SCLiar: exímio contador de histórias.

poucas respostas

Em OS VENDILHÕES DO TEMPLO, Moacyr Scliar une judeus, indígenas e brasileiros de três épocas

LUÍZ PAULO FACCIOLI • PORTO ALEGRE – RS

“Tendo Jesus entrado no Templo, expulsou a todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: a minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de ladrões.”

A pequena passagem do Evangelho segundo Mateus — que aparece também em Marcos e Lucas em proporções similares — tem um significado claro e inequívoco mesmo a quem não professe uma religião cristã ou tenha familiaridade com suas doutrinas. Entretanto, é uma das que mais têm freqüentado o imaginário ocidental ao longo dos anos por conta de um detalhe singular: a figura do Cristo irado, lançando-se contra os vendilhões do Templo em Jerusalém e suas heréticas práticas comerciais, não condiz com a do pregador da paz acima de tudo, que ensinava aos discípulos o “dar a outra face” em contraposição ao ancestral preceito judaico do “olho por olho, dente por dente”. A ira divina, tão assídua no Velho Testamento, manifesta-se através do Filho, às vésperas da Paixão, nesse inusitado episódio dos Evangelhos que o teatro, o cinema e a televisão cuidaram de retratar com as cores todas que faltam no texto bíblico.

Nas mãos de um exímio contador de histórias, o breve relato serve agora de argumento a uma nova história, e ele vai fazê-lo crescer e se multiplicar (não apenas no plano metafórico, como se verá adiante) numa obra literária de inteligente urdidura:

Nunca pensei em me tornar vendilhão do Templo, dizia ele, em alto e bom som, aos que quisessem ouvir. E os que queriam ouvir (nem tantos, mas nem tão poucos: algum sucesso alcançaram, em termos de vendas e de ouvintes) não tinham razão nenhuma para duvidar de suas palavras.

Nascido e criado no campo, estava destinado a ser um agricultor — como o pai e o avô. Como eles, trabalharia a sáfara terra de uma pequena propriedade. Como eles, gostaria a vida em dura rotina: acordar, sondar os céus (o que trariam as nuvens que se acumulavam no horizonte, a chuva tão esperada ou o maldito granizo que destruiria a plantação?), ir para o campo, arar, semear, colher. Como eles, teria poucas alegrias; como eles, morreria cedo, pedindo aos filhos, no leito de morte, que continuassem o seu trabalho. E isso, para uma pessoa de alta linhagem, para um descendente do patriarca Judá, era uma humilhação. Um sofrimento.

Assim começa **Os vendilhões do Templo**, mais novo romance do porto-alegrense Moacyr Scliar, num conjunto que atinge a impressionante cifra de mais de 70 títulos publicados. Nascido em 1937, o autor já supera em livros os anos de sua idade. Lançado pela Companhia das Letras, há uma curiosidade envolvendo a capa assinada por Victor Burton. *O pesador de ouro*, pintura do século 16 do flamengo Quentin Metsys, que faz parte do acervo do Louvre e cuja metade superior está parcialmente reproduzida na capa de **Na noite do ventre, o diamante** — romance anterior de Scliar, publicado pela Editora Objetiva em 2005 —, tem aqui sua outra metade usada como fundo. Dessa forma, uma visão mais completa do quadro aparece quando os dois volumes são postos lado a lado. Estranhamente, não foi dado o crédito devido à obra na ficha técnica, que peca também por não mencionar o fato nem esclarecer seu possível significado.

Já no parágrafo inicial, torna-se claro o viés escolhido por Scliar para contar à sua maneira a célebre passagem da purificação do Templo, da qual o exclusivíssimo protagonista é testemunha e vítima, e que vai dominar a maior — e melhor — das três partes da obra. Nessa primeira fase — que, a exemplo das outras duas, funciona perfeitamente bem como um romance autônomo e ocupa metade do volume —, Scliar diverte-se fazendo o que

de melhor sabe fazer: conta sua história com graça e competência, de um jeito simples, muito fluido, valendo-se de eventuais desvios na hora exata, na medida certa, sem nunca perder o fio da meada, a despeito da complexidade por onde tenha se enveredado a trama ou os devaneios do personagem. A impressão que se tem é a de que o autor conhecia a história nos mínimos detalhes antes de começar a narrá-la, e o ato de escrever significou tão-somente um resgate meticuloso do que já estava havia muito consolidado em sua memória. A chave do segredo também é de tocante simplicidade: sabendo de antemão exatamente aonde quer chegar, ele vai pelo caminho que quiser sem nunca se perder. E sem impor nenhum sobressalto ao leitor.

Humor judaico

Combinando o inigualável humor judaico, do qual Scliar é o mais antigo e bem-sucedido representante nas letras nacionais, com um caráter fabular calcado em símbolos também relativos ao judaísmo e outros não restritos a ele, o vendilhão do Templo — assim devidamente personalizado — é um sofrido campônio que deixa sua terra natal para tentar uma vida melhor em Jerusalém. Vende a propriedade por um preço aviltante, paga suas dívidas e muda-se com a família e os trocados que lhe sobraram para a cidade grande e promissora. Um homem honesto e trabalhador cuja especialidade profissional não interessa aos empregadores citadinos. Já às raias do desespero, recebe uma proposta de negócio de um antigo vizinho que migrara em idênticas condições mas conseguira fortuna vendendo pombos e fazendo câmbio de moedas estrangeiras aos peregrinos do Templo. Primeiro hesitante em aceitá-la, depois atrapalhado com as exigências do ofício, ele acaba tomando gosto por vender, prospera como negociante, sofre tropeços e já vem merecendo o respeito de seus

pares quando o Mestre invade o Templo e joga ao chão suas moedas, danificando sua mesa de trabalho.

Ao ódio contra o autor do prejuízo e as ofensas proferidas por Ele, junta-se a incapacidade do comerciante em fazer valer seus direitos e cobrar a devida indenização. E de entender o que tinha acontecido. Descontando na família suas frustrações, o relacionamento sempre muito difícil com o filho mais velho o leva a finalmente expulsá-lo de casa, e o rapaz acaba se envolvendo com o crime. Para completar, o filho caçula e preferido foge de casa para — ironia das ironias — seguir o Mestre: na ótica do pobre vendilhão, o grande responsável por toda sua tragédia pessoal.

O resumo sugere símbolos e analogias interessantes. O primeiro deles é o êxodo rural e seu óbvio parentesco com a realidade brasileira atual, mas que também traduz uma sutileza: o gosto pela atividade mercantil, sempre tão intrinsecamente associado ao povo judeu, não é tão primevo quanto parece — com a civilização judaica vivendo àquela época seu quarto milênio, nosso vendilhão custa a abandonar a atividade agrícola, há séculos legada de pai para filho em sua família, e sofre para aprender a arte do ofício de vendedor. Um dos momentos mais divertidos é quando ele, já plenamente à vontade no papel de comerciante, passa a ter uma visão empresarial de seu negócio, sonhando inovações risíveis mas dentro da lógica irretocável de quem está sempre farejando possibilidades de negócio, clientela e, sobretudo, lucro. Nesse exercício, alguém que sempre observado princípios morais rígidos torna-se pragmático e flexível a ponto de considerar a corrupção miúda — uma pequena propina aqui, um superfaturamentozinho aco-

lá — uma prática aceitável e até salutar ao aquecimento do mercado. (Onde mesmo se tem visto algo parecido ultimamente?) Também o conflito de gerações reflete, sem tirar nem pôr, o que ocorre na sociedade contemporânea, e a família em crise é seu emblema.

No Brasil

Na segunda parte, a narrativa faz um salto de 1,6 mil anos, atravessa o oceano e vem dar com os costados no Brasil colonial do século 17. O padre carioca Nicolau Veiga, da Companhia de Jesus, designado para substituir um colega recém-falecido numa pequena missão jesuítica no Sul, sequer tem tempo de aprender os rudimentos do guarani e um ou outro hábito indígena quando, com a inesperada morte do padre Manuel — que ficara sozinho e a quem deveria em princípio apenas auxiliar antes de ter condições de substituir —, vê-se subitamente no papel de líder de uma comunidade com a qual não consegue se comunicar. Tal como acontece com o vendilhão do Templo, à beira do desespero surge por milagre Felipe, um forasteiro que conhece ambas as línguas e se oferece como intérprete. O problema é que Nicolau desconfia do sujeito desde a primeira hora, sentimento que vai recrudescendo no decorrer da trama e lhe dá um tom de mistério. A passagem bíblica aparece agora de forma periférica quando Nicolau se choca e não sabe como agir com um velho bugre que expõe suas toscas esculturas em madeira — dentre elas, sugestivos pombos — numa mesa à porta da capela do lugarejo. Mais uma vez, o caráter alegórico sugere ao leitor uma rica simbologia, e é inevitável que sejam traçadas várias conotações. O desfecho deixa muitos pontos em aberto que só vão ser esclarecidos inteiramente na derradeira parte do romance.

A história viaja de novo no tempo mas permanece no Brasil. Narrado agora em primeira pessoa, o final se passa em 1997 na hipotética cidade de São Nicolau do Oeste, erguida no local da antiga redução e cujo nome homenageia justamente seu pioneiro mais ilustre, nosso já conhecido padre Nicolau. O assessor de imprensa da administração municipal, onde a esquerda acaba de assumir, acompanha a grave mudança no cenário político, que atinge também seu status profissional, às voltas com o divórcio, as dívidas, a mãe doente, a bebida e, ainda por cima, do assédio de um antigo colega de escola ressurgido em sua vida apenas com o objetivo de tentar conseguir por meio dele um favor especial da prefeitura. O reencontro também evoca ao narrador a lembrança de um episódio trágico acontecido no colégio e relacionado com a encenação da história dos vendilhões, fechando-se assim o círculo.

Scliar tem uma prosa de talhe convencional que dispensa acrobacias formais e tira sua força de uma elegante racionalidade. Isso não impede que, em algumas vezes, valha-se de um palavão ou de uma expressão chula, cujo inusitado acaba deliciando o leitor. Uma solução instigante é o uso do hífen para sinalizar, ao fim de determinados parágrafos, o desvio no discurso: um prosaico ponto certamente daria conta do serviço, e o travessão seria a alternativa natural ou mais lógica de quem quisesse inovar nesse detalhe. Mas, por que um hífen?

Na hiperbólica construção de **Os vendilhões do Templo** há um sustentáculo maior que o episódio bíblico que lhe serve de mote e ele consegue abarcar até mesmo a mísera indagação deste resenhista: em 33 d.C., um vendilhão, estupefato diante das vicissitudes que atravessava sem compreender por que, concluía que “a vida é feita de muitas perguntas e de umas poucas respostas”. Scliar há muito já sabe que o bom escritor semeia sempre mais dúvidas do que pode apresentar de certezas.

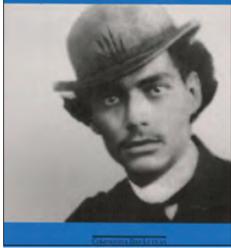
De certo, certo mesmo, é que, contando suas histórias, Moacyr Scliar vai legando à literatura uma obra superior e de rara originalidade. 7



Os vendilhões do Templo
Moacyr Scliar
Companhia das Letras
304 págs.

BREVE resenha | Romantismo subversivo

Castro Alves

por
Alberto da Costa
e Silva

Castro Alves, um poeta sempre jovem
Alberto da Costa e Silva
Companhia das Letras
200 págs.

FABIO SILVESTRE CARDOSO • SÃO PAULO - SP

O poeta Castro Alves é, para todos os efeitos das aulas de literatura no colégio, o poeta da abolição. Mais do que autor do romantismo, pertencente a uma geração que morreu jovem, Antonio Frederico de Castro Alves ajudou a forjar a imagem que se tem até hoje acerca dos poetas: passionais, coléricos, sem nenhum interesse que não seja a poesia. A propósito, pelo que se lê no brilhante perfil assinado por Alberto da Costa e Silva — **Castro Alves, um poeta sempre jovem** —, o rapaz de Currupiti era ao mesmo tempo a imagem e o construtor de cenas capazes de externar um sentimento de revolta no tocante a uma página infeliz da história do Brasil: a escravidão.

De volta ao início do parágrafo anterior, não há aluno do ensino médio que não tenha essa certeza: “Castro Alves foi o poeta dos escravos”. Segundo a análise de Alberto da Costa e Silva, essa impressão era um dos objetivos do próprio Castro Alves, ori-

ginando-se daí a natureza pública (e política) dos seus versos. Nas palavras do biógrafo: “O rapaz sabia o que fazia: não escrevera aqueles versos para serem lidos em silêncio, mas para serem recitados para a multidão. O seu era um poema que se queria subversivo. Revolucionário”. E assim o foi.

Como se nota no trecho acima, este perfil de Castro Alves não se limita a trazer uma perspectiva tão-somente pessoal do poeta, mas concilia, como poucos textos do gênero, o autor e sua obra numa relação quase inseparável, ainda que, para tanto, apresente as contradições entre o discurso do poeta e sua prática. Isso porque é bem possível que Castro Alves tenha aceitado o trabalho escravo em sua residência. Costa e Silva sobre isso escreve: “Os abolicionistas deviam enfrentar diariamente problemas de consciência. Eram contrários a uma instituição que os forçava a depender dela”. Notam-se, aqui, os méritos do autor deste perfil que não produz uma peça de apologia ao poeta. O perfil mostra Castro Alves por inteiro.

Além dessa, outras virtudes chamam a atenção nesta “minibiografia”. De um lado, tem-se a leitura crítica da obra do poeta, demarcando não só o estilo como também a evolução no que se refere à proposta temática. Por outro lado, há que se fazer menção à análise do contexto histórico em que o país do poeta Castro Alves existia. Nesse quesito em particular, Costa e Silva soube indicar ao leitor as principais características da sociedade escravocrata e a influência disso na formação cultural do Brasil.

Em pouco mais de 180 páginas, acrescidas de bibliografia e índice onomástico, **Castro Alves, um poeta sempre jovem** não é apenas mais uma biografia de um artista nacional. Se fosse apenas isso, aliás, já seria grande coisa, num país pouco acostumado a esse tipo de reflexão. O que se lê, no entanto, supera as expectativas iniciais até mesmo dos amantes da vida dos grandes artistas do passado. Com argúcia de historiador e as palavras de um poeta, Costa e Silva dissecou com lucidez a breve, porém intensa, lírica e criativa vida de Castro Alves. 7

Editora da Unicamp
O nome do livro universitário

EDITORA
UNICAMP

vendas 19 3788-7728
www.editora.unicamp.br

BILAC, o Jornalista



ISBN: 85-268-0735-8
Co-edição: EdUSP e Imprensa Oficial
Páginas: vol. I- 904
vol.II- 576
Ensaio- 200
Edição: 1
Tam: 16x23 cm.
Ano: 2006
Preço: R\$ 170,00



ISBN 85-268-0697-1
Páginas: 552
Edição: 1
Tamanho: 16x23 cm.
Ano: 2006
Preço: R\$ 58,00

Introdução à
Teoria da Predicação
em Aristóteles

LUCAS ANGIONI

ISBN 85-268-0716-1
Páginas: 216
Edição: 1
Tam: 16x23 cm.
Ano: 2006
Preço: R\$ 28,00

NAS MELHORES LIVRARIAS

A medida de todas as coisas

Em **ARQUITETURA DO HOMEM**, a poesia de João Carlos Taveira mostra-se avessa a modismos e recursos fáceis

RONALDO CAGIANO
BRASÍLIA – DF

Interrompendo um jejum de 12 anos, o escritor João Carlos Taveira, mineiro de Caratinga radicado em Brasília há mais de três décadas, reúne em **Arquitetura do homem** sua nova safra poética. Autor que rejeita as ginásticas formais, sem contido renegar as conquistas do modernismo, Taveira é um poeta clássico, que recepciona em sua engenharia verbal características de vários estilos e tendências.

Contido ou discursivo, o autor celebra a vida e questiona os rumos da humanidade. Em sua confecção literária, há a abertura para um certo hibridismo poético, o que significa não apenas a versatilidade de um processo criativo amadurecido e vigoroso, mas também a necessidade de diálogo com outros autores e escolas.

Este sexto livro de poesia se constitui num conjunto harmônico de poemas de temáticas e construções variadas, impregnado de uma musicalidade e uma semântica muito peculiares, em razão das influências de compositores clássicos na trajetória do poeta, que também é crítico musical. Transitando do lirismo (*Soneto de aspiração*) à crítica social (*Notícia de jornal*), variando do soneto ao haicai, do verso metrificado (*Arquitetura do homem*) à composição livre (*Diante do espelho*), da poesia elegíaca (*Berceuse*) aos versos epifânicos (*Autoconhecimento*), satíricos (*Toada gregoriana*) ou de homenagem (*O argonauta*), o autor se coloca a serviço de uma arte que tem como foco o homem, em sua escalada terrena permeada de angústias espirituais, fracassos amorosos e frustrações oníricas.

Não é sem motivo que escolheu para capa da nova obra o mítico quadro de Leonardo da Vinci, *O homem vitruviano*. É que sua poesia centra-se nesse homem como medida de todas as coisas, atenta com os dilemas existenciais: os insondáveis mistérios do amor, as perdas, a passagem do tempo, as dores, a morte, as mudanças sociais, a veloz permuta de valores num mundo cada vez mais estereotipado e dominado pelas visões imediatistas.

Arquitetura do homem
João Carlos Taveira
Thesaurus
120 págs.

Contido ou discursivo, **João Carlos Taveira** celebra a vida e questiona os rumos da humanidade.

Num tempo em que o sentimento é substituído pelo automatismo das re(l)ações, subjugado aos interesses da competitividade, quando as visões líricas e as utopias perdem espaço para as tecnologias, o conjunto poético de **Arquitetura do homem** tenta responder a esse velho dilema sem cair na pieguice do sentimentalismo delirante e inútil. Enfrentando o conflito entre a racionalidade exigida pela vida moderna e a legitimidade, valor e função da poesia num tempo caótico, agônico e de catástrofes, Taveira explicita seu inconformismo e questiona o destino da própria humanidade:

Neste mundo de egoísmo/ e tanta desigualdade/ entre o ter o não ter,/ entre máquinas, táticas/ e outras tecnologias,/ em

que proliferam/ guerras, desencontros,/ em algum lugar,/ em algum jardim,/ há de vicejar, incólume,/ a rosa que plantamos, / a rosa sobrevivente,/ de um tempo que não morre,/ infensa às asperezas/ que ainda carregamos./ Proclamemos a rosa/ guardiã de nossos sonhos!

Como o russo Maiakovski, que proclamou: “Eu/ à poesia/ só permito uma forma:/ concisão, /precisão das fórmulas/ matemáticas”, João Carlos Taveira, também compreendeu a responsabilidade estética de seu ofício. Ao consolidar a sua capacidade de síntese, equilibrando tema e forma, conteúdo e mensagem, não prescin-

diu do necessário burilamento e rigoroso orde-namento, que só os verdadeiros estetas buscam e alcançam. Assim, reite-rou sua profissão de fé: “amar sobretudo/ a precisão do verbo:/ pedra fundamental/ de tua criação”.

Portanto, estamos diante de um poeta que renunciou aos recursos fáceis de uma

poética diluidora e condicionada aos modismos e exigências do mercado, para erguer os alicerces de uma produção consistente. E nos deixa um grande legado: uma poesia apurada e depurada, densa e delicada, inquieta e apaziguadora. Acima de tudo, uma orientação em meio à luta cotidiana do ho-

mem e de sua busca por novos caminhos para a própria arte, exercício permanente de reinvenção do eu lírico e do sentido da linguagem, porque resultado de um olhar intenso para dentro de si e para o universo, atitude que possibilita compreender e interpretar o mundo por meio da palavra. 7

A cultura está ganhando CADA VEZ MAIS ESPAÇO em Curitiba.

Nos últimos meses, Curitiba recebeu o maior programa de recuperação de espaços culturais da sua história. Com investimentos de mais de 8 milhões de reais, ícones arquitetônicos, históricos e culturais da cidade, como Teatro Paiol, Ópera de Arame, Memorial da Cidade, Pedreira Paulo Leminski, Capela Santa Maria, Teatro Novelas Curitiba, Casa da Memória, Teatro do Piá, entre outros, estão em obras ou já foram recuperados e retomaram sua programação artística.

Para cuidar de tudo isso, a Fundação Cultural de Curitiba e a Lei de Incentivo à Cultura também ganharam uma nova sede moderna e bem equipada no Moinho Rebouças, um espaço privilegiado da cidade que estava abandonado e que agora se revitaliza, marcando uma nova mentalidade no gerenciamento da cultura em Curitiba.

É arte e vida em novo endereço.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

- Novo endereço: R. Engenheiros Rebouças, 1.732 - Rebouças
- Novo telefone: (41) 3213-7500
- Novo telefone da Lei de Incentivo: (41) 3213-7560
- Na Internet: www.fcddigital.com.br



ÀS FORMIGAS

as batatas, os dedos e os anéis

Um passeio pelo país do major Quaresma mostra que saúvas não são as únicas pragas que dilapidam o país e o povo brasileiro

VALDECI LIZARTE • CURITIBA – PR

Não é verdade que os brasileiros vivam num estado disfarçado de guerra civil. Equivoca-se quem alardeia ou noticia a permanente e violenta guerrilha urbana dos apinhados morros cariocas, das miseráveis periferias de São Paulo e Curitiba e de todos os outros grandes centros brasileiros. Não, o país não está em guerra. Não mais. Nós a perdemos há muito tempo. As formigas nos venceram e é justo que agora reclamem seu espólio.

E aqui não trato apenas dos insetos da família dos formicídeos, as populares saúvas, que já em 1915 o major Quaresma vaticinava que acabariam com o Brasil, se este não as exterminasse. O exército que ataca e destrói o país e seu povo é muito maior. Quem alerta é o próprio Lima Barreto.

Sete anos após o lançamento do inesquecível **Triste fim de Policarpo Quaresma**, o jornalista carioca publicou, em 1922, o pouco conhecido **Os Bruzundangas**. Nele descreve os batalhões de ratos, gafanhotos, cracas, vermes e sanguessugas da política e da sociedade que destroem sistematicamente o país numa voracidade e velocidade superiores à das formigas-da-roça.

Bruzundanga é o país da tramóia deslavada, do nepotismo escancarado, da corrupção descarada, da trapalhada, da impunidade. Um país entre as zonas tropical e subtropical, onde a elite, ignorante e frívola, admira escritores que não entende. Onde a nobreza cultural sobrevive às custas dos incentivos governamentais e o povo é “doce e crente, mais supersticioso que crente”. Características que o incauto leitor pode julgar semelhantes às do nosso país. E não erraria na comparação entre a Bruzundanga do início do século passado (1922!) e o Brasil atual. A começar pela literatura. Vejamos.

Todos os literatos importantes solenes e respeitadas em Bruzundanga são incompreensíveis. Quanto menos inteligível o escrito, maior a admiração pelo escritor. Outro fato curioso é que escritores e poetas são adeptos e admiradores da literatura do povo samoieda, que vive às margens do Ártico, na Sibéria, e alimenta-se de carne de mamutes conservados há centenas de séculos nas geleiras daquelas regiões.

Apesar de estatura baixa, pouco menor que a dos lapões, de cabelos e pele negros como o jade, são descritos pelos intelectuais bruzundanguenses alvos e altivos como os gregos. E apesar do país ficar nas zonas tropicais, usam no vestuário peles de urso, de martas e de raposas árticas, exatamente como os mestres samoiedas.

É um vestuário barato para os samoiedas autênticos, mas caríssimo para os seus parentes literários dos trópicos. Estes, porém, crenças na eficácia da vestimenta para a criação artística, morrem de fome, mas vestem-se à moda da Sibéria.

Todos eles fizeram fortuna e adquiriram respeito nos corredores das secretarias e nos desvãos do Tesouro da República, após seguidas publicações de obras com incentivos governamentais que, logo após impressos, são distribuídos a quem as queira.

Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os “sebos” as aceitem. São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão inflamadas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos vendedores de livros, por falta de compradores [...] se quer ter informação de entusiasmo pago, é nas lojas de merceiros, nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições para vendê-las a peso aos retalhistas de carne, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

O mesmo tipo de mecenato ocorre hoje nas imprensas oficiais estaduais e nas fundações culturais municipais de todo o Brasil.

Sobre o sistema político, Bossuet dizia que o verdadeiro fim da política era fazer os povos felizes. Em Bruzundanga e no Brasil ocorre o oposto.

A política não é aí uma grande cogitação de guiar os nossos destinos; porém, uma vulgar especulação de cargos e propinas [...] Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado; não há lá político influente que não julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República.

Bruzundanga tem todos os minerais, todos os vegetais úteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miséria. Tudo por causa do governo e de sua política econômica.



Em Bruzundanga, o café é tido como uma das maiores riquezas do país; entretanto é uma das maiores pobreza. Porque o café é o maior “mordedor” das finanças nacionais.

A situação não parece semelhante aos milhares de cargos comissionados rateados pelo governo e aos atos de um tal nepotista esclarecido, como ele próprio se define, que reina em terras do Sul?

“Não há pretos”

Caso cômico em Bruzundanga é o do obeso vis-

conde de Pancôme, que se tornou ministro e herói nacional ao escalar uma montanha. Ao assumir o posto de embaixador na Europa, ganhou fama pelas propinas e jantares oferecidos aos estrangeiros mas, principalmente, por demitir todos os funcionários mestiços de seu país que trabalhavam na embaixada. Lançava labéus de vergonha aos compatriotas de tal extração.

Em seguida, convenceu o presidente que o país devia ser conhecido na Europa por meio de uma imensa campanha publicitária e em anúncios nos jornais. Sua vontade foi feita e em todos os *boulevards* de Paris foram fixados os célebres anúncios luminosos: “Bruzundanga, país rico — Café, cacau e borracha. Não há pretos”.

Bruzundanga tem todos os minerais, todos os vegetais úteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miséria. Tudo por causa do governo e de sua política econômica que, basicamente, vive de taxar os produtos a tal ponto que os importadores perdem o interesse por eles e o povo não pode consumi-los. “A nossa população é em geral pobríssima e nós não devemos sobrecarregá-la fiscalmente”, defendia o ministro da Economia da Bruzundanga, o deputado federal doutor Karpatoso.

O que não o impediu que propusesse, a título de diminuir os sucessivos déficits dos balanços, o aumento das taxas sobre o açúcar, o café, o querosene, a carne-seca, o feijão, o arroz, a farinha de mandioca, o trigo, roupas de algodão, etc.

— *Vossa excelência quer matar de fome o povo da Bruzundanga.*

— *Não há tal; mas mesmo que viessem a morrer muitos, seria até benefício, visto que o preço da oferta é regulado pela procura e, desde que a procura diminua com a morte de muitos, o preço dos gêneros baixará fatalmente.*

— *Vossa excelência vai obrigar o povo a andar nu.*

— *Não apoiado [...] A seda e a lã ficarão pouco mais caros que tecidos de algodão. Toda gente vestirá de seda ou lã e a população de toda cidade terá um ar de abundância que muito favoravelmente há de impressionar os estrangeiros.*

A arrecadação de impostos tem batido sucessivos recordes no Brasil. Isso porque os encargos representam entre 40% e 50% do Produto Interno Bruto do país. Boa parte da arrecadação é utilizada para o pagamento de juros da dívida brasileira, que hoje chega a R\$ 1 trilhão. Os juros no Brasil são os maiores do mundo, seguidos pelos da Turquia, onde a taxa anual não atinge a metade da brasileira.

Por fim, os donos de terras, os trabalhadores rurais e os doutores da Bruzundanga. Lá o café é tido como uma das maiores riquezas do país; entretanto é uma das maiores pobreza. Porque o café é o maior “mordedor” das finanças nacionais.

Explico melhor. No país, o café, assim como a cana-de-açúcar, o cacau e a borracha, são a base da oligarquia política que domina a nação. E são cultivados em grandes latifúndios que pertencem a essa gente. Os proprietários vivem nas cidades, gastando à vontade, levando vida de nababos e com fumaças de aristocratas.

Quando os produtos não lhes dão o bastante para a sua imponência e a das suas famílias, comecem a reclamar que é preciso salvar a agricultura, que é a base da economia do país. E assim arranjam empréstimos de milhões junto ao governo. Feito isso, a coisa está acabada. Os oligarcas nadam em dinheiro, todo o país paga os juros e os empréstimos e o povo fica mais escorçado de impostos e vexações fiscais.

Enquanto isso, a população rural vive sugada, maltrapilha, macilenta e explorada pelos nobres de palpite que controlam os latifúndios abandonados e indivisos. Todos muito semelhantes em atitude e pensamento com os senhores do agronegócio brasileiro. Aqui e lá, todos dignos de ironia e piedade por causa de sua ingenuidade infantil e sua idiotice senil.

Faltou-me aqui comentar sobre a academia de letras, a formação dos doutores, o ensino e a diplomacia da Bruzundanga. Falta de espaço e não de ânimo. Mas fico por aqui.

Em relação ao Brasil, também me passou ao largo, mas não do esquecimento, o dinheiro na cueca e nas meias, os mensaleiros e a máfia das ambulâncias. Mas também fico por aqui.

O que me (nos) resta é banquetear as formigas com as batatas, os dedos e os anéis. E que nos locupletemos todos. E fico por aqui. ●

MONTE SINAI ABAIXO 2

SEIS CONSELHOS importantes para quem deseja escrever boa prosa

NELSON DE OLIVEIRA • SÃO PAULO - SP

Coordeno oficinas de criação literária há quatro anos. Meu método pedagógico baseia-se em parte no método de João Silvério Trevisan, cuja proveitosa oficina eu freqüentei no final dos anos 80, e em parte no método pedagógico da própria vida: tentativa e erro, decepção e surpresa, melancolia e epifania. Meu método é estocástico, ele se alimenta da contingência, do imprevisto, do acidente, da coincidência, do acaso, da incerteza, do aleatório. Tenho, planejados e anotados, todos os encontros de minha oficina, mas quase nunca sigo esse planejamento ou releio as anotações. Geralmente prefiro o improvisado.

A dinâmica da oficina é muito simples e, talvez por isso, bastante eficiente: durante os encontros todos os participantes tornam-se autores e também críticos da obra alheia. Uma vez que o papel do coordenador não é exatamente o de professor ou juiz, mas de fomentador, cabe ao grupo avaliar a produção do próprio grupo. O coordenador propõe exercícios que devem ser feitos na sala ou em casa, recomenda textos teóricos sobre certos aspectos da literatura e incentiva o debate. Os participantes escrevem e lêem seus textos, que são avaliados pelo coordenador e pelos colegas. E assim vai.

Literatura é arte, e, sendo arte, é algo

que está sempre em busca da liberdade plena (mesmo que a liberdade plena seja apenas ilusão). Quando o assunto é a prosa, a poesia ou a proesia, não há regras, fórmulas ou definições indiscutíveis e definitivas. Não há manual ou catecismo, ficções e poemas não são automóveis ou geladeiras. Na literatura, como na vida, tudo está em perpétua mutação, tudo é permitido. Estas notas sobre a atividade literária não foram gravadas em um disco de diamante que durará milênios, elas foram escritas em papel comum, que em poucos anos estará amarelo e mofado. São notas provisórias (como as de nosso pobre papel-moeda), à espera de algo melhor.

Definir é determinar a extensão ou os limites de algo. É limitar, demarcar, explicar o significado, dar a conhecer de maneira exata, expor com precisão, indicar o verdadeiro sentido. É enunciar os atributos essenciais e específicos de determinada coisa, de modo que a torne inconfundível com outra. Existem várias definições de conto (a definição clássica, a moderna, a pós-moderna, por exemplo), mas, na minha opinião, a melhor definição é a mais sucinta e abrangente: o conto é a narrativa curta, menor que o romance e a novela. Ponto final. Já a diferença entre o conto e a crônica é de natureza, não de extensão. O conto é pesado, a crônica é leve. O conto deve provocar e inquietar,

a crônica deve entreter e deleitar.

A diferença estrutural entre o conto e as narrativas mais longas (a novela e o romance) não é de natureza, é de extensão: o conto é sempre sintético (aqui a situação ficcional está superconcentrada, pois o conto trata de um único tema), ao passo que a novela e o romance são sempre analíticos (aqui a situação ficcional é constituída de vários temas e de muitas tramas paralelas). Não importa se o conto é fantástico, filosófico, psicológico, erótico, romântico, policial, de suspense, de ficção científica ou de aventura, ele sempre apresentará cinco categorias básicas, que são as mesmas da novela e do romance: o narrador, as personagens, o tempo, o espaço e o enredo.

Essas cinco categorias jamais surgem com a mesma intensidade. No preparo de sua especialidade culinária cada autor pode dosar esses ingredientes como bem entender. A variação na intensidade dos ingredientes é que possibilita os cinco diferentes tipos de conto. Há o conto em que predomina o narrador, há o conto em que predomina a personagem, há o conto em que predomina o tempo, há o conto em que predomina o espaço e há o conto em que predomina o enredo.

Estatisticamente existem mais contos de narrador, personagem e enredo do que de tempo e espaço. Os contos de narrador e

os de personagem são muito parecidos e estão no extremo oposto do eixo que liga estes aos contos de enredo.

Levando em conta esses extremos e o cabode-guerra que sempre ocorre entre o narrador (ou a personagem, com a qual muitas vezes se confunde) e o enredo, o conto pode ser estruturado de duas formas: há contos de narrador simples (ou personagem simples com enredo complexo (esses são os contos que seguem o modelo clássico: Boccaccio, Maupassant, Machado de Assis) e há contos com narrador complexo (ou personagem complexa) com enredo simples (esses são os contos que seguem o modelo moderno: Joyce, Guimarães Rosa, Clarice Lispector).

Eu particularmente prefiro o segundo tipo de conto, em que o universo psíquico do narrador ou das personagens surge com mais força. Esses contos tendem a ser mais passionais, menos harmoniosos, mais desequilibrados, exatamente como a maioria das pessoas. Neles, o antropocentrismo e a certeza clássica dá lugar à dúvida e a relatividade moderna. Mas é claro que não estou afirmando que o segundo tipo de conto é sempre qualitativamente superior ao primeiro. A literatura não é tão simples assim. Revelei apenas minha preferência atual (preferência provisória, como tudo na minha vida: não garanto que ela não vá mudar com o tempo).

■ **PRIMEIRO CONSELHO** importante para quem deseja escrever boa prosa (conto, novela ou romance): não deixe de ler bons poemas. Digo isso porque tenho notado que a maioria dos prosadores não aprecia a arte poética, assim como a maioria dos poetas não aprecia a arte da prosa. Isso não é sinal de inteligência. A arte da prosa e a do verso, quando dão as mãos, lucram bastante uma com a outra. Não resta dúvida de que a maior parte da má prosa escrita no mundo nasce de prosadores que ganhariam muito se fossem mais poéticos, do mesmo jeito que boa parte dos maus poemas escritos no mundo nasce de poetas que ganhariam muito se fossem mais prosaicos.

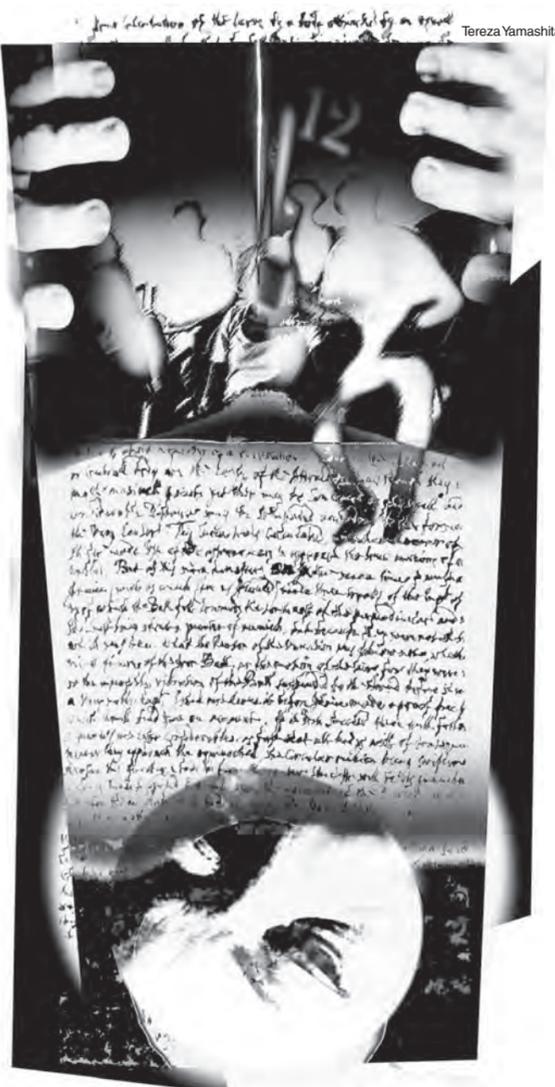
O prosador deve apreciar não só os bons poemas como também a boa música, o bom cinema, o bom teatro, a boa arte erudita e popular (os quadrinhos, os videogames, a MPB, os seriados de tevê). Como já foi dito (nunca é demais enfatizar), em seu sentido pleno, *poesia* é tudo o que, presente em algo feito por mãos humanas, desperta em nós o sentimento do belo. Daí ser bastante pertinente falar da poesia do conto, da novela, do romance, da música, do cinema e da própria poesia: do haicai, do soneto, da elegia, da ode, da epopéia...

As resenhas, os ensaios, as dissertações e as teses, ou seja, os textos teóricos, de análise crítica e de história das artes e da literatura, também têm que fazer parte da dieta do prosador e do poeta.

■ **SEGUNDO CONSELHO** importante para quem deseja escrever boa prosa: a literatura de ficção, da mesma maneira que os poemas mais interessantes, é antes de tudo linguagem, não enredo. Uma boa história não resultará num bom conto, numa boa novela ou num bom romance se o trabalho com a linguagem não for cuidadoso. O prosador não deve procurar com avidez o mínimo denominador comum: apenas a linguagem que é acessível à maioria das pessoas. Quem faz isso são os autores de best-sellers, simples contadores de histórias, não os verdadeiros escritores. Mas atenção: isso não significa que o inverso seja verdadeiro. A narrativa e o poema hermeticos, acessíveis apenas aos poucos leitores iniciados, não são obrigatoriamente verdadeiras peças literárias. O valor poético de certas narrativas e de certos poemas experimentais brota muitas vezes do equilíbrio: a linguagem nem é cifra demais nem banal demais.

■ **TERCEIRO CONSELHO** importante: evite os estereótipos, fuja dos clichês, corra dos chavões, não marque encontro com os lugares-comuns. O critério *originalidade* não é exclusivo apenas do desfile das escolas de samba, ele ainda faz sentido também na atividade literária. Evite as representações engessadas do amor romântico, da luta de classes, do sentimento religioso. Evite principalmente imitar o estilo e repetir os temas dos autores canônicos, sejam eles realistas, surrealistas, concretistas, regionalistas ou existencialistas.

6 conselhos



■ **QUARTO CONSELHO**: bons sentimentos não fazem boa literatura. Afaste-se do tratamento edificante, repleto de boas intenções. A sociedade está cheia de defeitos, porém a melhor forma de propor soluções não é produzir literatura doutrinária: prosa e versos panfletários, com o objetivo de defender determinada crença política, social ou religiosa. A literatura é sempre *do contra*, sua função é desmascarar a hipocrisia oculta em todas as causas, por mais nobres que sejam. É por essa razão que o poder muitas vezes rejeita a boa literatura, tentando amordaçar os autores mais críticos e contundentes.

■ **QUINTO CONSELHO**: a função da boa literatura não é entreter e deleitar, mas inquietar e provocar o leitor. O pintor japonês Kazuaki Tanahashi diz isso de maneira mais suave: "O que é agradável aos olhos não é perigoso". Se a narrativa e o poema passam o tempo todo adulando o leitor, dando-lhe somente o que ele deseja, evitando constrangê-lo ou contrariá-lo, essa narrativa e esse poema são péssimas peças literárias. Mas atenção: isso não significa que o inverso seja verdadeiro. A narrativa e o poema que passam o tempo todo insultando o leitor, criando constrangimento e mal-estar perpétuos, não são obrigatoriamente verdadeiras peças literárias. Muitas vezes o valor poético de certas narrativas e de certos poemas está no jogo entre a delicadeza e a grosseria, entre a suavidade e a dureza, entre o doce e o amargo.

■ **SEXTO CONSELHO**: liberte o humor e a fantasia. O senso de humor e a imaginação exacerbada têm grande importância na literatura contemporânea. A função da literatura é criticar a realidade em que vivemos, é mostrar as mazelas da sociedade e do ser humano. Não existe crítica mais contundente do que a do humor sofisticado, que faz o leitor sorrir e ao mesmo tempo refletir sobre os problemas do mundo. Muitas vezes esse humor nasce dos exageros da imaginação: para fugir dos clichês e dos estereótipos, o escritor passa a usar e abusar da matéria literária, criando neologismos, fraturando o discurso e compondo mosaicos, parodiando autores consagrados, misturando matéria-prima erudita (os clássicos) e vulgar (a cultura de massas), ou seja, enlouquecendo saudavelmente seu texto.

O humor, o nonsense e a irreverência são ótimas portas para a liberdade plena a que eu me referia há pouco. Não estou falando da piada, do deboche ou da palhaçada, cujo objetivo é arrancar gargalhadas da platéia. Estou falando do humor sofisticado, também conhecido como "exercício de lógica sutil" (Pirandello) que revela os aspectos ridículos e incoerentes dos seres humanos e a hipocrisia das relações sociais. Mas é importante que o escritor saiba rir dos outros e também de si mesmo. Não levar tão a sério nem mesmo a prática literária, esse é o caminho para o autoconhecimento. 🗝



CHAMADO SEDUTOR

Versos de **MANUEL BANDEIRA** convocavam os leitores a participar ativamente da aventura poética

JOSÉ CASTELLO • CURITIBA – PR

Em **A cinza das horas**, seu primeiro livro, de 1917, o poeta Manuel Bandeira nos oferece uma pequena jóia de doze versos, o poema *Versos escritos nágua*. As quatro primeiras linhas são cruciais. “Os poucos versos que aí vão/ Em lugar de outros é que os pohnho./ Tu que me lê, deixo ao teu sonho/ Imaginar como serão”.

Aí está, no “deixo ao teu sonho”, o mais corajoso, e também mais sedutor convite que um poeta, um escritor pode fazer a seu leitor: que ele se veja como um cúmplice, que se engaje como “co-autor” do que lê. Na verdade, não se trata de uma gentileza, ou um ato nobre, de Bandeira. Ao contrário, essa oferta é, a rigor, uma resignação.

Toda a poesia de Bandeira, toda a sua lírica, se baseia nesta decisão categórica: a de trazer o leitor para dentro do poema, a de incluí-lo em sua aventura; até porque, sem o leitor, a poesia nada é. Sem leitor, não há poesia, não há nada. E o poeta a isso se conforma. Nisso vê seu limite.

No mesmo **A cinza das horas** há outro poema, *Voz de fora*, que complementa este primeiro. Escrito há exatamente um século, em Teresópolis, ele convida o leitor a acompanhá-lo em uma caminhada de poeta, avançar que é, ao mesmo tempo, um deixar-se levar. “Deixa-te assim também derivar pela vida,/ Que é como um largo, ondeante e misterioso rio...”

Há um Bandeira grego escondido sob o jovem Bandeira pernambucano. Há algo mais que poesia? Não. Há aquilo que, na verdade, define a poesia: a capacidade de transformar sentimentos em idéias. Uma outra maneira de pensar, desorganizada, impulsiva, cheia de afetos, sobrecarregada pelo peso da imaginação. Lírica, se dirá, quase sempre com algum desdém.

Avançamos pela obra de Bandeira e, num salto, chegamos a **Libertinagem**, livro de 1930, que reúne o trabalho escrito nos seis anos anteriores. Lá, ao esboçar os fundamentos de sua escrita no decisivo *Poética*, ele, logo de saída, adverte: “Estou farto do lirismo comedido”. E, versos à frente (como o Vinicius de Moraes que, sem papas na língua, e cheio de fúria, escreveu a *Carta aos puros*), diz simplesmente, não precisa mais do que três palavras para dizer: “Abaixo os puristas”. E, com isso, define um lugar, uma posição. Marca outro limite, para que não o tomem pelo

Bandeira diz: “Abaixo os puristas”. E, com isso, define um lugar, uma posição. Marca outro limite, para que não o tomem pelo que não é, pelo que não deseja ser.

que não é, pelo que não deseja ser.

Em sua poética, Bandeira equipara o lirismo à libertação. Idéia que hoje, entreouvida nas mesas pedantes dos poetas formalistas, parecerá, por certo, um barbarismo, ou uma atitude romântica e fora de época. Mas é o próprio Bandeira quem diz desejar “todas as palavras sobretudo os barbarismos universais”. Faz poesia para sujar-se — lição seguida não só por Vinicius de Moraes, mas ainda por um poeta forte como Ferreira Gullar, o autor do belo **Poema sujo**.

Diz o clichê que o Recife, com seus canais e suas pontes, é a “Veneza americana”. Bandeira afirma o contrário, que a “Veneza americana” é o canal do Mangue, no Rio de Janeiro. Lugar suspeito e inadequado. Lugar de “gente que vive porque é teimosa”. Lugar sujo, mas que, por isso sim, interessa ao poeta lírico. Lirismo que não dispensa, mas incorpora, a brutalidade do real. “Passam estivadores de torso nu suando facas de ponta”, ele escreve. Lirismo que é também indignado e combatente, sem ser tolo; sem reduzir a poesia a uma bandeira.

Só o beco

Damos um salto. Em **Estrela da manhã**, livro que saiu em 1936, em uma pequena edição de apenas 47 exemplares, porque não houve papel suficiente para os projetados 50. Nele, encontramos um pequeno poema, poema mínimo, *Poema do beco*, escrito em 1933, que merece ser lembrado: “Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?! — O que eu vejo é o beco”. Em duas frases, uma pergunta (de homem apaixonado pelo Rio de Janeiro), uma resposta (de homem resignado), ele resume sua opção pela via estreita, mas fértil, do real.

É no trato direto da realidade que o poeta lírico se faz. Lirismo que é assim, não só subjetivismo, mas também maneira de viver. Lirismo que (como em Vinicius) extrapola o poema, ou o antecede, tanto faz. A valorização do pequeno, do mínimo, se exerce em contraposição à pompa e à suposta grandeza dos grandes poetas.

Aqui vale recorrer a **Lira dos cinquent’anos**, livro de 1940, que apareceu como parte inédita da primeira edição de suas **Poesias completas**. Nele encontramos um poema, *A morte absoluta*, que busca não só o mínimo, mas o nada. O nada absoluto, a

completa não existência. “Morrer./ Morrer de corpo e de alma./ Completamente.”, ele deseja. “Morrer sem deixar por ventura uma alma errante.” Sem rastros, sem pegadas, lembranças, sem deixar atrás de si, nem mesmo, uma memória. “Morrer tão completamente/ Que um dia ao lerem teu nome num papel/ Perguntem: “Quem foi?...”, diz. “Morrer mais completamente ainda,/ — Sem deixar sequer esse nome.”

Para além do nome, muito depois das palavras, ou antes delas, muito além da poesia enquanto gênero literário, o corpo. A existência que existe, e logo em seguida já não mais existe. O corpo: último reduto, para Bandeira, da poesia. A vida que um nome, uma palavra, não segura, de que a língua não dá conta. Primazia da vida, do cotidiano, sobre a palavra, sobre a literatura. A literatura como conseqüência, da emoção, da intensidade, do trabalho de arte, do pensamento afiado; não como princípio, não como começo ou núcleo.

Eis uma idéia que hoje parece estranha, mas que é muito fértil. Que diminui os escritores e a literatura, sim, e ao mesmo tempo os torna mais heróicos, pois tudo o que fazem, poemas, romances, livros, nada disso retém o que importa, sequer toca o que importa. Apenas circunda. A serpente que rodeia a sua presa, sem jamais conseguir o bote. Este andar à volta, este rodear, é a literatura. Ela não apaga, mais valoriza, aquilo que circunda. Sublinha, destaca, amplia, enriquece.

Falta de sincronia

Outro salto, e estamos em Petrópolis, em fevereiro de 1947, e chegamos a *Belo belo*, poema que empresta o título a um novo livro, de 1948 — que, repetindo a experiência anterior, sai como acréscimo inédito a uma nova edição da **Poesia**

completa. Poema célebre, em especial, por dois versos: “Tenho tudo que não quero/ Não tenho nada que quero”. É a discordância, a falta de sincronia entre desejo e real que o poeta enfrenta.

Mais: é a percepção desse desencontro, é seu acolhimento, que dele faz um poeta. Poesia, campo do desejo ou campo em que o real, aos trancos, se deixa devassar? Pergunta tola porque, feita desse modo, centrada em um “ou”, sempre exclui uma de suas respostas, quando o poeta deve ficar com as duas. “Mas basta de lero-lero/ Vida novas fora zero”, Bandeira responde, com humor, mas também sem disfarçar a irritação.

Exaltação em que ele, mais uma vez, se aproxima, se irmana a Vinicius de Moraes. Em *Saudade de Manuel Bandeira*, poema que escreveu em Londres, Vinicius diz: “Não foste apenas um segredo/ De poesia e de emoção/ Foste uma estrela em meu degredo/ Poeta, pai! Áspero irmão”. Também em **Belo belo**, Bandeira retruca com a formidável Resposta a Vinicius. É amoroso, mas duro: “Poeta sou; pai, pouco; irmão, mais./ Lúcido, sim; eleito, não”.

Ponto a ponto, ele responde a Vinicius esclarecendo (compartilhando) sua visão da poesia e dos poetas. Dois líricos, dois poetas incomodados e atingidos pela volúpia do real, a medir forças, a se confrontar amigavelmente, lealmente, dois companheiros exercitando uma elegante luta poética.

Ali, neste poema-resposta, Bandeira reconhece sua falha, sua ferida: “Este anseio infinito e vão/ De possuir o que me

possui”. Reconhece não só seu limite, mas o limite da poesia — limite que não a diminui, que não é um problema ou um defeito, mas, ao contrário, é sua própria condição de existência. Dessa falha, nessa falha, só nela, a poesia surge. Condição primária de existência, condição primeira para o surgimento da palavra plena que a poesia sempre é.

Ainda no mesmo livro, em *O rio*, poema que escreveu em Petrópolis no ano de 1948, Bandeira avança mais um pouco. Escreve: “Ser como um rio que deflui/ Silencioso dentro da noite”. E ainda, como quem dita suas pré-condições: “Não temer as trevas da noite”. Que trevas exatamente? Em **Nova poética**, de 1949, ele esclarece: “Vou lançar a teoria do poeta sórdido./ Poeta sórdido./ Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida”. Outro poema sujo, anterior ao poema sujo de Gullar.

Caminhar com Bandeira pelas trevas da noite dá nisso: nos leva a esbarrar em sentimentos e em coisas que nunca se completam. Em **Opus 10**, livro de 1952, em outro poema de aguda marca pessoal, *Saudação a Murilo Mendes*, ele deixa mais claro ainda: “Saudemos Murilo/ Grande poeta/ Conciliador de contrários/ Incorporador do eterno ao contingente”. É possível ser mais direto?

A poesia de Bandeira — para Vinicius também era assim — nasce naquele estreito beco em que circulam não só as palavras, mas também a vida, as mulheres, as amizades. A poesia tem por objeto, e é objeto, da experiência incompleta. A poesia busca completar o que não se completa.

A poesia de Bandeira — para Vinicius também era assim — nasce naquele estreito beco em que circulam não só as palavras, mas também a vida, as mulheres, as amizades.

Centenas de poetas

Lançamentos de poesia trazem antologia pernambucana e novos versos de autores contemporâneos

ÁLVARO ALVES DE FARIA • SÃO PAULO – SP

“Em nenhum momento tive a presunção de esgotar o que há na poesia pernambucana neste volume de 629 páginas. Mas consegui reunir 161 poetas que nasceram em Pernambuco ou que fizeram de Pernambuco seu domicílio literário. Acredito que a mostra é expressiva para a pretensão de um painel mais histórico que crítico, não-seletivo, apenas amostra mesmo.”

É o que afirma a ensaísta Cláudia Cordeiro, professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Recife, que organizou, juntamente com Antonio Campos, **Pernambuco, terra da poesia**, um painel da poesia pernambucana do século 16 ao 21. O livro faz parte do projeto Vozes Pernambucanas.

Todo mundo sabe que organizar uma antologia poética é dar um mergulho no inferno. Significa arrumar desafetos para o resto da vida. Houve quem utilizasse a expressão “canalha” para se referir a um dos nomes que compõem essa antologia, o que exemplifica bem os ânimos que cercam obras com este feito.

A verdade é que este livro representa um documento consistente sobre a poesia produzida em Pernambuco, terra de nomes expressivos da poesia brasileira. O crítico e poeta Hildeberto Barbosa Filho observa que o livro “impõe-se como um dos mais ousados projetos de organização da cultura, em especial da cultura literária no segmento da poesia”. Explica que não se trata de uma antologia, e sim, de uma coletânea, uma reunião, de um mapeamento da poesia de Pernambuco.

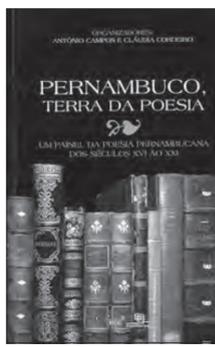
Gilberto Mendonça Teles chama a atenção para o critério de escolha dos nomes reunidos: “Percebe-se a interferência de critérios sutis, psicológicos e analógicos, de gosto, de estilo e de conhecimento estético-literário”. Observa que, de qualquer forma, **Pernambuco, terra da poesia**, “é uma preciosa representação da produção cultural de uma região do Brasil”.

Está correto. O livro é isso mesmo, a começar por Bento Teixeira (1550-1600) e Rita Joanna de Souza (1696-1718), até a geração 65, lembrando grandes nomes da poesia brasileira, entre eles Manuel Bandeira, Olegário Mariano, Ascenso Ferreira, João Cabral de Melo Neto, e até Ariano Suassuna e Gilberto Freyre — presente com dois poemas —, sem contar Dom Hélder Câmara. Destaque-se, ainda, que os organizadores incluíram no livro até aquelas figuras que se dizem poetas de uma corrente melancólica e que representa uma espécie de deboche da poesia brasileira.

De qualquer maneira, trata-se de um documento importante. No Brasil pouquíssimas coisas são importantes. Especialmente no que diz respeito à poesia. Neste caso, mais documentos assim deveriam existir, até porque este é um país que cultiva apenas mentiras. Quando aparece algo que não se confunde com a mentira, isso chega a chocar alguns indivíduos que têm poder na cena literária do país.

Outros

Tanussi Cardoso é um belo poeta do Rio de Janeiro e isso pode ser visto em **Exercício do olhar**, no qual



Pernambuco, terra da poesia

Vários poetas
Org.: Cláudia Cordeiro e Antonio Campos
Instituto Maximiano Campos/ Escrituras
629 págs.

Exercício do olhar

Tanussi Cardoso
Fivestar
148 págs.

Haikuazes

Hamilton Faria
Escrituras
108 págs.



O cão de olhos amarelos

Alberto da Cunha Melo
A Girafa
227 págs.

Delírios

Leila Echaime
Massao Ohno

sinaliza a poesia desse livro com Marcel Proust como epígrafe: “A verdadeira viagem não consiste em chegar a novas terras, mas em ver com outros olhos”. Um poeta sério, o que já seria o bastante. Tanussi demonstra mais nos poemas com uma elaboração consciente de quem conhece o ofício de escrever poemas com honestidade. Sobre ele escreveu Affonso Romano Sant’Anna: “Sua poesia é mesmo da melhor qualidade: densa, criativa, funcionando oral ou escritamente, reinventando-se continuamente”. **Exercício do olhar** é uma viagem nessa densidade que exige o poema: “a vida se vai como o gelo se desfaz;/ lento, frio, queimando as mãos./ nem as baratas me comovem mais./ nem as moscas. nem os cães”. Tanussi sabe onde está pisando, tem os pés no chão em relação à poesia e ao poema: “os sons sibilam na noite/ febre rindo dos umbigos/ e o poema e sua insônia e seu ruído/ é sílaba assonante e insana/ miragem de rimas/ é na noite que o silêncio se faz/ e o poeta esgrima”.

Na verdade, os poetas verdadeiros esgrimam mesmo e sempre saem feridos. Ai reside a poesia. Ai está a palavra.

Haikuazes é o título do novo livro do poeta Hamilton Faria, que nasceu em Curitiba e vive em São Paulo há 25 anos. Autor de cinco livros, Hamilton diz que o poema deve ultrapassar o estado de livro. Por isso realiza recitais de poesia desde os anos 70 e isso inclui leituras de poemas até em outros países. Por exemplo: está agora voltando de Paris onde foi homenageado como poeta brasileiro. A ordem do poeta neste livro é resumir o poema numa forma que lembra o haicai. Observa, no entanto, que não se trata de haicai, do qual guarda apenas o espírito. Haikuazes pode representar poder de síntese. Explica: textos mínimos num universo de emoções onde o poeta solta seus rios que se bifurcam em pequenos fios cristalinos que se transformam em viagens sonhadas. Hamilton Faria sabe lidar com as palavras, sendo o poeta que é, longe das badalações literárias e compromissado especialmente com um trabalho árduo que é o poema, que é a poesia: “Pequena estrela/ Solitária habita/ minha vida precária”, escreve em *A estrela e o precário*. *Rêverie* diz: “Envelhecer/ Como uma luz/ Azul”. Outro pequeno poema, *(In) Permanência*, confirma o rumo poético de Hamilton Faria: “Poesia não pare de rodar/ O mundo é circular”. Sobretudo inteligente, coisa rara. Só um poeta de verdade poderia escrever o poema *Eremita*: “Na estrada um velho/ À procura do imutável/ Descobre o eterno”.

O poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo está comemorando 40 anos de poesia, publicando **O cão de olhos amarelos** (A Girafa). Nesses 40 anos, o poeta nascido em Jaboatão, em 1942, publicou 12 livros de uma poesia honesta. Essa é a expressão mais correta para falar destes poemas de um poeta de trajetória digna. Por que

Tudo se exacerba mais ainda em **Mafuá do malungo**, livro de 1948, que começa com uma exaltação ao amigo João Cabral de Melo Neto, sempre disposto a imprimir livros de amigos em sua prensa manual. “A João Cabral de Melo Neto,/ Impressor deste livro e magro,/ Poeta, como eu gosto, arquiteto,/ Oferto, dedico e consagro”.

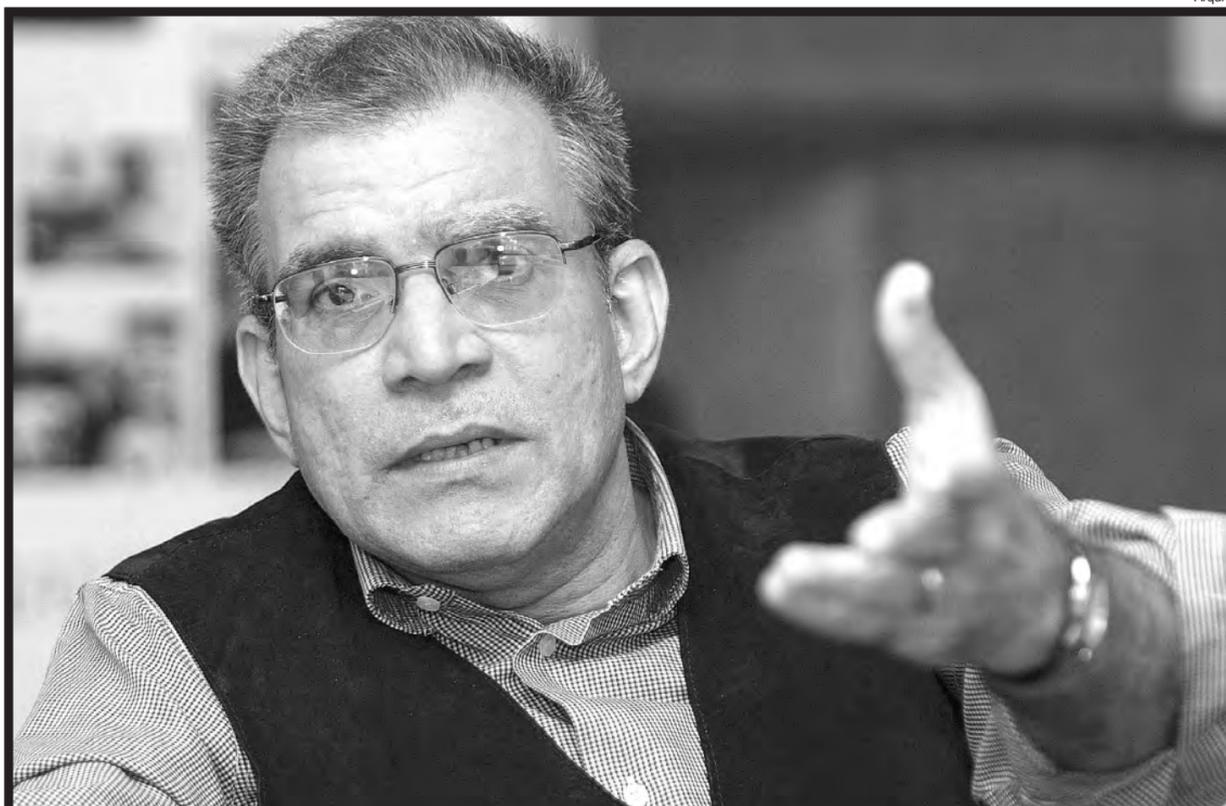
O **Mafuá** é um livro absolutamente pessoal, é um livro sem ilusões. A poesia tem um objeto? A vida. Não a grande vida, mas a pequena vida, das amizades, das circunstâncias, do dia a dia. O novo livro reúne versos “de circunstância” e versos “de cortesia”, tudo aquilo que, em nossa poesia intelectualizada de hoje, poesia “para profissionais”, parece inocente e inoportuno. Versos a Keats, a Mário de Andrade, a Thiago de Mello, a Murilo Mendes, a Rodrigo M. F. de Andrade Afetos, admirações. Terreno do estritamente pessoal, dos afetos, das intimidades. Poesia: coisa íntima.

Encontramos no **Mafuá**, entre tantas devoções e homenagens, um pequeno poema que Manuel dedica a si mesmo: *Manuel Bandeira*. Poema no qual ele medita a respeito de seu nome de batismo, seu nome inteiro, Manuel Carneiro de Sousa Bandeira. E nos motivos pelos quais o renegou, pelos quais resumiu o Carneiro de Sousa Bandeira em uma só palavra, em um só nome: Bandeira. Percebe, por certo, a ação da vaidade, o desejo de se esconder, a vontade de ser outro que, de fato, não é. Inquieta-se. E se censura: “Eu me interrogo:/ — Manuel Bandeira,/ Quanta besteira!”

Então, trazendo a poesia, mais uma vez, de volta para a rudeza das coisas brutas, ele pergunta a si mesmo: “Olha uma cousa:/ Por que não ouso/ Assinar logo/ Manuel de Sousa?”

digna? Porque a poesia de Cunha Melo sempre trilhou os rumos da poesia que se respeita como poesia, do poema que se respeita como poema. O poeta explica que a primeira parte de seu livro são monométricos (octassilábicos). Homenageia, como diz, uma forma poética da poesia japonesa já extinta, a *renka*, que repete tercetos ou dísticos. Cunha Melo é um poeta preocupado com a forma do poema, com a estrutura do poema, sempre se dedicando a uma elaboração distante das facilidades atuais na poesia brasileira. Mesmo o verso livre — digamos — tem seu ritmo estabelecido por música. Alfredo Bosi destaca: “...quer-me parecer que **O cão de olhos amarelos** se vale da retomada frásica e rítmica com vistas a outro efeito, a rigor oposto ao da melopéia encantatória. Trata-se de um modo de compor que tem a ver com o desígnio intelectual de chamar a atenção para o cerne semântico do poema”. Correto. “Devo escrever aquele livro/ que sonho ler desde criança:/ um livro para mim, um guia/ de escoteiro, um mapa de estrelas”, escreve Cunha Melo em *O livro projetado*, que diz ainda: “Alta parede sem limites,/ minha estante bate no céu/ mas está faltando o volume/ encadernado pelo sol”. É um poeta na mais correta acepção da palavra, o que mostra que não existe vida poética só no famigerado eixo Rio-São Paulo. Ainda se fala nisso. Nesse eixo existem, de fato, muitos equívocos e mentiras. A poesia de Alberto da Cunha Melo prova que nem tudo se perdeu.

Isso vale também para a poesia de uma mulher chamada Leila Echaime, de São Paulo, autora de vários livros e que publica agora **Delírios**, seguindo a linha que adotou para sua obra poética — uma palavra feminina de fina elaboração — desde **Flauta silente** (Roswitha Kempf, 1981). Leila corre pela margem. Senhora de si. Nada de alardes. Pelo contrário: escondida num universo mágico. De poesia mágica, sem invenções. Uma poesia clara. Diz o que tem a dizer e ponto final, a exemplo de várias outras mulheres poetas desta terra, como Astrid Cabral, Suzana Vargas, Dalila Teles Veras, Maria Lúcia Dal Farra, Maria Carpi, Myriam Fraga, Beatriz Helena Ramos Amaral, Neide Archanjo, Eunice Arruda, Flora Figueiredo, Helena Armond, Lília A. Pereira da Silva e Marize Castro, para citar apenas alguns nomes. Leila Echaime fala de solidão, de noite, de dor, com uma linguagem de mulher: “É que me sinto entre/ Todos/ A mais contrita/ A de dor inaudita/ A de morte perdoada”. Pouco se sabe de Leila Echaime. Desaparece por anos. De repente ressurgem num livro que publica com discrição. Está distante das palavras vazias de tanta crítica literária que vive de favores entre amigos. O trecho de um de seus poemas deste **Delírios** certamente pode ser o seu retrato: “E dos meus sonhos/ E tristeza/ Gerei em mim/ Uma trágica beleza/ e uma estranha/ Comoção”. Dora Ferreira da Silva se sentiria feliz em ler versos assim. ❶

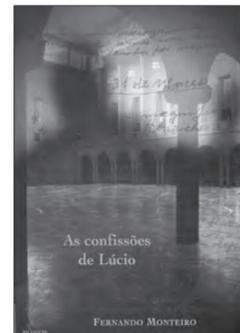


FERNANDO MONTEIRO: fora do "álbum de figurinhas brasileiras".

CONVITE AOS LOUCOS

ROGÉRIO PEREIRA E LUÍS HENRIQUE PELLANDA • CURITIBA – PR

Para quem escreve o pernambucano Fernando Monteiro? Segundo ele, não para os leitores do passado. E faz questão de convidar, para esse ato de imersão em sua literatura, "os loucos, os bêbados, as putas e os inimigos", em cujos elogios promete acreditar. Com o recente lançamento do romance *As confissões de Lúcio*, Monteiro dá continuidade a uma história e a um projeto iniciados em 2002, com a publicação de *O grau Graumann*. Lúcio Graumann é um escritor brasileiro desconhecido entre seus conterrâneos e que, repentinamente, acaba laureado com o Nobel. Dias antes de receber o prêmio, porém, o homenageado morre. Atormentado, o jornalista Mauro Portela, que se considera plagiado por Graumann, antigo colega de profissão, fica encarregado de administrar o espólio literário do grande autor falecido. A partir dessa trama, Fernando Monteiro, misturando ficção e realidade, criações suas e personagens verdadeiros — entre eles, vários escritores nacionais consagrados —, debate questões bastante amplas sobre literatura no Brasil e no mundo, seus propósitos e suas mesquinhas. Sempre polêmico e combativo, é sobre esses assuntos que Monteiro falou ao *Rascunho*.



As confissões de Lúcio
Fernando Monteiro
Francis
213 págs.

O autor

Fernando Monteiro nasceu em Recife, em 1949. É escritor, poeta, cineasta e crítico de arte. Autor de livros como *Amúmia do rosto dourado do Rio de Janeiro*, *Aspades*, *ETS etc.* e *O grau Graumann*, entre outros, atualmente publica, no *Rascunho*, o romance-folhetim *O inglês do Cemitério dos Ingleses*.

• **O narrador de *As confissões de Lúcio* diz que "a literatura brasileira é uma luz estranha de tungstênio entre os lustres e as fogueiras do continente obscuro. Nossa alma no vácuo compreende o outro — mas não se compreende". Esta também seria a sua definição para a literatura nacional? Qual a sua opinião sobre a atual produção dos autores brasileiros?**

Antes de mais nada, gostaria de pôr em dúvida o valor das entrevistas de escritores a respeito dos seus livros. É uma coisa que jornalista se repensada, pelos editores e pelos editores de jornais e revistas. Porque o que acontece é, primeiro, a projeção de uma determinada imagem (ou autoimagem), ainda que involuntariamente, do escritor entrevistado, sobre a tela das perguntas, muitas vezes em busca de explicações "horizontais" por sobre a verticalidade do teor de um livro. Claro, há livros e livros. Seja como for, uma vez ouvi García Márquez falar sobre isso: ele dizia que uma entrevista o fazia entrar, sem falha, na pele de "García Márquez", e responder às perguntas como talvez o entrevistador de GM esperasse que GM respondesse, criando-se, daí, um labirinto de espelhos que às vezes resvalavam na ilusão egocêntrica e até mesmo na mentira... Bem, eu não sou García Márquez, mas acho que, ao responder a perguntas sobre seus novos livros, mesmo os escritores sem fama internacional, não deixam de fornecer uma leitura da sua obra (uma das possíveis), provavelmente prejudicada por ser justo a do autor, a daquele que já falou o bastante por meio do livro em si, o qual aguarda por ser lido "livre" da sombra do escritor como que vigiando os "significados" daquela obra, a leitura dela "corretamente" (do seu ponto de vista). Tudo em nome dessa vontade monstruosa de explicar que grassa no Ocidente desde o Iluminismo, pelo menos. Dito o que, passo a responder à pergunta, lamentando estar aqui para fazer isso (porque também é necessário divulgar os livros, segundo dizem). Qual era, mesmo, a pergunta? Ah, aquela coisa do narrador de *As confissões de Lúcio*, que diz que "a literatura brasileira é uma luz estranha de tungstênio entre os lustres e as fogueiras do continente obscuro. Nossa alma no vácuo compreende o outro — mas não se compreende". Se esta seria também a minha definição da literatura nacional? Eu *tenho* uma definição dela? Talvez Mauro Portela, o tal narrador, tivesse uma. Esse "vácuo" abre outro vácuo na minha mente, penso na alma em branco da nossa cultura. Não sou, como o agora candidato a senador Ariano Suassuna, idiota o bastante para tentar propor uma mitologia para o Brasil (que nunca teve uma cultura autóctone) a partir daquelas idiotices sobre o Sertão da Onça Castanha, Malhada, sei lá, aquela coisa toda que forra a *Pedra* dele. Estou dizendo isso para irritar, de cara, quem rola de rir nas aulas-espetáculos do "professor de Bestética", como Jommar Muniz de Brito chamava — hoje, não chama mais — o homem capaz de

dizer que José de Alencar é mais importante do que Joyce e outras sandices. Mas por que eu desandei a falar do Suassuna? Por causa da cultura de Pindorama? Ele é *ela*? Não. A cultura brasileira é uma esfinge que nunca decifrou a parte que apenas acaba de (começar a) fazer parte do seu estômago de antropófaga, a cultura brasileira é esta resposta longa — e apenas a primeira — sobre um livro inteiro tentando responder a isso em duzentas e tantas páginas, e a resposta certamente é incompleta, porque somos como Deus: estamos ainda nos formando dos nossos próprios erros.

• **Desde *Aspades*, *ETS Etc.*, sua obra se caracteriza por estar sempre às voltas com o falso, num permanente jogo com o leitor. Esta opção criativa se distancia de um certo naturalismo que impera na literatura atual. O senhor se considera um escritor marginal?**

Totalmente. Me considero marginal, lateral, fora da série numerada da literatura tupiniquim e do álbum de figurinhas brasileiras com os lugares marcados na memória oficial (muitas das quais fotografadas para o *Rascunho* olhando para o fotógrafo com "ar inteligente", com direito a debate nas folhas centrais e duplas e tudo o mais). Esse "naturalismo" para mim é inexplicável, e fede como queijo de coalho enrolado com um rato morto num trapo de guarda-roupa do quarto de empregada nos fundos da casa. Essa gente quer restaurar Zola via a (falsa) "grande arte" de Rubem Fonseca? Só aqui no Brasil o desconhecimento das coisas poderia passar por *originalidade* retardatária. Vou tentar ser bem didático quanto ao que penso: não é possível, simplesmente não-é possível escrever, hoje, com a confiança de outrora no tecido narrativo — a "máquina em pane" da qual fala José Castello, nosso único crítico, neste momento, realmente contemporâneo e acordado para a necessidade de duvidar do texto, de interrogar a escrita, de pôr em dúvida a narrativa, como último recurso da modernidade (depois, nem isso haverá mais), certamente. A maior parte dos escritores de ficção do Brasil, nesta hora agônica, está ESCREVENDO PARA O PASSADO. Bote isso aí em caixa alta.

• **O senhor sempre combateu a atuação da Academia Brasileira de Letras. Em *As confissões de Lúcio*, as referências à ABL são bastante irônicas. Por que esta "batalha" contra os imortais?**

Há dois ou três anos, eu escrevi um longo artigo, neste jornal, sobre a ABL, que responderia bem essa pergunta. Nele, eu explicava que vejo a Academia — qualquer academia nos moldes dezenovescos da nossa "querida" ABL — exatamente como uma sobrevivência (até curiosa) do passado, no conteúdo e na forma imitadas da francesa, com espadas, dourados e penachos feitos dos bigodes de José Ribamar, vulgo Sarney, e outros beletistas lá assentados como "imortais". De qual imortalidade se está falando? O que há de veludo,

alfenins, chás e bombons na maldição do ato de escrever? Porque escrever é uma maldita pulsão que nos assola, isto é, assola a alguns, destrói suas vidas e os afasta da norma e até da felicidade (do rebanho). Escrever só é uma profissão porque os livros editados são vendidos e remuneram os escritores, de alguma forma, por meio de direitos autorais e até de prêmios como o Camões (no valor de quase 180 mil dólares), que acaba de ser recusado por Luandino Vieira, em Portugal. Aproveito um assunto da ordem do dia para "didatizar" o que foi chamado de minha "batalha" contra a vitória de Piro de ser acadêmico, imortal, múmia, o que quiserem. Trata-se da reação à recusa do prêmio Camões 2006, por parte do talentoso e digno escritor angolano José Luandino Vieira. Veja como isso foi recebido na Academia Brasileira, segundo o jornalista Ancelmo Góis: na sua coluna, ele informou que "caiu como uma bomba", lá, a notícia da recusa do prêmio mais importante da literatura em língua portuguesa, etc. Góis informou que Marcos Vilaça, presidente da Academia, disse que "respeitava o gesto do escritor", porém considerava que "Vieira faria melhor, já que é tão envolvido com as causas populares de Angola, se aceitasse o dinheiro e depois o doasse para alguma entidade ligada a estas lutas". Isso é pura Academia, o espírito mesmo das pessoas que estão lá, ou que querem estar, obrando. Porque *respeitar* o gesto do Luandino, ora, todos temos que respeitar (para começo de conversa), não é verdade? Imagino a tarde da notícia, na Academia cheia de velhinhos (e o aborrecido Paulo Coelho, garotinho do Palácio Trianon, onde vaga o fantasma revoltado do grande Machado) em torno da longa mesa de pastéis, empadas e bolo para degustarem com o chá das quintas-feiras (a reunião é às quinze horas, paga "jetom" e tem "livro de ponto"). Escritores brasileiros são muito sensíveis a prêmios e, principalmente, a dinheiro e a tudo que traga dinheiro: cargos, empregos, sinecuras, assessorias especiais e vantagens diversas. Então, devem ter ficado, primeiro, chocados com a decisão do Luandino, até mesmo irritados com ela, chateados com a recusa do sonhado Camões. Haveria algum Vieira brasileiro, capaz de, por princípios, recusar 100 mil euros e mais um diploma dourado que já foi para as mãos (no Brasil) de João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Rubem Fonseca e Lygia Fagundes Telles? Duvido. O bolso é um lugar de especial sensibilidade na bolsa literária local, onde se briga feio por prêmio até de prefeitura. Isso é autêntica Academia, o seu eu coletivo e profundo, incomodado, no fundo da alma mofada, pela notícia de um escritor africano a esnobar a Europa das honrarias (e das academias) portuguesas, espanholas, suecas, francesas e outras. Se Luandino houvesse aceitado o prêmio — de acordo com a maliciosa tese de Marcos Vilaça — para depois "doá-lo" (sic), primeiro, ninguém estaria escrevendo sobre o assunto, porque tudo teria decorrido como dantes, sem novidades no "quartel de Abrantes". Segundo, nas reuniões futuras da Academia, só

se ouviria o descrédito: “Luandino doou nada! Cem mil euros! Só acreditaria vendido!”. Isso é pura, sempiterna e hilária ABL legítima, velha de malícia político-literária de um século em torno da longa e farta mesa do plácido palácio das letras, que recolhe aluguéis e rendas de todo lado e não mantém um único programa de traduções dos escritores importantes, de bolsas-trabalho para os novos e tudo mais que ela até poderia fazer, se não fosse naturalmente engessada, solene e supérflua. Deixando o Camões de lado, façamos, no final, a pergunta inevitável: para que diabo serve uma academia, a não ser para a vaidade empavonada dos presidentes Sarneys e dos magos Coelho? (Não esqueçamos: Getúlio Vargas e o general Aurélio de Lyra Tavares também viraram imortais eleitos pelos votos dos notáveis que lá são sepultados, os crânios pelados virados para o passado da mesma maneira que...)

• **Além de Lúcio Graumann, que escritor brasileiro merece ganhar o Nobel de Literatura?**

Não vou responder dizendo apenas que não vejo nenhum à altura (como realmente não vejo) porque o Nobel já distinguiu escritores medíocres como Toni Morrison e Dario Fo, para citar premiações recentes (e houve inúmeras outras injustificadas, ao longo do tempo: John Galsworthy, Jacinto Benavente, Pearl S. Buck, a lista de nulidades laureadas é longa). Outros — como Yeats, Shaw, Mann, Eliot, Saint-John Perse, Seferis, Singer, Cela, etc. — foram realmente merecedores da láurea internacional. Porém, uma coisa é certa: o taco deles era forte. Ninguém — mas *ninguém* mesmo — é premiado com o “caneco” sueco de mais um milhão de dólares (atualmente), sem ter traduções e, principalmente, curso do seu nome na bolsa internacional de literatura, fazendo-se conhecido no âmbito da alta cultura, seja lá o que isso ainda queira dizer, na era da alta vulgaridade. Isso, porém, é outra discussão. O importante, por ora, é ressaltar que nenhum “Graumann” de Santa Cruz do Sul será premiado assim como acontece no meu “volume um” (**O grau Graumann**, Editora Globo, 2002). Portanto, é inútil esperar por algo, neste momen-

to, ainda mais remoto do que o Oscar dou-rado (que poderá até estar “pintando”, como se diz). Até agora, entre os brasileiros, quem teve a melhor chance — sob esse aspecto — foi só Jorge Amado, sem dúvida. João Guimarães Rosa tinha obra para tal, mas essa não tinha curso suficiente (e, talvez, fosse “preciso” premiar um português *antes* — porque eu ouvi dizer, de fonte segura, que os acadêmicos suecos achavam uma “gafe” dar o prêmio a um escritor do Brasil, país “herdeiro” de uma língua ainda não distinguida antes do soporífero Saramago ter o seu mau-humor laureado pelos velhinhos. Isso — também — é *pura* Academia, também lá no Norte da Europa).

• **Ao fim de *As confissões...*, lê-se que “literatura não se faz sem arriscar o pescoço dos autores não-amadores. Por que, então, poupar o pomo de Adão do longo pescoço dos editores?”, numa referência a possíveis personagens reais ao longo do livro. O senhor considera que a falta de profissionalismo guia a relação das editoras com os autores?**

A leitura do trecho final não é essa. Há, ali, um jogo satírico com as advertências usuais do tipo “qualquer semelhança é mera coincidência”. Pelo contrário, naquele aviso final, eu estou reiterando: “qualquer semelhança *não* é mera coincidência”, as pessoas estão citadas pelos seus verdadeiros nomes e tudo o mais. E é a verdade. Vou contar uma historinha (verdadeira). Antes de enviar o livro para a Francis, envie o original de **As confissões...** para a Companhia das Letras. E recebi uma recusa muito educada, até mesmo gentil, porém vazada nestes inacreditáveis termos — passo a ler a carta datada de 29 de março de 2001, que tenho aqui em papel timbrado e assinado —: “Caro Fernando. Com muito gosto lemos o seu livro encaminhado através da Elisa. Como tudo o que é seu, é desnecessário opinar sobre a qualidade do tex-

“Não sou, como Ariano Suassuna, idiota o bastante para tentar propor uma mitologia para o Brasil a partir daquelas idiotices sobre o Sertão da Onça Castanha.”

to. No entanto lamento dizer-lhe que não obtivemos das duas leituras realizadas a convicção de que este seja o livro certo para que uma mudança para a nossa editora se concretize. *Há um desconforto* [o grifo passa a ser meu] com o fato de a editora e pessoas do nosso conhecimento fazerem parte do enredo, etc. Um abraço, Luiz Schwarcz”. Sem comentários. E prosseguindo: sou consciente de que muita coisa do **Confissões** está à espera — talvez por muitos anos, ainda — do amadurecimento do leitor brasileiro. Mas, pelo menos a Francis, apesar de nova, está já amadurecida para o “projeto Graumann”, que não se esgotou com o romance recém-lançado na 19.^a Bienal do Livro.

• **Quais serão os próximos passos do enigmático Lúcio Graumann?**

Está acertado com o editor da Francis, Roberto Nolasco, o lançamento do terceiro e último volume da trilogia, ainda neste ano. Sairá, numa caixa, juntamente com **O grau Graumann e As confissões de Lúcio**, ambos em relançamento.

• **Fernando Monteiro é melhor escritor que Graumann?**

Fernando Monteiro, pra começar, não ganhou o Nobel. Ainda. Entretanto...

• **José Castello disse, numa resenha recente publicada no jornal *O Globo*, que o senhor “não escreve para brilhar ou comover, mas para produzir perturbação”. O senhor concorda? Como se produz perturbação nos leitores de hoje?**

Castello é uma voz lúcida e quase solitária em certas posições corajosamente assumidas. Por sinal, acredito que ele vá pagar caro pelo fato de estar, aqui e ali, denunciando, mais do que acertadamente, a crítica engessada que se urde nos departamentos de Letras das nossas universidades. Mas a caravana ladre e os cães passam. Quanto ao que ele diz na resenha, supo-

nho que, em certa medida, alude a uma crença nossa, que inclusive foi discutida, em Curitiba, quando daquele projeto de debate em torno do ato de escrever, com escritores convidados ao Teatro do Sesc da Esquina, em 2003 (*Inventário das sombras*, coordenado por Castello). Essa crença é a de que o escritor, ou melhor, o artista da modernidade (plena) precisa *produzir significação* antes de mais nada — para não perder o último vagão do bonde da estética não confundida com a bestética ensinada nos cursos de Letras (e, já agora, nos cursos de “formação de escritores” dispostos a ensinar até as manhas das entrevistas e outras mumunhas). Eu precisaria do **Rascunho** inteiro para explicar essa tese que me propus a discutir no Sesc, num evento que até rendeu uma cena de **As confissões...**, na qual Mauro Portela encontra (por acaso?) o Lúcio Graumann num voo para Londrina, com escala em Curitiba. Uma forma, também, de homenagear a cidade que tenho como minha — depois do Recife da cruz que carrego.

• **Para que leitores o senhor escreve?**

Não os do passado, certamente — com toda estima e respeito que me merecem os mortos que tiveram o privilégio de ler as primeiras edições de um Joseph Conrad, por exemplo. Você sabe, eu acredito que todo escritor escreve para aprender. Não para aprender a escrever, veja bem, mas para aprender, saber, conhecer algum núcleo misterioso das coisas e o seu eu, o qual será o compartilhamento final da experiência da sua obra com o fantasma do leitor sem rosto, num quarto solitário. Escrevo para o leitor que eu sou, para o leitor fora de mim, e para o futuro que se entorta na dobra do presente insondável. Palavras solenes, ao som de violino feito com a boca torta dos loucos que já não querem ler (como Nijinsky). Eis aí, surgiu aqui uma boa idéia: convido os loucos para lerem os meus livros, junto com os bêbados que deixaram de ser crianças porém se tornaram bêbados, ao menos. E não quero que nenhum acadêmico me leia, mas todas as putas delicadas e meus inimigos (não esquecê-los!), pois acredito no elogio deles. ●

MÁS ESCOLHAS

Volume que reúne as melhores crônicas de **ROBERTO DRUMMOND** não faz justiça ao autor de **Hilda Furacão**

RODRIGO GURGEL • SÃO PAULO — SP

Muito já se escreveu a respeito desse gênero fluido, não afeito a sistematizações, que adquiriu características peculiares no Brasil — a crônica. E talvez não exista melhor forma de compreendê-lo do que folheando uma coletânea dos textos de Rubem Braga, quando relemos o que foi escrito sob o impulso do momento, para suportes efêmeros como jornais e revistas, mas que alcançou uma densidade metafórica semelhante à dos melhores contos ou romances.

Saliente-se, contudo, a peculiaridade da crônica: a poesia, o drama ou a carga humorística encontram-se em pouquíssimas linhas, jamais concentrados a ponto de se tornarem imperceptíveis, nunca diluídos em dezenas ou centenas de páginas, num vaivém às vezes estonteante de personagens, mas oferecidos ao leitor naquela dose exata, precisa, que se equilibra entre o fato comum e a construção textual que eleva o dia-a-dia corriqueiro a um exercício não só de fantasia, mas de verdadeira recriação do cotidiano, revelando-nos o que Antonio Candido definiu com perfeição e simplicidade: “a grandeza do miúdo”.

Essa é, certamente, a melhor vocação desse gênero: erguer o circunstancial à categoria da metáfora que se espalha para além do texto e nos comunica a mensagem que obriga a refletir, nos conduz àquele instante no qual a verdade — ou somente um delicado prazer — surge de maneira inesperada. E com um detalhe fundamental: sem qualquer grandiloquência.

No que se refere ao leitor de jornal ou de revista, a crônica se assemelharia a um momento de suspensão do real, quando, ao virar a página, nos distanciamos do sobe-e-desce dos juro, das denúncias de corrupção e da variedade de crimes que notabiliza nossa espécie, para adentrar o universo que oferece uma pausa entre tantas loucuras, uma viagem ao que se esconde nos meandros da realidade.

Entretanto, quando retiradas do seu veículo original e transpostas para o livro, as crônicas passam por um teste severo, exigente: encadernadas e postas lado a lado com os outros gêneros literários, elas nos dirão se, de fato, conseguiram colocar-se acima do que é meramente casual.

Melhores ou piores?

É exatamente esse tipo de prova que enfrentam algumas das crônicas de Roberto Drummond — o conhecido autor dos romances **Hilda Furacão** e **Os mortos não dançam valsa**, entre outros —, publicadas de 1989 a 2002 nos jornais *Estado de Minas* e *Hoje em Dia*, e agora reunidas para formar um volume da coleção **Melhores Crônicas**, da Editora Global.

Há textos deliciosos, como *O mistério do telefone tocando no meio da madrugada*, que nos oferece o lirismo e o humor nascidos do imprevisto, mas temperados com uma simpática mineirice. Ou *Envolvendo Many Catão*, na qual o autor conseguiu mesclar memória e processo de criação, revelando, em cenas breves, duas vidas que se cruzam: a do autor e a de uma mulher que parecia aguardá-lo há muito tempo, apenas para servir como sua personagem. Em um preciso jogo de tempo e imagística, Roberto Drummond nos revela não apenas parte de seu percurso como escritor, mas insere a figura de Many Catão em uma penumbra fascinante, na qual ela se torna a personagem que sempre existiu, que se antecipou ao seu criador e que já o aguardava, latente, silenciosa, escondida.

Na crônica *Recordações de Belô City quando Deus estava feliz da vida*, encontramos um texto evocativo, pungente graças ao eterno tema da amizade e à maneira sincera com que o autor se desnuda. E se desejarmos um exemplo de como recursos extremamente simples podem criar uma beleza tocante, basta lermos *A menina das rosas* ou *Uma história de amor*. Nesta última, inclusive, o autor utiliza certo recurso estilístico que provoca um desvio no enredo, resolvido apenas no final. Recurso, aliás, usado também em *Lembranças de uma noite em que aconteceu o apagão*, na qual Roberto Drummond consegue deixar o leitor perplexo, ainda que desejando um outro final.

O autor abusa, entretanto, da anáfora, criando repetições cansativas. Insiste nesse recurso com pertinácia inaceitável e chega a dar a impressão, em certos momentos, de que está enfadado de escrever. Se lemos *Para curar um mal de amor*, chegamos ao final com a palavra “tinha” repercutindo cansativamente em nossos ouvidos. E o mesmo ocorre em *Para torcer*

contra o vento: depois de séries de “é”, “cheira”, “muda”, “que” e “vi” repetidos *ad nauseam*, o texto termina deixando a sensação de não ter, efetivamente, se concretizado.

Na crônica *Homem procurando Deus*, aos intermináveis “procurou” vem somar-se certa religiosidade infantil, certa catequese disfarçada por um lirismo inconvicente. E a mesma religiosidade, acrescida da febre de repetir, fazem de *Onde Jesus está* um amontoado de material indistinto, próprio do proselitismo mais vulgar, encontrável também no texto *Xô, Satanás!*.

Além dos textos completamente datados — caso de *Como é que pode, Brasil?* e *É tempo de herói* —, encontramos crônicas marcadas por um comprometimento social fácil, destituído de qualquer reflexão e cansativamente apelativo. É o caso de *Para ler (ou rezar)*, com suas entediadas repetições; e *A menina cor de chocolate* — verdadeira peça de engajamento monótono —, e *Abaixo o racismo, viva o negro!* e *Em defesa dos gays*, duas litânicas piegas.

Há também lugares-comuns desconcertantes, salientando-se os que terminam com a risível “cotovia que aprendeu a rezar”, em *Para uma moça com Aids*, ou a “língua do coração” de *Carta a Milton Nascimento*, ou, ainda, “a feia é linda” de *Em defesa das feias*. E, finalmente, a crônica mais decepcionante de todas: *É Natal*.

Questões mais sutis nos aguardam, contudo. Em *Os meninos dos dias de hoje*, um diálogo, que deveria ser marcado pelo humor, termina sem despertar qualquer interesse, prejudicado pela falta de *timing* e de precisão vocabular. Uma sucessão de acontecimentos comuns — acompanhados de recalcitrantes “tinha” e “é” — alcança seu final sem passar do estágio de uma lista recheada de ocorrências banais, na crônica *Uma cena na praça*. O clima de ansiedade não se materializa no texto *Crime no parque*, pois as expressões escolhidas mostram-se fracas na tarefa de gerar expectativa; e chegamos ao final sabendo qual será o desfecho. A repetição — mais uma vez — e a sucessão de frases soltas, como se colocadas a esmo no papel, matam o núcleo de *A insônia dos amantes*, cujo tema, se tratado de outra forma, poderia revelar o lirismo que Roberto Drummond soube expressar perfeitamente em outros momentos.

Estranhas ocorrências

A coletânea nos oferece também algumas ocorrências curiosas, pois há assuntos que se repetem de maneira incompreensível, obrigando-nos a acreditar que não houve qualquer critério de seleção na escolha dos textos, a não ser o estabelecimento de um período de tempo.

Ocego e a bela e *Ocego e a bela desnuda* são praticamente iguais. E diante da inocência da primeira, um dos melhores textos do livro — no qual, chegando ao fim, percebemos a vida que teima em prosseguir, apesar das decepções e das tristezas, amparada exclusivamente no sonho, mesmo quando ele é inatingível —, a segunda crônica perde completamente a razão de ser e de estar no livro.

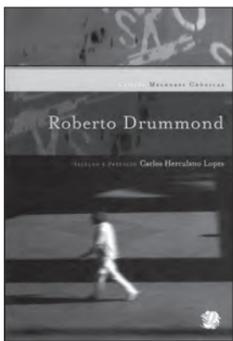
O fantasma de tia Júlia e *Um estranho episódio* sofrem de um mal semelhante, tendo apenas três páginas a separá-las, de tal forma que o mesmo ladrão parece ter passado duas vezes, quicã na mesma noite, pelo desconforto de ser confundido com uma mulher.

Por fim, o tema da adúltera é visitado em três oportunidades, sendo que a primeira — *Cheiros e perfumes* — é a crônica de melhor ritmo, culminada pelo marido triunfante e, logo a seguir, um final perfeito, em que o sentimento de culpa permanece irresolvido. Quanto às outras duas, *Evelina...* e *a tentação* nasce marcada pelo substrato moralista que acaba por prevalecer sobre os sonhos da

personagem, e a terceira adúltera, devota do Menino Jesus de Praga, encontra o destino que o título mal escolhido já nos revelara antecipadamente: *Com um tiro no coração*.

Ao final do volume é impossível não nos perguntarmos se Roberto Drummond teria sido realmente esse cronista que abusava das fórmulas fáceis. Ele não dominava essa faceta do seu ofício de escrever? Ou, pressionado pelo tempo, preocupado com seus romances, não se dispunha ao desgastante trabalho de elaboração sintética que a crônica exige? São perguntas que, frente ao material escolhido para compor o livro, permanecem sem resposta.

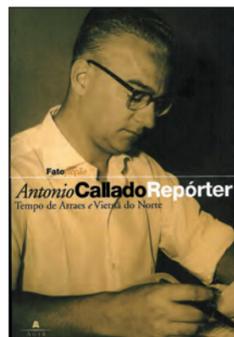
Altos e baixos são compreensíveis naqueles que têm a obrigação do texto semanal ou diário, mas que tantos momentos infelizes sejam escolhidos para fazer parte de uma coletânea que pretende oferecer o melhor de Roberto Drummond, isso é cometer, no mínimo, uma terrível injustiça. ●



Melhores crônicas
Roberto Drummond
Org.: Carlos Herculano Lopes
Global
320 págs.

PRATELEIRA

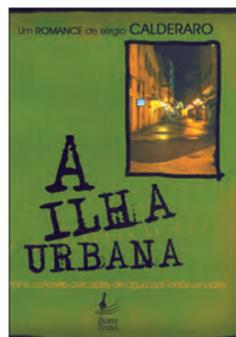
VIDA DE REPÓRTER



Antonio Callado, repórter
Antonio Callado Agir
228 págs.

Duas séries de reportagens escritas por Antonio Callado, ambas produzidas na década de 1960, foram reunidas para formar este breve volume da coleção *Fato e ficção*, da editora Agir. A primeira, *Tempo de Arraes*, trata das mudanças sociais que o governador pernambucano de então, Miguel Arraes, ao lado de intelectuais como Celso Furtado e Paulo Freire, propunha para o desenvolvimento da sua região. A segunda, *Vietnã do Norte*, acompanha Callado em sua peregrinação pelo país em guerra contra os Estados Unidos, conversando com guerrilheiros e com a população local, e visitando escolas e fábricas vietnamitas. Morto em 1997, o autor também foi romancista e membro da ABL. Escreveu os romances *Quarup* e *Madona de cedro*, entre outros.

ILHA UNDERGROUND



A ilha urbana — Amor e concreto cercados de água por todos os lados
Sérgio Calderaro
Bom Texto
160 págs.

Uma Florianópolis muito distante da que se vende e divulga Brasil afora — bela, ensolarada e mágica — serve de cenário ao romance do escritor paulista Sérgio Calderaro, de 35 anos, há uma década radicado na capital catarinense. Em *A ilha urbana*, Calderaro apresenta aos seus leitores uma Floripa *underground*, entupida de drogas e de álcool, repleta de botiquins, pensões baratas e bandas de rock alternativo. É por ali que Ricardo, o protagonista trintão, perambula, desorientado e sozinho, em busca de sustento para o cigarro, a bebida, a comida e a cama de cada dia. Sérgio Calderaro já foi revisor e redator de jornais, editoras e agências de publicidade em São Paulo e, hoje, mantém seu próprio escritório de comunicação em Florianópolis.

PENA DE DÂNDI



João do Rio, uma antologia
Org.: Luís Martins
José Olympio Editora
192 págs.

De acordo com a jornalista Cristiane Costa, o dândi João do Rio — morto de ataque cardíaco em 1921, aos 29 anos de idade — “embaralhou” as regras que distinguem o jornalismo da literatura ao colocar-se como personagem de suas próprias matérias. Foi uma espécie de precursor do que mais tarde se decidiu chamar de “jornalismo literário”. E foi, também, um fenômeno de popularidade em sua época, autor de sucesso e prestígio, membro precoce da Academia Brasileira de Letras. Boa parte de sua produção está reunida em *João do Rio, uma antologia*, organizada pelo escritor e jornalista Luís Martins. O volume está dividido em duas partes: *Contos* — reunindo títulos como *O encontro* e *O homem da cabeça de papelão* — e *Crônicas e reportagens* — que traz textos clássicos como *A rua* e *A era do automóvel*.

Trecho de *Hora de futebol*, de João do Rio

O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais, apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus. Essa gente subia para a esquerda, pedreira acima, enegrecendo a rocha viva. Embaixo a mesma massa compacta. E a arquibancada — o lugar dos patrícios no circo romano, era uma colossal, formidável corbelha de belezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores, de senhoras pálidas de entusiasmo, entre cavalheiros tontos de perfume e também de entusiasmo. [...] Os gritos, as exclamações cruzavam-se numa balbúrdia. Os jogadores destacavam-se mais na luz do ocaso. E de todos os lados, subia um clamor de turba, um clamor de circo romano, um clamor de Hipódromo no tempo que era basilissa Teodora, a maravilhosa...

VIDRAÇA

Bloomsday no UnicenP

Pelo segundo ano consecutivo, o UnicenP — Centro Universitário Positivo —, de Curitiba, celebra o Bloomsday, o dia 16 de junho, data que relembra as andanças do personagem Leopold Bloom por Dublin, no clássico *Ulisses*, de James Joyce. A partir de 12 de junho, toma conta do saguão do Teatro UnicenP a exposição *Internacional Joyce*, realizada em parceria com a Divisão Cultural do Departamento de Assuntos Internacionais da Irlanda. Várias outras atividades comemorativas estão programadas: mesas-redondas, leituras dramáticas e até apresentações de música irlandesa. Mais informações sobre o evento <http://cultura.unicenp.edu.br> ou pelo telefone (41) 3317-3283.

Do contra

José Saramago não acredita que governos possam administrar com competência quaisquer planos de incentivo à leitura. Mesmo participando da Comissão de Honra do Plano de Leitura Nacional de seu país, o Nobel português desceu a lenha na idéia de que o voluntarismo salvará a literatura. “É inútil”, disse Saramago. “Ler sempre foi e sempre será coisa de uma minoria. Não vamos exigir a todo mundo a paixão pela leitura.”

Morre Piroli

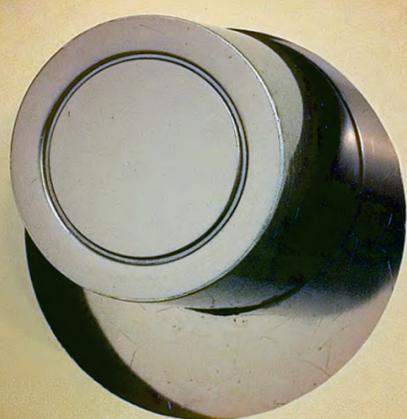
Morreu aos 75 anos, no último dia 3 de junho, de complicações provocadas por um derrame cerebral, o escritor mineiro Wander Piroli. Autor conhecido por retratar os personagens da noite de Belo Horizonte, Piroli, que já foi traduzido para o búlgaro e para o polonês, também escreveu para o público infantil. São dele os livros *Lagoinha*, *Os rios morrem de sede* e *O menino e o pinto do menino*.

Auster leva o Astúrias

O norte-americano Paul Auster foi o vencedor do Prêmio Príncipe de Astúrias de Letras de 2006. O júri que lhe deu a vitória, em Oviedo, na Espanha, declarou que o autor inovou “ao unir o melhor das tradições norte-americana e europeia” e incorporar na literatura certas características do relato cinematográfico. No ano passado, o prêmio foi conquistado pela brasileira Néliida Piñon.

Mais dois

O escritor goiano André de Leones, com o romance *Hoje está um dia morto*, e a carioca Lúcia Bettencourt, com a coletânea de contos *A secretária de Borges*, são os vencedores do Prêmio Sesc de Literatura deste ano. Ambos os livros serão publicados pela Record. A premiação ocorre no dia 20 de junho na ABL.



POR FAVOR,
NÃO
PERTURBE

(PASSEI O DIA INTEIRO
CONHECENDO FOZ)



PARA FICAR DESCANSADO,
RESERVE JÁ UNS DIAS EXTRAS
EM FOZ DO IGUAÇU.



Exatamente no ponto de encontro dos rios Iguaçu e Paraná, num clima agradável e acolhedor, mais de 1 milhão de turistas brasileiros e estrangeiros se encontram todos os anos. O motivo é um só: ver belezas naturais e atrações únicas como as Cataratas, o Parque Nacional do Iguaçu, a usina de Itaipu e as praias do lago da maior hidrelétrica do mundo em produção de energia. Quem curte os esportes da natureza pode aproveitar o tempo para praticar escalada, rafting, trilhas, e o tradicional passeio do Macuco Safari. Ou pode dar uma esticadinha ao outro lado da fronteira para saborear um suculento bife de chorizo argentino ou, ainda, apostar a sorte nos cassinos. Além disso, para seu conforto, Foz conta com uma rede hoteleira de qualidade, gastronomia e comércio comparável aos melhores destinos turísticos do mundo. Reserve já uns dias extras para conhecer melhor Foz do Iguaçu. Com toda certeza, você vai querer voltar sempre.

IGUASSU



CONVENTION
VISITORS
BUREAU

www.iguassu.com.br

VIRAMUNDO



literatura estrangeira

Quintana Roo Dunne/Divulgação



18 **josé maría arguedas**

os rios profundos

19 **somerset maugham**

confissões

20 **antónio lobo antunes**

memória de elefante

21 **adolfo bioy casares**

invenção de morel

22 **kurt vonnegut**

um homem sem pátria

23 **joan didion**

o ano do pensamento mágico

Hoje mesmo, uma ótima
atração cultural
(e você pode ler essa frase
em qualquer dia do ano).



A CPFL não gera só energia, gera também cidadania e cultura. Exemplo disso são projetos pioneiros como o Espaço Cultural CPFL. Com teatro, cinema, dança, música, literatura, artes plásticas e palestras diárias, o Espaço Cultural CPFL é um centro de reflexão e debate sobre as transformações do século XXI. Da sociologia à filosofia, da psicanálise às ameaças ao planeta, os mais diversos assuntos são discutidos pelos maiores intelectuais contemporâneos nacionais e internacionais.

C O M T A T O
A G E N D A C U L T U R A L



ESPAÇO CULTURAL CPFL

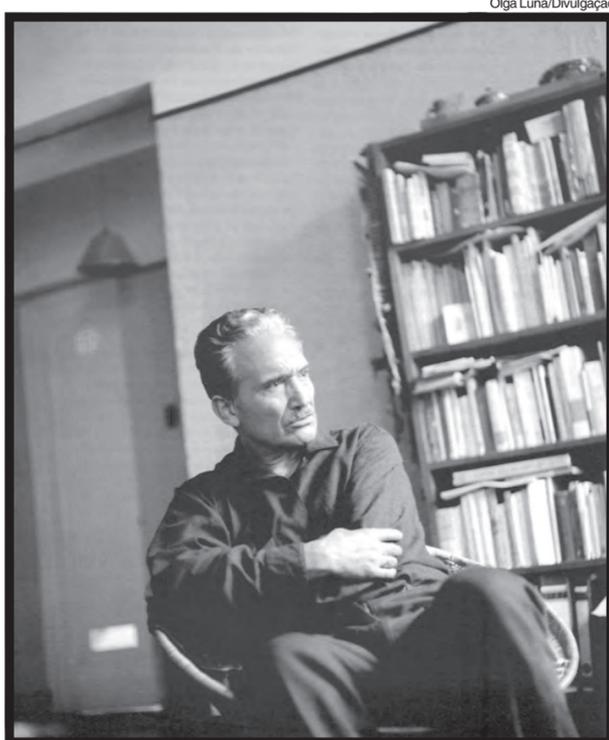
www.cpficultura.com.br

CPFL
ENERGIA

AS SOMBRAS DO LAR

Obra do peruano JOSÉ MARÍA ARGUEDAS propõe uma “globalização às avessas”

Arguedas era bilingüe quéchuca-castelhano, e muitos cânticos, na língua dos índios, são reproduzidos no livro, com trabalho apurado de tradução de Josely Vianna Baptista.



Olga Luna/Divulgação

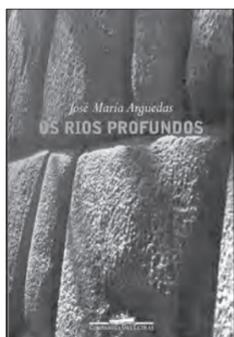
JOSÉ MARÍA ARGUEDAS: equilíbrio entre tradição e progresso.

MOACYR GODOY MOREIRA
SÃO PAULO – SP

“Pela primeira vez me senti protegido pelos muros do Colégio, compreendi o que era a sombra do lar.” Assim, o narrador do notável romance de José María Arguedas, **Os rios profundos**, publicado inicialmente em 1958 e relançado agora pela Companhia das Letras, sente-se, quase ao final de seu relato no regaço não de todo confortável do colégio em que foi deixado pelo pai para que pudesse ser educado. Na aldeia em que nasceu, tudo era propriedade de um único fazendeiro, nada era verdadeiramente seu. Por isso, a simples sombra de uma remota possibilidade de lar, para ele, era uma situação concreta, um local onde se reconhecer seguro e do qual poderia se sentir parte integrante, mesmo que parcialmente.

Ocorrem-me os versos de Vinicius de Moraes: “Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi: não sei. De fato, não sei/ como, porque e quando a minha pátria/ mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água/ que elaboram e liquefazem a minha mágoa/ em longas lágrimas amargas./ Vontade de beijar os olhos de minha pátria/ de niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...” Numa nação cindida, cujo povo se divide e se busca, não sabendo bem onde e como, e talvez conhecendo os porquês, mas não os compreendendo exatamente, Arguedas, um dos mais destacados escritores peruanos do século 20, alinhava essa declaração de amor a um ente que, pela delicadeza que conduz muitas passagens do livro, tem nitidamente a intenção de acarinhar a sua pátria e passar-lhe a mão pelos cabelos.

As sombras imensas provocadas pela Cordilheira dos Andes sobre os povoados que Ernesto conheceu em companhia do pai, que errava de lugarejo em lugarejo, e as sombras projetadas na tela das desigualdades, vividas entre camponeses e habitantes das cidades, indígenas e descendentes de espanhóis, latifundiários e seus inúmeros agregados, tecem na observação do narrador um retrato do Peru na primeira metade do século passado. Como o Brasil, que viveu seus tempos de surto de desenvolvimento com Juscelino Kubitschek, o Peru, após sucessivos governos militares iniciados em 1930, em constante conflito com os apristas — liderados por Víctor Raúl Haya de la Torre, fundador do partido que deu nome ao grupo (Apra: Alianza Revolucionaria Americana) —, viu crescer suas exportações a partir dos anos 50, numa política orientada por Washington, porém com aumento abismal das diferenças, já então bastante marcantes no país. O embate aparece em inúmeros momentos do livro, às vezes com



Os rios profundos
José María Arguedas
Trad.: Josely Vianna Baptista
Companhia das Letras
320 págs.

Obras como **Os rios profundos**, alertam para o cerne violento das nações da América do Sul.

mais sutileza e certa ironia: “Os poderosos não vêem as flores pequenas que dançam à margem dos aquedutos que regam a terra. Não as vêem, mas elas lhe dão o sustento”.

O livro de Arguedas expõe, com acurácia e um lirismo surpreendente, os pontos extremos deste impasse: de um lado os descendentes dos espanhóis conquistadores e a influência maciça da Igreja Católica; do outro, a música, que perpassa todo o volume num emolduramento delicado, que pode ser quase ouvido, tamanho é o detalhamento nas descrições de instrumentos e ritmos, além dos costumes dos povos dos Andes, herdeiros diretos dos incas, que dominavam boa parte do país antes da chegada dos europeus. Arguedas, que se suicidou em 1969, era bilingüe quéchuca-castelhano, e muitos cânticos, na língua dos índios, são reproduzidos no livro, com trabalho apurado de tradução de Josely Vianna Baptista — que, inclusive, enriquece a publicação com notas explicativas sobre termos e estudos mais detalhados sobre o autor.

Forças antagônicas

O fascínio de Ernesto pelos profundos rios que cortam as montanhas é outro elemento essencial do livro: o rapaz conversa com eles, pede-lhes proteção, identifica, pelo marulhar das águas, as mudanças climáticas e os presságios, por vezes bons, mas em sua maioria nefastos, que o zunido do vento, que se desvia nas rochas e ressoa no leito borbulhante pode trazer. As formações rochosas e as construções de pedras dos índios são também fontes de inspiração e temor; a magia em um lugar e de suas histórias, um lugar em que montes ditam profecias, demonstra a força de uma cultura que tenta, à força, sobreviver ao massacre do progresso.

Algumas descrições são preciosas: “O limão de Abancay, grande, de casca grossa e polpa comestível, fácil de descascar, contém um suco que misturado com a *chancaca* (espécie de bolo feito com açúcar mascavo) forma a iguaria mais delicada e poderosa do mundo. Arde e adoça. Alegre. É como se a gente bebesse a luz do sol!”.

As forças antagônicas que se defrontam a cada momento aparecem em muitos níveis no romance, principalmente na postura dos religiosos. Ernesto, nos dois terços finais da narrativa, encontra-se interno no colégio, onde há uma constante luta entre os mais fortes por uma espécie de poder interno, com a subjugação dos alunos mais fracos. As brigas e atitudes dos mais velhos, para humilhar e sobrepujar os pequenos, são desconsideradas pelos padres, que mantêm a rotina de aulas e penitências, passando ao largo de muitos incidentes. Em uma ocasião, diante de uma diminuição dos estoques de sal, vendido para que fazendeiros alimentassem suas vacas, a população da cidade em que se situa o colégio, liderada por descendentes de índias, invadem o depósito municipal e organizam uma partilha do produto racionado. A atitude das mulheres é tão eficaz e poderosa que os guardas são rendidos sem que haja sequer derramamento de sangue. Muitas delas, então, partem para distribuir o sal entre os camponeses. Os padres atribuem tal atitude a uma influência do demônio e, em poucos dias, o governo central envia tropas para “restabelecer a ordem”.

Obras como **Os rios profundos** alertam para o cerne violento das nações da América do Sul. Em 1956, por exemplo, João Guima-

rães Rosa, em meio às promessas de um Brasil próspero, os “50 anos em cinco” de Juscelino, publica **Grande sertão: veredas**, mostrando as entranhas do coronelismo, a lei da bala em detrimento da Constituição e das leis oficiais, que não existem nos grotescos do país. Além da negação das forças internas de violência, as culturas regionais passaram a ser também sufocadas, tendo sua importância nacional diminuída. Em impressionante estudo denominado **(Re)lendo a história**, Roberto Reis, professor da Universidade de Minnesota, expõe os planos de nacionalização dos hábitos, no Brasil, como estratégia de escoar a produção industrial de eletrodomésticos recém-inaugurada no país e o golpe nas manifestações dos gestos e culturas regionais:

Esta uniformização acarreta pelo menos duas consequências dignas de relevo: a primeira delas, embutida na que ficou escrito, é que se fabricará uma nova ‘cultura nacional’, em que o adjetivo fica intimamente conectado com o mercado de consumo de bens simbólicos e com a extração de classe a que se vincula esta produção. [...] A segunda é que as culturas regionais serão extremamente afetadas. Nem sempre estas subculturas (e o prefixo aqui não denota ‘inferioridade’) estão aptas a destilar este tipo de mensagem, mais colocada às necessidades da burguesia das metrópoles, visto que sua realidade cultural é bastante diversa daquela das capitais brasileiras.

Nas nações da América Latina, em cujas sombras são ocultados tesouros e segredos, o escrutínio do universo retratado em **Os rios profundos** é de fundamental importância. E quais seriam os mananciais para as águas que profundamente nutrem a exuberância deste bloco de países? Neste continente, cujas veias abertas foram magistralmente expostas por Eduardo Galeano, à espera a exploração sem fim perpetrada pelos navegadores ibéricos que arrendaram sucessivamente a sesmaria para holandeses, ingleses, japoneses e norte-americanos, deve existir uma matriz original que redime cada povoado, que justifica cada nação. Por meio da leitura de Arguedas, acessa-se este componente subterrâneo, as canções em quéchuca, os instrumentos inusitados, a habilidade em ouvir a voz dos ventos, dos insetos e dos rios. No livro, com o risco do tifo, os colonos refugiam-se nas montanhas, sobem os Andes em busca de vida e de suas origens. Talvez tenha sido uma sugestão do autor para um caminho de equilíbrio entre a tradição e o progresso: sobreviver sim; crescer, certamente; mas jamais abandonar a identidade, de raça, crenças e dialetos, que dão a cada povo do Cone Sul uma pitada de originalidade, sua marca registrada afetiva num mundo diluído, repleto de infinitas *trademarks*. Uma globalização às avessas. 🌐

Em **CONFISSÕES**, Somerset Maugham trata de sua formação intelectual literária e de como se relaciona com a criação artística

FABIO SILVESTRE CARDOSO • SÃO PAULO – SP

O gênio literário de W. Somerset Maugham é bastante conhecido no Brasil a partir de dois livros muito significativos deste autor: **O fio da navalha** e **A servidão humana**. As duas obras recebem menção nas listas e antologias de melhores livros do século 20. Ocorre, no entanto, que a produção literária de Maugham não se circunscreve a esses dois títulos. E o leitor se surpreenderá ao saber que, aos 38 anos, o escritor publicou uma obra que, de acordo com suas palavras, era fundamental: “Sempre pensei que seria exasperante para mim se morresse antes de terminar este livro, e assim me pareceu que o que eu tinha de melhor a fazer era começá-lo de uma vez. Quando o terminar, poderei encarar o futuro com serenidade”. Essa é uma das passagens que dá forma às **Confissões**, obra que ganhou nova edição pela Editora Globo.

Uma das primeiras questões que se deve abordar num texto sobre esse livro é em relação ao título. Vamos pelo início. Em inglês, a obra tem o nome de **The summing up**, algo que remete à idéia de um resumo, e não de uma confissão. Quem explica essa diferença é o poeta e acadêmico Carlos Vogt, que assina o prefácio. Vogt relaciona o livro de Maugham aos **Ensaio**s de Michel de Montaigne e às **Confissões** de Jean Jacques Rousseau. Tal referência não acontece por acaso, uma vez que esta obra de Maugham toma emprestado um pouco da forma dos dois autores citados como influência direta e indireta. Por outro lado, também o seu conteúdo merece essa comparação. E o motivo é simples: Maugham trata dos mais variados temas nesta obra, partindo de sua formação intelectual literária até a maneira como se relaciona com a criação artística, passando, como não poderia deixar de ser, pelas relações humanas. Explica-se, então, o motivo da escolha de **Confissões** como título.

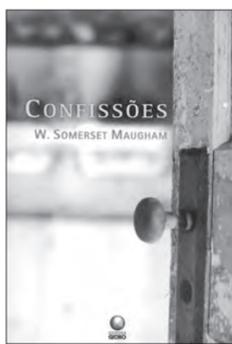
O livro não se divide em capítulos longos. O autor opta por trechos mais curtos. Neles, nota-se um tratamento mais incisivo dos temas; cada qual, porém, a seu tempo. Nesse sentido, no princípio, ele trata de sua formação intelectual, que se confunde com a sua infância. Mas que não se espere aqui uma revelação contínua de possíveis traumas que ele tenha sofrido nesse período. Na verdade, a cada revelação existe uma análise subsequente, mais extensa, solapando todo resquício de diário íntimo. Sobram, em vez disso, opiniões muito alicerçadas acerca de como sua formação foi essencial para forjar o escritor que estava nele incubado. É nesse momento que o leitor entende por que Maugham decidiu se tornar médico: “A profissão médica não me interessava, mas dava-me a oportunidade de adquirir a experiência de vida que eu tanto ambicionava [...] Aquilo tudo falava ao meu instinto dramático. Provocava a minha vocação de romancista”. Esse aspecto da criação foi, com efeito, crucial para Maugham. Não por acaso (novamente) ele foi comparado a outro escritor francês, Guy de Maupassant, cujo realismo chegava a ser incômodo. Maugham fazia uso de sua profissão para adquirir essa natureza descritiva dos diversos caracteres (personagens).

Enquanto isso, o autor relata um pouco acerca de seu estilo, de como construiu uma grife literária ao longo dos anos. A questão merece uma reflexão num período como o atual, mas, como se lê nas **Confissões** de Maugham, já era bastante pertinente na primeira metade do século 20. Em determinado momento, ele analisa como é relativo o fato de se considerar determinados autores e críticos como referência, sendo que alguns anos depois eles sequer serão lembrados. Entretanto, o que mais chama a atenção são os elementos que ele considera elementares para a concepção de um escritor: clareza, simplicidade e eufonia. Na avaliação dele, alguns autores escrevem de maneira obscura porque nunca tentaram escrever com clareza. Tendência semelhante ocorre hoje em dia. Há uma certa literatura, que se pretende inteligente, mas que não consegue conectar idéias numa seqüência inteligível. Fazem literatice em vez de literatura.

Já no quesito simplicidade, Maugham observa que se trata muito mais de um esforço do que de um mero ato de vontade. Isso porque ela, a simplicidade, não é natural. E o estilo precisa ser adequado, adverte o escritor, para não se tornar excessivamente hermético ou barroco. No tópico eufonia, lê-se que não se trata de qualquer adorno, mas de um detalhe a ser trabalhado pelo exercício da escrita. Não basta rimar palavras, diz o autor, a sentença precisa ser estudada a fim de que o efeito, para o leitor, seja (ou melhor, pareça) natural.

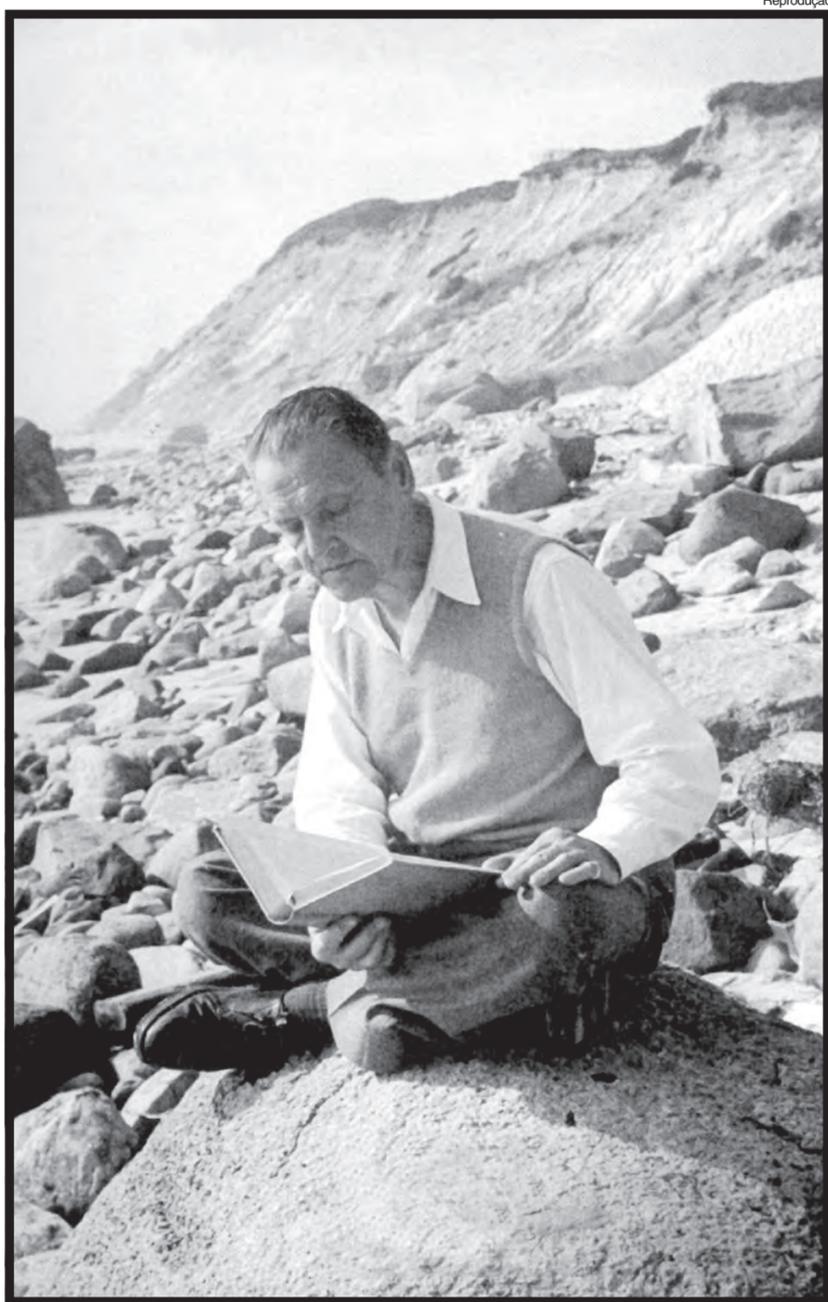
O relato do parágrafo anterior, mais do que um vaticínio aos potenciais novos autores, deve ser entendido como uma explicação do autor sobre sua própria obra. Numa observação acurada, Maugham trata da necessidade de o escritor ter um projeto para sua criação artística. Afinal, a sua obra possui essas características: clareza, simplicidade e, em certa medida, eufonia. Não por acaso a obra do autor carece de recepção mais generosa, se assim se pode afirmar, por parte dos críticos. Fosse por motivos temáticos, fosse por preconceito, Maugham esteve longe de ser uma unanimidade por parte do cânone, que, muitas vezes, prefere os escritores cujos livros não possuem qualquer clareza, simplicidade e eufonia.

Nesse sentido, é correto afirmar que essas **Confissões** assinadas por W. Somerset Maugham são uma espécie de resposta aos críticos, uma vez que o autor expõe ali a pertinência e os motivos de suas opções autorais. E essa resposta não se dá por meio de uma crítica direta, sistemática. O escritor opta por um ensaio em que passeia pelos vários temas de seu interesse sem que isso se torne enfadonho. Em outras palavras, pode (e deve) ser lido como uma resposta aos críticos, mas ele soube produzir uma obra de alcance também para o leitor comum, de modo que este também com-



Confissões
W. Somerset Maugham
Trad.: Mario Quintana
Globo
265 págs.

A QUANTAS ANDA O ESCRITOR



W. SOMERSET MAUGHAM: um servo da palavra.

preendesse os detalhes de sua narrativa.

A condição humana

Um ponto crucial nas **Confissões** é a importância da condição humana para a narrativa de Maugham em particular e para a literatura, num aspecto mais generalista. Isso porque o autor dissecou como poucos os meandros do homem e sua condição. A ofício de médico, nesse sentido, deve de fato ter contribuído para tal intento, posto que a partir dos relatos e das muitas histórias ele pôde apreender não somente o argumento (no caso, as falas), mas, sobretudo, a forma como o ser humano comum pensava. E aqui, cabe uma outra revelação: o escritor confessa preferir a história dos homens comuns à narrativa das pessoas célebres, conforme se lê a seguir: “Escrever a seu respeito [das celebridades] é uma aventura que muitas vezes tentou os escritores, mas o fracasso que aguardava os seus esforços mostra que tais criaturas são demasiadamente excepcionais para o desenvolvimento de uma obra de arte. Impossível torná-los reais. Os homens comuns são o mais fecundo campo do escritor”. Em algumas páginas, aprende-se mais sobre o fazer literário que em muitos cursos que prometem formar novos autores.

Se nas **Confissões** de Somerset Maugham os leitores não têm o autor naquilo que melhor sabe fazer, como nos seus romances, pode-se afirmar, sem qualquer dúvida, que aqui o autor prova que sua capacidade literária vai além dos seus romances. Ou seja, por detrás do romancista, há um escritor com idéias não só sobre literatura, mas também sobre filosofia, religião, e também a respeito do sentido da vida. E, se para o bem e para o mal, essas não são as memórias de uma personalidade literária, neste livro existe uma reflexão acerca da literatura que é fundamental numa época em que muitos se consideram escritores, principalmente porque tem, de uma maneira ou de outra, acesso aos meios de produção e de divulgação — representados, nesse caso, pela internet.

De Maugham, fica a lição de que mais do que querer escrever, é preciso saber como. Mais do que saber como escrever, é preciso saber o quê. E mais ainda do que saber como e o quê, é necessário identificar por que se quer, no final das contas, escrever. Nesse ponto, cabe a lição do próprio autor acerca desse livro: “Arranjar os próprios negócios é uma excelente preparação para passar o resto da vida sem preocupações quanto ao futuro. Quando houver terminado este livro, saberei a quantas ando”. Esse foi Maugham, um servo demasiado humano da palavra. ●

O autor

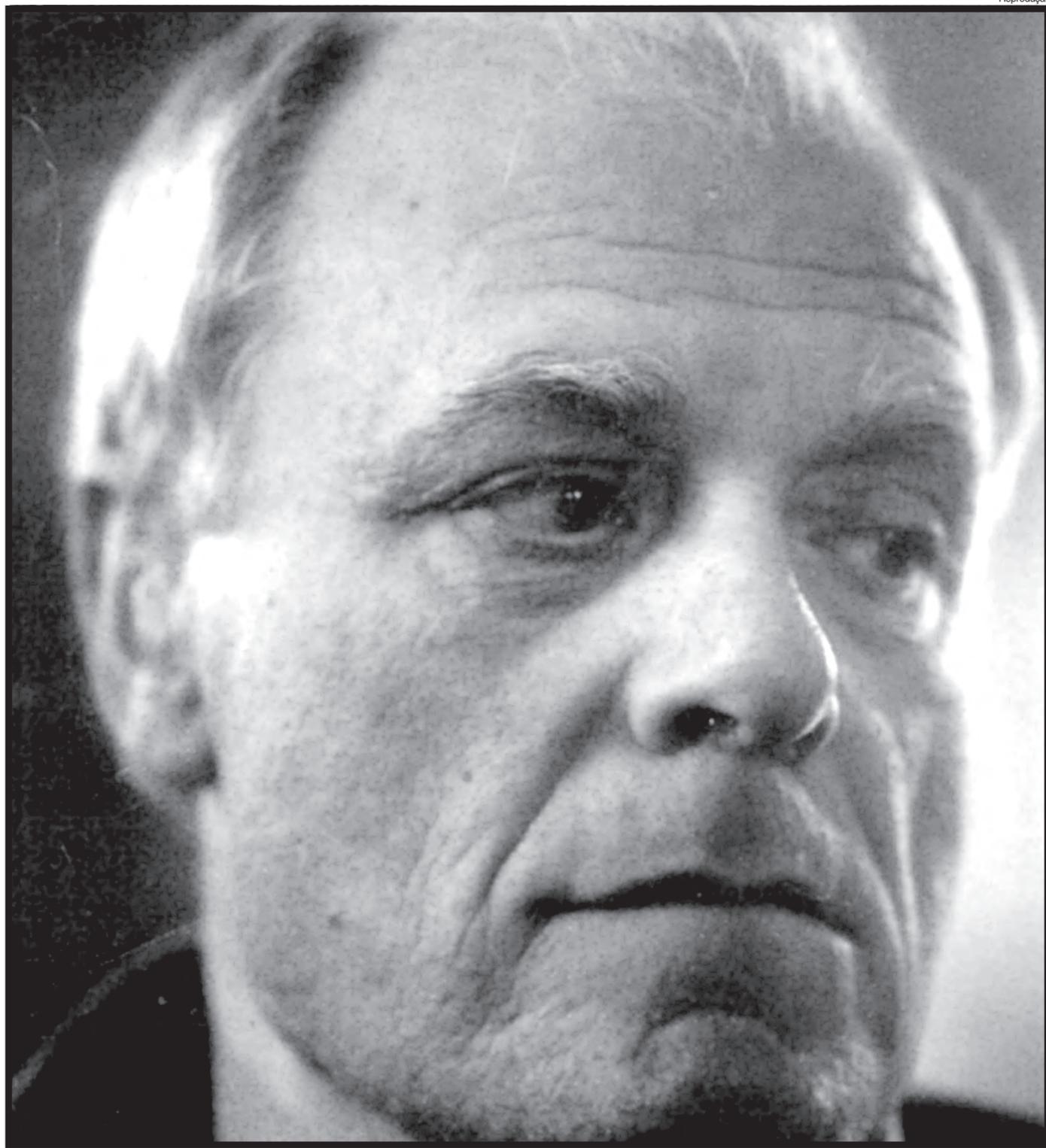
W. Somerset Maugham nasceu em Paris, em 1874. Com a morte do pai, procurador da embaixada britânica, mudou-se para a Inglaterra aos 10 anos de idade. Formou-se médico mas abandonou a medicina após o sucesso literário. Também trabalhou para a Inteligência Britânica na Rússia, durante a Revolução de 1917. Escreveu **O agente secreto**, **O fio da navalha** e **Servidão humana**, entre muitos outros títulos. Morreu em 1965.

Sobram, em **Confissões**, opiniões muito alicerçadas acerca de como sua formação foi essencial para forjar o escritor que estava incubado em Maugham.

O livro é uma espécie de resposta aos críticos, uma vez que o autor expõe ali a pertinência e os motivos de suas opções autorais.

MEMÓRIA DE ELEFANTE, livro de estréia de Lobo Antunes, é marco do romance português pós-Revolução dos Cravos

PRIMEIRO PESADELO



Reprodução

ANTÓNIO LOBO ANTUNES: arredio a badalações.



Memória de elefante
António Lobo Antunes
Objetiva
198 págs.

O autor



António Lobo Antunes nasceu em Lisboa, em 1942. É psiquiatra e escritor, autor de cerca de 15 livros, entre eles **Os cus de Judas**, **Boa tarde às coisas aqui de baixo** e **Esplendor de Portugal**. Lutou em Angola, na Guerra Colonial Portuguesa, entre os anos de 1970 e 1973, fato que marcou profundamente a sua obra.

GREGÓRIO DANTAS • CAMPINAS – SP

António Lobo Antunes é um escritor singular. Arredio a modismos, premiações e entrevistas, o autor de **Esplendor de Portugal** já se mostrou um crítico mordaz não apenas de José Saramago, com quem é constantemente comparado, mas de muitos autores de sua geração: Agustina Bessa-Luís, Virgílio Ferreira e Lídia Jorge são alguns representantes do que Lobo Antunes já chamou de uma literatura menor, chata, interessante apenas à crítica universitária. Tais julgamentos (injustos, é preciso que se diga), além de anedotas com sabor de fofoca, ajudam a compor uma imagem bastante particular, de artista original e algo excêntrico, que não faz concessões ao bom gosto e a literatices. Imagem confirmada por sua literatura, que já foi chamada de anti-acadêmica e barroca, e escapa aos padrões mais correntes de definição. Não à toa, seu **Não entres tão depressa nessa noite escura** (2000) recebeu, um pouco provocativamente, o subtítulo de “poema”.

Médico “por acaso” (leia-se: conveniência familiar), Lobo Antunes pôde se dedicar exclusivamente à literatura após o sucesso de seu primeiro livro, **Memória de elefante** (1979). Trata-se, de fato, de um marco no romance português pós-Revolução dos Cravos. Após a revolução, em 1974, seguiram-se alguns anos de silêncio criativo, e os esperados títulos que se julgava estarem escondidos no fundo das gavetas, aguardado o fim da ditadura para se revelarem, custaram um pouco a sair. Talvez de início favorecido por certa avidez por novos títulos, o romance de Lobo Antunes foi um sucesso de crítica e público, junto ao hoje pouco comentado **O que diz Molero** (1977), de Dinis Machado. A estes se seguiram os próprios livros de Lobo Antunes **Os cus de Judas** (1979) e **Conhecimento do inferno** (1980), além de **Levantado do chão** (1980), de José Saramago, **O dia dos prodígios** (1980), de Lídia Jorge, e um sem-número de títulos de qualidade, responsáveis por aquilo que muitos chamaram de *boom* do romance português. Além dos estreantes, mantinham uma produção intensa autores como José Cardoso Pires, Fernando Namora, Maria Velho da Costa, Almeida Faria e Augusto Abelaira. Tratava-se, convenhamos, de um time nada desprezível de ficcionistas.

Hoje em dia, **Memória de elefante** não parece agradar ao seu autor. Lobo Antunes o julga um livro de principiante, charmoso em

seus defeitos, cujo mérito seria guardar alguns dos procedimentos desenvolvidos em sua obra posterior. Falsa modéstia ou não, é aparentemente comum entre os críticos de sua obra considerar seus primeiros três romances (que, segundo o autor, comporiam um grande romance em três partes, e não uma trilogia) como textos de aprimoramento de sua obra posterior, mais madura. Mas apenas uma leitura comparativa mais detalhada nos daria a real dimensão destas afirmações. De qualquer forma, é preciso deixar bastante claro que romances como **Memória de elefante** e **Os cus de Judas** são muito mais do que projetos literários incompletos: são obras de uma força narrativa e uma originalidade de que poucas vezes se aproximou a literatura contemporânea.

Lembranças de guerra

O enredo de **Memória de elefante**, com forte inspiração autobiográfica, é relativamente simples: acompanhamos a vida de um médico psiquiatra durante 24 horas, no hospital, na rua, em um bar. Após uma dolorosa experiência na guerra colonial em Angola, seu casamento se desfaz e o psiquiatra se encontra em um estado de depressão e autocomiseração que se alterna com ataques irados contra a sociedade portuguesa e as instituições de que faz parte.

Logo nas primeiras páginas delinea-se um personagem rancoroso, envolto numa “revolta que o transcendia”: revolta contra o porteiro do hospital, com seu gordo sorriso “a arrebitar os beijos para cima como se fosse voar”; revolta contra a classe dos psiquiatras, estes “etiquetadores pomposos do sofrimento”, cuja atividade consiste em recolher dinheiro e exercer a “única forma de maluquice que consiste em vigiar e perseguir a liberdade da loucura alheia”; e revolta contra si mesmo: “puta que pariu a mim”, pragueja, depois de maldizer todo o hospital.

A narrativa inicia-se em terceira pessoa, mas é de tal modo contaminada pela voz do protagonista que, por vezes, estabelece-se um único fluxo de pensamento, que discorre sobre pequenas observações do espaço e das pessoas à sua volta, ao mesmo tempo em que é assaltado por esta memória “de elefante”, que não

pode simplesmente ignorar. Misturam-se lembranças da guerra, de um núcleo familiar desfeito e de uma infância não idealizada: “Quando é que eu me fodi?”, pergunta a si mesmo, em busca de um “trauma” primordial na infância que tivesse provocado seu atual estado.

O conflito básico desta personalidade tumultuada está condensado no fragmento abaixo:

Entre a Angola que perdera e a Lisboa que não ganhara o médico sentia-se duplamente órfão, e esta condição de despaisado continuara dolorosamente a prolongar-se porque muita coisa se alterara na sua ausência [...]: no fundo era como se, através dele, se repetisse um Fr. Luís de Sousa de blazer.

No drama de Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa, dado como morto na batalha de Alcácer Quibir, retorna à sua casa e encontra sua esposa novamente casada.

A vida prosseguiu nele, que não se encaixa na nova ordem da família e do país: daí ele se dizer “ninguém”. Em sentido semelhante, psiquiatra de Lobo Antunes é um estrangeiro, um estranho em sua própria cidade, em seu trabalho, em sua família.

A comparação revela também um dos procedimentos mais marcantes do romance, o da intertextualidade. Sem forças para racionalizar a crise que enfrenta, o psiquiatra só consegue dar forma a determinadas impressões e sentimentos por meio das referências literárias: em um

momento particularmente curioso, ele se compara à gaivota de Anton Tchekhov, aproximando a angústia da referida peça à escrita de F. Scott Fitzgerald. Estão presentes ainda nomes considerados centrais na literatura de Lobo Antunes, como Louis-Ferdinand Celine e Dylan Thomas, além de Cesário Verde, Luís de Camões, e até Charlie Parker e Paul Simon.

E as referências à música popular e a ícones da cultura pop, como John Wayne, não são discriminadas da cultura mais letrada. Da mesma forma, o tom elevado e solene de determinadas reflexões alterna-se com um rebaixamento de tom que pode beirar o escatológico, e expressões do repertório poético substituem palavras de mais baixo calão. Tais contradições compõem não ape-

A característica formal mais marcante do romance de Lobo Antunes é o ostensivo uso da linguagem metafórica, da prosopopéia, e da animalização de coisas e pessoas.

nas um quadro de oscilações de temperatura, como também a dificuldade em achar um registro que represente sua crise pessoal. Resultam dessas contradições laivos de uma cínica ironia, passível até mesmo de gerar humor, mesmo que amargo.

Mas a característica formal mais marcante de **Memória de elefante** é o ostensivo uso da linguagem metafórica, da prosopopéia, e da animalização de coisas e pessoas. A cidade é transfigurada metaforicamente, em um procedimento que já foi apontado (equivocadamente) como tributário do realismo mágico latino-americano. Alternam-se muitas metáforas visuais, algo absurdas, fruto de um estado de quase delírio. Assim, os óculos da arquivista do hospital “lhe aumentavam os olhos até às proporções de hirsutos insectos gigantescos cercados de enormes patas de pestanas”; os internos flutuam “na claridade das janelas como viajantes submarinos entre duas águas”; uma estante rotativa é um “pinheiro de metal adubado por um estreme de jornais de direita empilhados no chão”; e, na rua, os carros se movimentam lânguidos, “à maneira de grandes gatos ávidos, tripulados por senhores que envelheciam como as violetas murcham, numa doçura magoada”. O resultado é de pesadelo.

O mundo do qual se está alheio se transforma, monstruosamente. Encadeiam-se idéias, imagens, em associações regidas pelo ritmo da memória, e que deixam entrever a angústia de não conseguir se comunicar, a assumida incapacidade em abandonar seu estado de isolamento interior, o adiamento constante de um novo início (que ainda é possível):

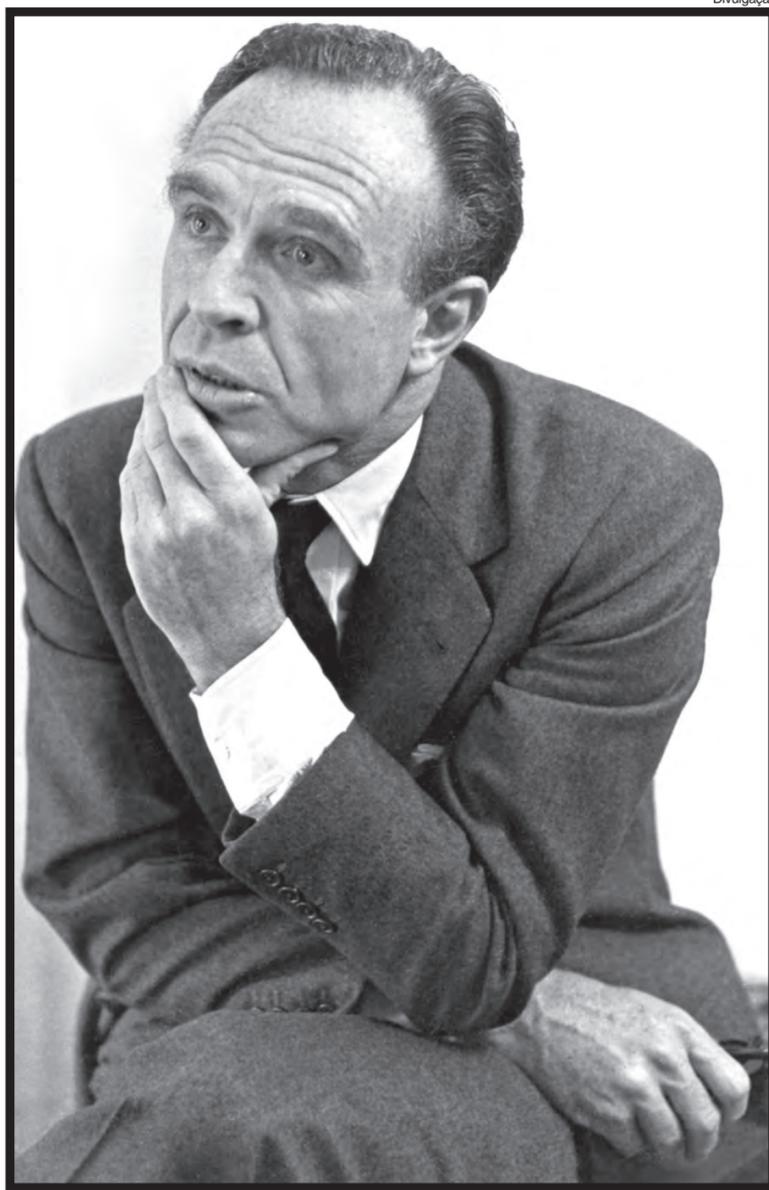
O psiquiatra desejou com desespero um esperanto que abolisse as distâncias exteriores e interiores que separam as pessoas, aparelho verbal capaz de abrir janelas de manhã nas fundas noites de cada criatura como certos poemas de Ezra Pound nos mostram de súbito os sótãos de nós mesmos num maravilhamento de revelação: a certeza de ter topado um companheiro de viagem em banco à primeira vista vazio e a alegria da partilha inesperada.

Talvez a saída seja mesmo escrever, apesar de tudo: não por acaso, no romance seguinte, **Os cus de Judas**, o protagonista assume a narrativa, em primeira pessoa. E foi assim com o próprio Lobo Antunes, que consolidou uma vasta produção literária, uma das mais originais dos últimos 30 anos. ●



A invenção de Morel
Adolfo Bioy Casares
Trad.: Samuel Titan Jr.
CosacNaify
136 págs.

Brinquedo



ADOLFO BIOY CASARES: genialidade atemporal.

DE DEUS

Relevância das questões levantadas em
A INVENÇÃO DE MOREL, romance
de Bioy Casares, garante sua longevidade

escreveu o livro numa época em que se acreditava que a tecnologia seria capaz de tudo (bom, ainda hoje tem gente que acredita nisso), até mesmo de sobrepujar a morte. Assim, ao contar a história de um inventor que acredita ter superado a morte, ele faz uma dura crítica à crença absoluta na tecnologia como forma de avanço da humanidade. Bioy consegue mostrar, sem nunca ser panfletário, que o ser humano é mais do que apenas os seus cinco sentidos. Há qualquer coisa na espécie que a torna singular, e que as máquinas não conseguem reproduzir. Fazendo um paralelo com os dias de hoje, pode ser um bom recado a quem acredita na clonagem humana como uma maneira de se alcançar a imortalidade. Ou seja, passados 66 anos de sua publicação, **A invenção de Morel** continua atualíssimo.

Superar Deus

Eventualmente o editor-fantasma do diário tenta colocar a invenção de Morel em seu devido lugar. Diz lá o editor/Bioy: “Resta o mais implausível: a coincidência, num mesmo espaço, de um objeto e de sua imagem total. Este fato sugere a possibilidade de que o mundo seja constituído, exclusivamente, de sensações”. E quem não tem essa impressão vez ou outra? Somos mais que sensações, certo, mas há momentos em que apenas uma boa sensação é o que importa.

Outro ponto importante é lembrado pelos editores na orelha do livro. Bioy era ateu. Morel, no entanto, tem como objetivo superar Deus e ser capaz ele próprio de perpetuar a sua vida e a de quem mais for importante para ele. É claro que esse objetivo tem conseqüências graves, tanto para ele como para as outras pessoas. No entanto, a ambição e a crença de que a tecnologia pode tudo fazem Morel não enxergar conseqüências, fazem-no relevá-las, tudo em busca de um objetivo para ele maior. Escrito numa época de guerra, ainda que uma guerra distante da América do Sul, não seria exagero supor que Morel também se referia a um momento da humanidade em que os fins justificavam os meios. Os homens brincavam (brincam) de Deus, e uma hora pagariam por isso. Novamente, apenas para citar a clonagem humana como

A máquina de Morel mata todas as pessoas e coisas vivas que registra. Vários personagens do livro não passam de espectros de pessoas que um dia viveram em algum lugar.

forma de uma pessoa tentar se tornar imortal, se a ciência já mostra que gêmeos univitelinos são diferentes, por que clones seriam semelhantes? Que tipo de pessoas serão esses clones? E quem lidará com eles, quem cuidará deles, para que se cuidará deles?

No caso de Morel, a sua invenção mata todas as pessoas e coisas vivas (plantas e animais) que registra. Faustine, Morel e todos os outros personagens que aparecem no livro não passam de espectros de pessoas que um dia viveram em algum lugar. O fugitivo, que em determinado momento pensa em escapar da ilha para ir atrás da verdadeira Faustine, quando descobre que todos estão mortos, passa a procurar uma alternativa para se manter próximo a ela. Ele então estuda os mecanismos da máquina de Morel para se registrar nela e assim inserir-se, ainda que como um enxerto ao roteiro original, no “filme” que passa na ilha. Claro, com as conseqüências que já sabemos quais são. Assim, vemos um personagem que não se importa com a morte, desde que ela lhe traga o que tanto deseja.

Nada em excesso

Estas reflexões tornam o livro de Bioy atemporal e atualíssimo. Os temas que ele aborda — o homem brincando de Deus, a fé na tecnologia, o amor impossível — continuam presentes em nossas vidas, talvez até mais do que à época da publicação de **A invenção de Morel**. Só por isso, já valeria a pena ler o livro. Mas há também o estilo de Bioy, elegante, preciso, sem nada em excesso. As 126 páginas do livro correm sob nossos olhos, e queremos logo descobrir o que acontece com o fugitivo, se ele consegue escapar de um destino que parece inevitável. A trama é perfeita, não há pontos soltos, nem saltos, nem brechas. O livro não poderia receber nem mais uma linha, não há espaço, nem ter uma linha subtraída, ela faltaria.

Para deixar a reedição de **A invenção de Morel** ainda melhor, a CosacNaify acrescentou, ao fim do texto, uma crítica de Otto Maria Carpeaux, *O mundo de Morel*, publicada no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, de 26 de março de 1966. É marcante a maneira como Carpeaux encerra a sua crítica: “**A invenção de Morel** é uma sátira. Mas o objeto da sátira não é a técnica e, sim, a condição humana. Pois assim como o fugitivo de Bioy Casares temos todos nós a escolha, apenas, entre a morte pela peste e a prisão na vida — até a morte”. Talvez seja uma afirmativa um tanto quanto pessimista, mas na prática ela é verdadeira. Não temos escolha. Podemos tentar tornar o caminho entre o útero e a cova relativamente agradável, nada mais. Ah, há também um prólogo de Jorge Luis Borges, em que ele analisa **A invenção de Morel**. Sensacional.

Apenas para concluir, o livro é um clássico, daqueles que, uma vez terminado, ficará na estante dos livros para serem relidos um dia, quando os mesmos questionamentos a respeito da vida e do porquê de estarmos aqui surgirem de novo em nossas mentes. Mas um clássico não responde a essas perguntas, na prática ele nos confunde ainda mais. Pode não ser um alívio, mas pelo menos é um grande prazer saber que os gênios da humanidade, se não conseguiram responder a essas questões, pelo menos souberam fazer grandes trabalhos com elas. 7

trecho • a invenção de morel

Hoje, nesta ilha, aconteceu um milagre: o verão se adiantou. Trouxe a cama para perto da piscina e tomei banho até bem tarde. Era impossível dormir. Dois ou três minutos fora bastavam para converter em suor a água que devia me proteger da espantosa calmaria. De madrugada, um gramofone me despertou. Não pude voltar ao museu para buscar as coisas. Fuji pelos barrancos. Estou nos baixios do sul, entre plantas aquáticas, indignado pelos mosquitos, com mar ou córregos imundos até a cintura, percebendo que antecipei absurdamente minha fuga. Acredito que aquela gente não veio me procurar; talvez não tenham me visto. Mas sigo meu destino; estou

desprovido de tudo, confinado ao lugar mais parco, menos habitável da ilha, a pântanos que o mar suprime uma vez por semana.

Escrevo isto para deixar testemunho do adverso milagre. Se em poucos dias não morrer afogado ou lutando por minha liberdade, espero escrever a Defesa perante sobreviventes e um Elogio de Malthus. Atacarei, nessas páginas, os devastadores das selvas e dos desertos; demonstrarei que o mundo, com o aperfeiçoamento das polícias, dos documentos, da imprensa, da radiotelegrafia, das alfândegas, torna irreparável qualquer erro da justiça, é um inferno unânime para os perseguidos.

o autor

Adolfo Bioy Casares nasceu em Buenos Aires, em 1914, e morreu na mesma cidade, em 1999. Sua obra, vasta, inclui romances, contos e peças teatrais. Considerado um dos maiores ficcionistas do século 20, é autor de livros como **Histórias fantásticas** e **Diário da guerra do porco**, entre outros.

ADRIANO KOEHLER • CURITIBA – PR

Antes de começar, quero lhes dizer que não sou louco o suficiente a ponto de contradizer Jorge Luis Borges. É dele a seguinte afirmação sobre **A invenção de Morel**, de Adolfo Bioy Casares: “Discuti com o autor os pormenores da trama e a reli; não me parece uma imprecisão ou uma hipérbole qualificá-la de perfeita”. Assim sendo, este é um livro perfeito. O que tentarei aqui é dar o olhar de um leitor voraz que não tem formação literária suficiente para ser um crítico e que, além de não ser louco para discordar, é pelo menos lúcido para dizer, ao fim do livro: sim, Borges está coberto de razão.

A invenção de Morel, do argentino Adolfo Bioy Casares, existe para a humanidade desde 1940. E desde aquela época ele é considerado uma obra-prima da literatura mundial, um texto que merece ser lido por todos, ou melhor, um texto que deveria ser lido por todos, como deveriam ser lidos todos os clássicos. E como ele está há mais de 65 anos na praça, muita coisa já foi dita sobre ele. Felizmente, eu sabia apenas que o livro era muito bom, e nunca li nada sobre ele. Assim, tive o prazer de pegar um livro que era altamente recomendado com olhos de iniciante. E ao chegar ao fim do livro, não há como nem porquê discordar de Borges. **A invenção de Morel** é um livro fantástico.

Em um resumo de vestibular, poderíamos dizer que **A invenção de Morel** fala de um homem que, fugindo da polícia venezuelana, vai parar numa ilha no Pacífico. O livro seria o diário de sua permanência na ilha, o relato dos fatos que lhe acontecem por lá. O fugitivo escolhe a tal ilha por ela ser misteriosa, “de mau agouro”, como diz um mercador italiano a quem ele pede ajuda durante a fuga. Não sabemos qual é o motivo pelo qual a polícia venezuelana o persegue, e nem é necessário saber. Sabemos apenas que a ilha é escolhida justamente por não ser habitada e afastar pessoas devido à sua má fama. Mas este é o resumo do preguiçoso. O livro é muito mais que isso.

Na ilha, o fugitivo encontra (ou julga encontrar) outras pessoas, incluindo uma morena, Faustine, por quem se apaixona platonicamente. Durante um bom tempo, acompanhamos todas as suas tentativas de se aproximar dela, todas fracassadas. Ele não compreende exatamente o porquê dessa rejeição. Mas persegue seu intuito obstinadamente, sem esmorecer. E se o fugitivo de Bioy não é visto pela mulher ou pelos outros habitantes da ilha, como não o identificar por semelhança a tantas outras pessoas invisíveis que vivem hoje em dia? Excluídos, segregados, pessoas que não fazem parte de cânones de beleza e/ou inteligência desaparecem na multidão e são solenemente ignoradas pelos outros, chegando mesmo a se tornar invisíveis.

As incursões do homem pela ilha mostram que ela já foi habitada um dia. Lá o fugitivo encontra uma casa, a que chama de museu, e dentro dela um gerador de energia movido a marés. À medida que o tempo passa, ele descobre quem construiu tudo aquilo — Morel, o personagem do título — e o porquê da construção. Morel era um cientista que desenvolveu uma máquina para captar toda a pessoa, não apenas a voz ou a imagem ou ambos. Seria uma espécie de cinema 3D com tato e olfato, eventualmente até o paladar. Assim, todas as pessoas que o fugitivo vê na ilha são apenas reproduções do que um dia foram aquelas pessoas. Seu amor por Faustine o motiva a um dia querer sair da ilha, antes que novas revelações o façam mudar de idéia.

Até aí, poderíamos ter apenas mais um romance fantástico. No entanto, a genialidade de Bioy Casares, mostrada já aos seus 26 anos, ida-de com a qual escreveu **A invenção de Morel**, torna o livro algo mais que simplesmente um romance. Para começar, Bioy inventa um editor para o diário, que faz observações de modo a desacreditar o seu autor em alguns casos, ou a referendar seu relato. Por exemplo, quando as explicações técnicas do fugitivo não parecem plausíveis, o editor aparece para retocar uma informação e dizer que aquilo é possível.

Em segundo lugar, temos o fato de que Bioy

Em UM HOMEM SEM PÁTRIA, Kurt Vonnegut se beneficia do lugar-comum que se tornou falar mal do país de George W. Bush

ANTIAMERICANISMO PÍFIO



Reprodução

KURT VONNEGUT: velho chato.

PAULO KRAUSS • CURITIBA - PR

Você sabe qual é a capital do Paquistão? Eu também não sei, e essa é justamente a questão. Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe. O pouco que sei é que o Paquistão é um país subdesenvolvido, bastante populoso, uma coisa assim... exótica.

Para muita gente de fora, principalmente para os americanos, o Brasil também é mais ou menos assim, um grande país subdesenvolvido, populoso, exótico. Não fosse o futebol, o carnaval, suas mulheres e o carona de astronauta, seriam completamente desconhecidos. Então, por que diabos os americanos teriam que saber que falamos português e que nossa capital é Brasília? Brasília, por acaso, tem mais importância que a capital do Paquistão?

O Brasil dá importância demais a si mesmo na ordem mundial e se irrita à toa porque os americanos pensam que falamos espanhol e que nossa capital é Buenos Aires. E agora, com a Guerra do Iraque, o prato está cheio para se falar mal dos americanos. E quando é um americano que detona seu povo, melhor ainda. Só isso pode justificar a edição no Brasil de *Um homem sem pátria*, um amontoado de bobagens escrito por Kurt Vonnegut.

A exemplo do Brasil, Kurt dá importância demais a si mesmo. Seu currículo não é desprezível. Combateu na Segunda Guerra e publicou 30 romances, principalmente de ficção científica. Mas, aos 83 anos, dá sinais de que já está fazendo hora extra no mundo — pelo menos no literário. *Um homem sem pátria* é apresentado como coletânea de crônicas, colagem autobiográfica ou seleção de microensaios. Seja o que for, é muito fraco, desinteressante e pretensioso.

Já de cara, Kurt diz que é um piadista porque era o caçula da família, e que a única maneira de um caçula entrar numa conversa adulta é fazendo piada. Lamento dizer que a leitura de seu livro em nenhum momento me fez mexer os lábios, a não ser por alguns esgares de insatisfação, principalmente em afirmações como: "Qualquer assunto está sujeito à risada e imagino que houve risadas de algum tipo muito grotesco entre as vítimas de Auschwitz".

Seguimos em frente. Em *Sabem o que é um twerp*, Kurt nos informa que considera um *twerp* quem não leu o conto *Um acontecimento na ponte de Owl Creek*, de Ambrose Bierce, e quem não tenha lido *A democracia na Améri-*

ca, de Tocqueville. Não li a ambos, mas só me senti um imbecil quando finalizei *Um homem sem pátria*, pelo tempo desperdiçado num livro de idéias vagas.

Em seguida, Kurt tenta mostrar *Uma lição de texto criativo*. Antes, ele nos informa que às vezes está apenas brincando escrevendo um "estou brincando" no final de cada parágrafo. Depois ele nos apresenta seus gráficos de boa e má sorte, o eixo B-M. O gráfico é tão "genial" que Kurt consegue, ao colocar Hamlet no eixo B-M, concluir que Shakespeare era um contador de histórias limitado.

O livro continua neste nível pelos dez ensaios (ou crônicas, ou peças de colagem autobiográfica) seguintes. O que aumenta gradativamente são as críticas aos Estados Unidos, aos americanos e a George W. Bush e sua guerra no Iraque. É esta parte que, provavelmente, fez Kurt ganhar notoriedade, até mesmo no Brasil.

Nada mais lugar-comum hoje em dia do que falar mal dos americanos e de Bush. O problema é que muitos criticam os Estados Unidos sem nunca ter pisado lá. Ou tendo pisado apenas nos brinquedos da Disney e nos shoppings de Nova York por alguns dias. De resto, o discurso contra é apenas uma repetição da lengalenga reinante em círculos de ignorância e em obras de falastrões como Kurt Vonnegut ("George W. Bush reuniu em torno de si a fina flor dos estudantes retardados que não conhecem história nem geografia, além de brancos racistas não tão enrustidos, também conhecidos como cristãos, e ainda, o que é

mais assustador, personalidades psicopáticas."). Não sou a favor de guerra alguma, acho Bush tão idiota quanto Lula, mas não tenho motivos para falar mal dos ianques. Morei lá por cinco anos e sempre fui muito bem tratado, apesar de ilegal no país. Mesmo no início, quando não falava inglês e trabalhava clandestinamente como lavador de pratos, era mais cidadão do que sou no Brasil. E quanto a Bush, de que vale a minha opinião e a de Kurt Vonnegut se os próprios americanos o reelegeram?

Esse papo furado de Kurt é coisa de velho chato. Seu país tem defeitos, mas tem inúmeras qualidades, entre elas a opulência econômica que permite que um escritor mediano viva bem apenas escrevendo. Se ele não está satisfeito, se está se sentindo um homem sem pátria, que venha para o Brasil conhecer Marcola e o PCC. Ou melhor, vá para o Paquistão. Não sei qual é capital, mas deve ser uma cidade bem exótica. 7



Um homem sem pátria
Kurt Vonnegut
Trad.: Roberto Muggiati
Record
157 págs.

O autor

Kurt Vonnegut, norte-americano, tem 84 anos. É autor de cerca de 30 livros, como os clássicos *Mata-douro 5* e *Hócus Pócus*.

O Brasil dá importância demais a si mesmo na ordem mundial e se irrita à toa porque os americanos pensam que falamos espanhol e que nossa capital é Buenos Aires.

“EU FIZ DE TUDO PRA LEVANTAR O NEGÓCIO DO MEU MARIDO”

DE ACORDO COM A EXECUTIVA VERA LÚCIA CHAVES, SEU TRABALHO FRENTE À EQUIPE DE VENDAS DA EMPRESA FOI VITAL PARA A RETOMADA DO CRESCIMENTO DA ORGANIZAÇÃO, QUE, DESDE JULHO, VOLTOU A LIDERAR O MERCADO.

BREVE resenha | Tarefa impossível

IRINÉO NETTO • CURITIBA - PR

Jornalista e escritora respeitada de 71 anos, Joan Didion tem um péssimo gosto para roupas. Usa saias armadas e curtas acima dos joelhos, mas não parece se importar. Depois da morte do marido, apesar de ser bastante racional — científica até — e de não ter qualquer tipo de fé religiosa ou crença no sobrenatural, Joan se surpreendeu esperando por ele.

Não esperava que se materializasse ou desse as caras como um fantasma, ou que tentasse se comunicar por meio do fenômeno poltergeist, fazendo objetos se moverem, ligando televisões, acendendo e apagando luzes. Ela o esperava como se nada tivesse acontecido. Sabia que estava morto, mas, nas entranhas, torcia para vê-lo chegar em casa depois do trabalho. Semelhante aos viúvos e viúvas que seguem pondo a mesa para dois, conversando com fotografias ou contemplando as roupas do armário, incapaz de se desfazer delas.

O estranhamento que sentiu (por ver que estava indo contra sua natureza racional) foi o de um darwinista diante de Adão e Eva. Para lidar com a perplexidade e o vazio que experimentou ao perder

seu companheiro John Gregory Dunne em 30 de dezembro de 2003, decidiu apelar para a única forma que conhece de pensar o que sente: escrever. Pesquisar e escrever. Pelas idéias fantásticas de que o marido poderia voltar dos mortos, Joan deu ao livro o título de **O ano do pensamento mágico**.

A autora prepara uma adaptação para o teatro da obra que já vendeu mais de meio milhão de exemplares somente nos EUA. A peça, que teve mais de dez versões e segue sendo retrabalhada pela escritora, será um monólogo na Broadway dito por ninguém mais ninguém menos que Vanessa Redgrave, atriz-patrimônio do Reino Unido.

“A dor ocasionada pela perda de um ente querido é um estado que nenhum de nós conhece antes de termos passado por isso. Temos a expectativa (e sabemos) que alguém próximo de nós pode morrer, mas não conseguimos enxergar além dos poucos dias ou semanas imediatamente subsequentes a uma tal morte imaginada.” O livro deixa claro que não há nada capaz de preparar alguém para a morte de uma pessoa querida. Ela pode ser velha e doente e, mesmo assim, a dor, o medo e a tristeza são indesejáveis.

Dunne tinha 69 anos de idade e um histórico longo de problemas cardíacos — usou inclusive um marcapasso. Ainda assim, quando morreu, pouco antes do jantar, devido a um acidente coronariano fulminante, a esposa ficou desolada. Ele e Joan completariam quatro décadas juntos no ano seguinte. Pouco depois de ter o livro publicado, ela perderia a filha (para uma septicemia), encerrando um sofrimento que havia começado quando o pai ainda estava vivo.

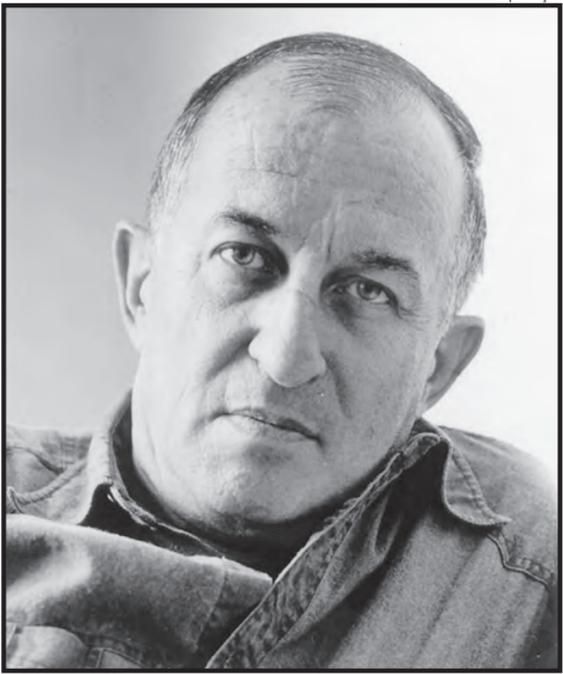
Impressiona o fato de Joan Didion ter sido capaz de lidar com uma dor tão íntima e tão intensa usando um texto seco e direto, além do poder analítico próprio de seus ensaios.

O sofrimento causado pela perda, quando ela realmente acontece, não é como a gente imaginava que fosse. [...] A dor causada por esta perda é diferente. O sofrimento não pode ser medido em distâncias. Ele vem em ondas, como num acesso, um ataque, em súbitas apreensões que enfraquecem os joelhos, ceagam os olhos e transtornam o cotidiano da vida da gente.

No fim, tentar entender a morte se revela uma tarefa tão improvável quanto a de explicar a vida. Embora “não compreender” seja também uma resposta. **7**

PRATELEIRA

Reprodução



28 ESCRITORES



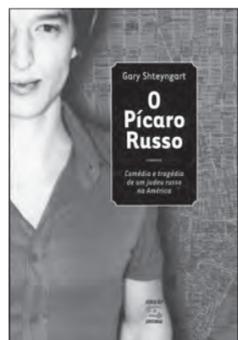
As semanas do jardim — Um círculo de leitores
Juan Goytisolo
Trad.: Luis Reyes Gil Agir
158 págs.

O poeta e romancista espanhol Juan Goytisolo, nascido em Barcelona, em 1931, propõe, aos leitores de sua novela **As semanas do jardim — Um círculo de leitores**, que participem de uma espécie de jogo literário, quase borgiano e mesmo cervantino, uma brincadeira praticada entre espelhos e labirintos espertamente construídos pelo autor. O romance conta o caso de Eusébio, poeta internado em um hospital psiquiátrico e que, após sumir misteriosamente, deixa, como legado, duas coleções de poemas anônimos. Baseando-se nesses poucos dados biográficos, um grupo de 28 leitores decide recriar a história do misterioso personagem, num romance de 28 capítulos, cada um deles escrito por uma pessoa diferente. Goytisolo também é autor do romance **Juegos de manos**. Atualmente, vive em Marrakesh.

Trecho de **As semanas do jardim**, de Juan Goytisolo

Nas presentes circunstâncias de histeria, fanatismo e hostilização, vejo-me obrigado a intensificar as precauções, controlar as menores palavras e gestos, temeroso de que qualquer deslizamento ou frase impensada possa acarretar-me a insuportável humilhação do cárcere ou, no melhor dos casos, a experiência traumática de outro processo reeducativo. Constantemente me esforço para observar a mim mesmo de outro ponto de vista, o dos possíveis confidentes que me espreitam e aguardam um instante de descuido para correr com a delação aos sentinelas do novo regime político e moral. Este contínuo exercício de fingir emoções que não sinto e calar as que me sacodem com a força do desejo, com o tempo, corrói e exaure. Silenciar meus sentimentos [...] me parece, às vezes, um castigo...

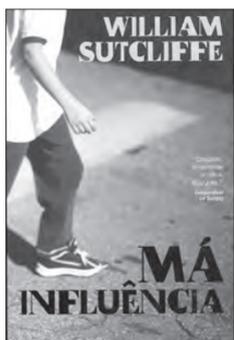
OUTRO LAZARILHO



O pícaro russo
Gary Shteyngart
Trad.: Eliana Sabino
Geração Editorial
456 págs.

O **pícaro russo**, longo livro de estréia do russo Gary Shteyngart, radicado em Nova York desde o final da década de 70, quando tinha sete anos de idade, vem sendo saudado pela crítica internacional como um “romance de deformação”. É que seu protagonista, Vladimir Girshkin — um judeu russo recém-chegado à América, em busca de oportunidades —, é mais um exemplo de herói picaresco moderno, construído nos moldes do clássico espanhol **Lazarillo de Tormes**, mas tendo como pano de fundo um mundo caracterizado pela total desarticulação das balelas ideológicas, sejam elas de esquerda ou de direita. Uma boa dose de humor negro — e judaico — dá a tônica para essa narrativa de fôlego.

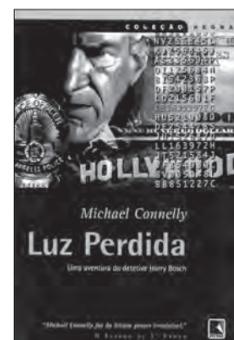
ENTRE MENINOS



Má influência
William Sutcliffe
Trad.: Maria Silvia Mourão Netto Francis
192 págs.

Em um subúrbio ao norte de Londres, numa rua tranquila, moram os vizinhos e amigos Ben e Olly, ambos com 10 anos de idade. A relação entre eles é boa, estável na medida em que podem ser estáveis as amizades infantis. Até que um novo moleque, Carl, dois anos mais velho que eles, se muda para a região. Mau, perverso, dono de um grande poder de liderança, Carl arrasta Ben e Olly para todo o tipo de encrenca. Por sempre querer ficar sozinho com Olly, aos poucos afasta Ben, que sente que as coisas caminham para um resultado desagradável. O inglês William Sutcliffe — também autor de **New boy** e **Are you experienced?** — construiu, em **Má influência**, mais uma de suas sátiras sociais de sucesso.

BOSCH NA ÁREA



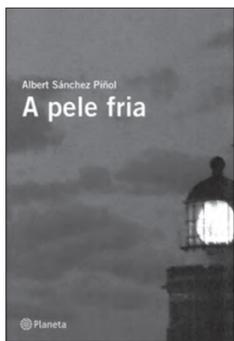
Luz perdida
Michael Connelly
Trad.: Edmundo Barreiros Record
348 págs.

Em **Luz perdida**, *best seller* vencedor do Prêmio Pulitzer, o norte-americano Michael Connelly oferece aos seus leitores mais um *thriller* protagonizado pelo detetive Harry Bosch. O romance é a nona das 12 aventuras do investigador californiano. Em uma Los Angeles assustada pelos atentados de 11 de setembro de 2001, Bosch, agora aposentado, tenta solucionar um caso antigo, ainda pendente de sua carreira de policial. Enquanto investigava o assassinato de uma funcionária de um estúdio de Hollywood, dois anos antes, o detetive se depa- rara com o roubo de dois milhões de dólares em notas verdadeiras, mas que seriam usadas numa filmagem cinematográfica. Como terroristas podem estar envolvidos, Bosch, novamente, terá problemas com os *feds*.

LM Palomares/Divulgação



ILHÉUS

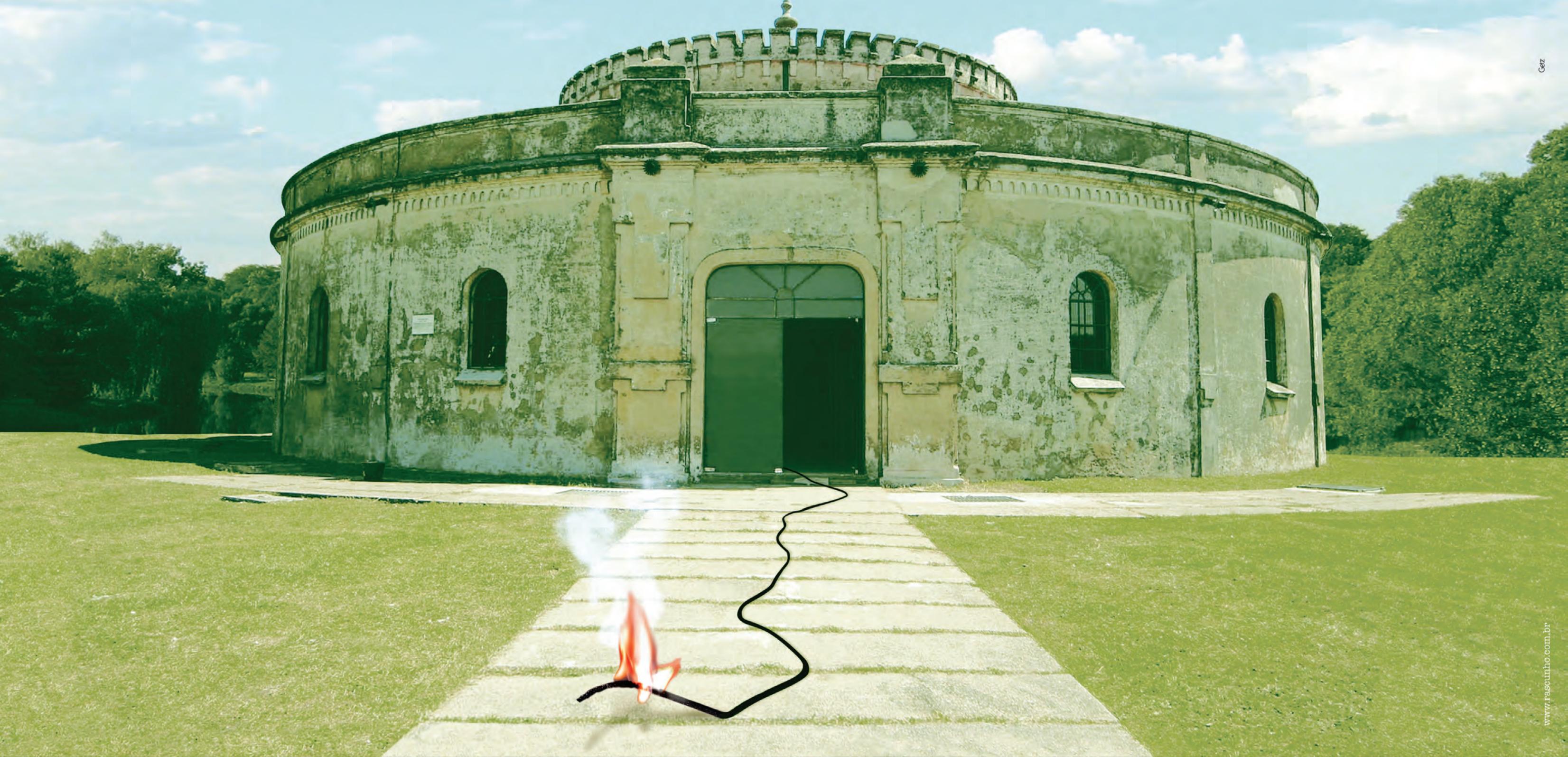


A pele fria
Albert Sánchez Piñol
Trad.: Luis Reyes Gil Planeta
240 págs.

Um ex-ativista do IRA, deixado sozinho numa ilha praticamente inabitada, descobre que precisa dividir o espaço com um outro morador: o violento e nada hospitaleiro Batis Cafô. Mas os dois são obrigados a unir forças para enfrentar misteriosos seres marítimos que, sem trégua, atacam a dupla de ilhéus. O motivo dos ataques, ambos desconhecem. Piñol, cuja formação antropológica influencia seu trabalho literário, urdiu uma narrativa que pode ser interpretada como uma analogia dos processos de colonização. Seu objetivo é explicitar o erro de se “animalizar” inimigos e os outros em geral, desumanizando-os. Outro livro de sucesso do autor de **A pele fria**, já comparado a Stevenson e a Conrad, é **Pallastos e monstres (Palhaços e monstros)**, um ensaio satírico sobre oito ditadores africanos.

Trecho de **A pele fria**, de Albert Sánchez Piñol

Não se movia do lugar onde havia caído. Fazia uns ruídos lamurientos de passarinho ferido. Um cheiro forte de peixe entrava pelas minhas narinas. Arrastei-me, e para observá-lo melhor afastei seu braço do rosto, um gesto com o qual procurava se proteger. Era um dos monstros, disso não havia nenhuma dúvida. Mas os traços faciais se suavizavam prodigiosamente. Cara arredondada e crânio sem cabelo. As sobrelanceiras eram linhas de um estilo elaborado, como produto da caligrafia dos sumérios. Olhos de cor azul, meu Deus, que olhos, que azul. Um azul de céu africano, não, mais claro, mais puro, mais intenso, mais brilhante. Nariz fino, agudo, discreto, com o osso central mais baixo que as narinas. As orelhas, de medida ínfima comparadas com as nossas, tinham forma de rabo de peixe...



APRESENTA



O velho teatro volta a ser um paiol de pólvora.

Paiol Literário. Encontros com grandes nomes da literatura brasileira no Teatro Paiol.
Abertura dia 21 de junho, quarta-feira, às 20h30, com o escritor **Ignácio de Loyola Brandão.**

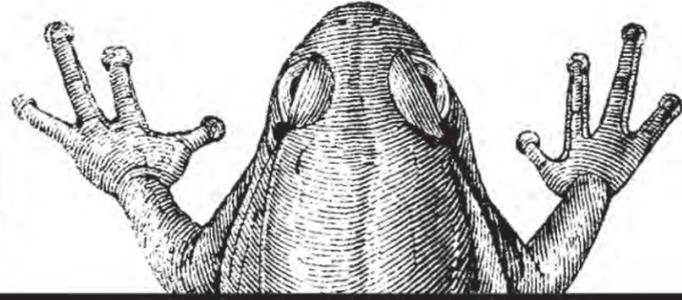
REALIZAÇÃO



APOIO



DOM CASMURRO



Espelho

Ray Silveira

Sem mais nem menos, todo mundo me encarando. Cuidei ser um sonho. Às vezes acontecia sonhar sabendo ser sonho e me esforçando por despertar. Não era o caso. Começou lá fora. Para mim, *lá fora* e *lá dentro* têm outros significados. Posso estar sozinho no banheiro, estando *lá fora*, e caminhar no meio da multidão, *lá dentro*. Lá fora é só o que não acontece dentro de mim. Quem primeiro me encarou foi o meu gato. Não dei importância, não era raro acontecer. Comecei a me assustar, ao tomar o elevador quase lotado. Dei bom dia e os perantes não aceitaram. Todos se afastaram e me olhavam como se eu fosse uma aparição. Apavorado quanto à aparência, não saí e voltei ao apartamento. Olhei primeiro a face. Não vendo nada anormal, tirei a roupa e pus um espelho diante do outro. Embora o alvo tivesse sido a cara, examinei cada milímetro do meu corpo. Nada diferente de ontem; ou de sempre. Vasculhei a roupa. Idêntico resultado. Ainda assim troquei o terno. Voltei ao elevador; desta vez vazio. Desceu comigo ao térreo um terror de ter de interromper meu trabalho. Tomei o automóvel. Na saída do prédio, os porteiros esticaram as cabeças e também quiseram ver. Verão. Mas a mornidão do sol estava fria e a sua luz, escura; pois os raios se coavam em nuvens carregadas de preguiça. Durante o trajeto, formavam-se renques de gente nas calçadas. Pelo retrovisor, vi uma senhora ir de encontro a um poste, olhando pra trás. Luto para não me deixar envolver pela atmosfera de olhares, não olhando. Medito. Me dito lentamente um trecho do Velho Testamento e acelero o automóvel. Fico confuso se estou seguindo muito depressa, por causa da velocidade do veículo, ou se estou demasiado lento, pela lentidão da minha meditação. Deixo no estacionamento o carro e arrasto o resto de harmonia. O manobrista tropeça numa pedra. O encarregado não vê as próprias mãos tirando e me entregando o tíquete. O que está olhando? Depois do bom dia no elevador, foi a minha primeira fala. Não obtendo resposta, repito a pergunta duas vezes. Parecia falar a uma estátua. A caminho

do escritório não foi diferente. Os transeuntes me encaravam como a um ET. Evitava revidar, não por temê-los, e sim para preservar os últimos resquícios do meu me gostar. Não havia tumulto. Ninguém parava de caminhar. Exceto curiosidade, não transparecia qualquer emoção. Muito preocupado, continuei caminhando. A preocupação foi se transformando em ansiedade e esta em princípio de pânico. Pensei que ia endoidecer; não de doadura, mas de excesso de lucidez. A consciência de mim próprio era tamanha, a ponto de ver nos circunstantes os verdadeiros loucos. Sentia como se vissem em mim não um semelhante, mas um semideus. Longe de me lisonjejar, tal sensação me incomodava, por me sentir o monarca de um reino de faz-de-conta, cujos vassallos eram todos imbecis. O único humano numa nação de asininos. Um gênio do aqui, cercado por uma multidão de obtusos do ali. Não era o meu habitat; não possuía identidade alguma com aquela gente. Pertencia a um país remoto, cujos habitantes eram donos de um talento excepcional. Eles, sim, eram os meus verdadeiros semelhantes. Vi-me ameaçado. Acreditava estar sendo vítima de complô, traição, espionagem, perseguição, envenenamento ou intoxicação com drogas. As pernas começaram a pesar. Cada passada, um passo em falso, que, a muito custo, se transformava em outro, mais falso ainda. De súbito, um clarão intenso. Uma voz, saindo de dentro, ordenou assumir a minha predestinação. O desânimo foi substituído por uma feroz energia, como jamais tinha experimentado. Instantes atrás, eu me sentia carregando o mundo nas costas. Agora, o mundo parecia existir somente para me carregar. Subiu num caixote de madeira e começou a falar. Os vocábulos saíam dele, mas não eram elaborados no cérebro. Existia uma consciência sobre-humana dizendo através da sua boca. E um entusiasmo, com o qual jamais sonhou existir, o contagiou. De repente, se convenceu de que o mundo era a sua platéia e ele, o verdadeiro Messias. Enquanto escutavam, hipnotizados, falou, sem nenhum enquanto, durante quatro horas. As palavras jorravam de sua boca como águas de

maré cheia, formando ondas de frases sem nexo, anexadas umas às outras, quebrando numa ressaca de idéias desconexas. Percebeu que aquela gente sentia sede de palavras, mesmo que estas não se traduzissem em qualquer significado coerente. Então, passou a falar cada vez mais rápido. Primeiro, abordando temas de nada, sob a forma de coisa alguma, rica de conteúdo vazio. Em seguida, passou para a crítica literária, que é, de fato, alguma coisa, mas da qual nunca entendeu. Depois, partiu para a filosofia, a hermenêutica, a epistemologia, a egiptologia e até a espeleologia. Discorreu sobre colunas de estalactites brotando do solo das cavernas, e de pingentes estalagmites descendo do teto úmido dos subterrâneos. A platéia, fascinada, escutava em silêncio. Quando terminou, uma explosão de aplausos saudou a falação e foi carregado pela multidão. De súbito, tive um insight: aquelas pessoas que olhavam e escutavam, não tinham visto nem ouvido o orador, e sim, a si próprias, como se estivessem diante de um espelho sonoro... O mesmo teria sucedido com todas as demais que o encaravam desde as primeiras horas do dia... Este que falou por último sou eu mesmo, com quem, de vez em quando, converso. Tudo o quanto ele contou foi verdadeiro... Quando me deixaram só, o sol já tinha apagado e as primeiras estrelas se acendiam. O estacionamento há muito fechara. Então, tomei o meu outro eu pelo braço e, sobrebastando pernas, voltamos para casa a bordejar as ruas da noite. Dentro do meu quarto, me reexamino. E desta vez me assusto. Quem eu vejo não sou eu. A imagem refletida é diferente daquela que sempre foi. Nunca fui tão alto, tão magro, não usei bigodes, não tinha cabelos ruivos, nem aquele nariz aquilino, nem aqueles olhos... enfim, nunca vi, em mim ou em qualquer outra pessoa, aquela figura. Mas era eu, sim. Repugnantemente eu...

RAY SILVEIRA nasceu em Massapé (CE).
É médico e escritor, autor de **Contos a conta-gotas**.



ESPAÇO CULTURAL CPFL

Poesia em Tempo de Guerra e Banalidade

O Espaço Cultural CPFL realiza, nos meses de maio e junho, o encontro internacional de poesia "Poesia em Tempo de Guerra e Banalidade", com curadoria de Alcir Pécora e Régis Bonvicino. Os encontros serão sempre às quintas-feiras, às 19h. Confira a programação abaixo:

1º | jun | quinta | 19h
Yao Jingming (China)
A poesia chinesa e a internet

Num país como a China, que caminha a largos passos para a globalização econômica, a poesia já deixou de desempenhar o mesmo papel na vida social e cultural que dantes, tendo se tornado uma modalidade literária reservada para poucas pessoas.

No entanto, a poesia nunca chegou tão perto dessas pessoas como atualmente. Com mais liberdade de criação e generalização da internet, os poetas escrevem mais à vontade e podem "afixar" logo as suas obras em sites.

8 | jun | quinta | 19h
Paulo Henriques Britto (Brasil)
O lugar do poeta e da poesia hoje

Algumas considerações a respeito do papel desempenhado pelo poeta e pela poesia num tempo caracterizado por Octavio Paz como "pós-utópico": todo um ciclo histórico iniciado pelo Romantismo parece ter chegado ao fim, e os poetas e artistas em geral são obrigados a abrir mão da autoimagem hiperbólica que lhes foi atribuída nos últimos dois séculos.

22 | jun | quinta | 19h
Nuno Ramos (Brasil)
Poesia vista desde a matéria de que é feita

O poeta pensa a literatura como coisa, peso, voz, corpo, sopro, vento. Como música de um fole de barro, que quebra quando é tocado.

29 | jun | quinta | 19h
Charles Bernstein (Estados Unidos)
Poéticas das Américas

Partindo do ensaio "Nossa América", de José Martí, são articuladas afinidades de forma e projeto num eixo Norte-Sul, sem perder de vista a especificidade das poéticas que surgem em inglês, português, espanhol, francês e em relação às línguas indígenas.



Ministério da Cultura



COMTATO
AGÊNCIA CULTURAL



Quem leva nossa energia é você.

Caminhos de Natal

José Oliveira

Um homem trepava o velho empedrado cansado e gasto. Buscava a primeira encosta de monte.

Artur, de rosto ruborizado, ao vê-lo do seu terreiro sobranceiro ao caminho, pára a sua lide com a lenha. Repousa uma das mãos sobre o cabo do machado e começa a medir-lhe os intentos, ao mesmo tempo que, com outra, confirma o boné na cabeça.

— Ei, Quim!

Distraído pelo tilintar de picos de toda a sorte e tamanho enfileirados com martelos num balde, Quim continuava o seu curso alheio às vidas que, como sombras de árvores, se vergavam sobre seu trilho.

— Ei, Quim! Inda vais ganhar pró bacalhau hoje? — e reforçou, encarando-o com ar satisfeito — Olha que hoje é dia pra estar ó lume, num é dia de trabalho.

— É. Até logo!

Dia de Natal. E como em tantos natais, a aldeia era a harmonia na sua meninice: horizontes fechados, em mistério, por neblinas, fazendo-a voltar-se para si própria; fumos agarrados aos telhados o dia inteiro, evaporando suores de sua própria vida; corpos de mulheres estendendo-se, sorridentes, pelos campos com cestos de erva à cabeça; troncos de carvalho e oliveira rendidos perante a força de braço de homens sem idade e a alegria da criança debruçada sobre potes de formigos e aletria ainda a fervilharem nas lareiras.

Tal como toda a aldeia, ambos retomaram seu horizonte como quem se deixa levar por instintos ancestrais. Artur encosta o machado aos joelhos, cospe a mão direita, a esquerda e espalha, entre os dedos, salpicos de ânimo; ergue o machado até ao seu aprumo máximo e desprende-o certo como um raio sobre mais uma metade de tronco.

— Tónio, ó António, traz o carrinho de mão e levame a lenha pra casa que a noite num tarda! — pedia ao seu mais novo que sacudira um olhar para fora de porta.

— Tá bem pai. Só vou acabar este desenho — desdobra um velho papel de mercearia para o pai e dirigindo-lhe um olhar condóido — É só um bocadinho!

— Já sabes. É pra ti, pá.

Instantes depois, António, com a alegria própria dos seus doze anos, chega com o carrinho de mão e começa a enchê-lo de lenha.

— Pai, que anda a fazer o Se Joaquim?

— Ah, cá pra mim, anda a preparar dois esteios pró Se João da Ribeira.

— Sabe, outro dia, quando andava co gado, vi-o a falar prás pedras e dizia quase a cantar: “anda cá lindinha que tu és minha”!

— É o que ele tem. E um home tem de se agarrar ó que tem, senão num vive.

Sem demora, António empilhou aquela carga e regressa ainda mais espicaçado pela curiosidade.

— E ele num tem família?

— Tem uma irmã!

— Mas eu nunca a vi aqui?

— Olha, porque é casada, tem filhos e tá na França.

— Por que é que num casou, pai. Era feio?

— Não. Olha, veio de uma guerra que houve há muito tempo, da Índia, e depois foi prá França. Levou a mãe que tava práí sozinha, mas um dia, quando chegou do trabalho, encontrou-a morta. Tinha sido atropelada, assim, à porta de casa.

— Foi quando veio pra cá?

— É. Mas fugido porque matou quem lhe tirou a mãe. — João fica cabisbaixo — Bá, leva esse carrinho que depois conto-te o resto. — e o petiz voltou a regressar com toda a sua prontidão.

— Sabes, tu um dia vais perceber isto, um home quando mata também morre porque percebe que acabou de marcar caminho có morte. É por isso que ele anda práí desleixado, bêbado e sempre de cigarro na boca. Se calhar quer que o vinho, os cigarros ou a porra o matem depressa.

— Coitado! E o Natal? Onde o vai passar?

— Como passa todos os dias. Fica práí a trabalhar até tarde, não ouves as marteladas, e depois vai pra casa; bebe uma aguardente e deita-se.

António reservou-se para o silêncio. Sentou-se no meio muro que rodopiava sobre o terreiro e, voltado para o caminho, escutava atento aquele dialogar férreo de Joaquim com a pedra como quem escuta a voz da neblina.

A escuridão arava seu próprio semblante e António definhava o tempo, ralando, com os seus deditos distraídos, o musgo arrancado da parede. Já Artur havia rece-



bido ordens da mulher para chamar o rapaz, mas ao vê-lo, assim, voltado para o caminho, entendeu-o.

— Deixa mulher. Ele vem já.

O batucar de picos e martelos terminou. Instantes depois, Joaquim descia, escondido pela escuridão, aquela sábia calçada.

— Ó Se Joaquim, inda vai agora?

— É. E tu num vais pra dentro? — disse baixo e sem parar o velho pedreiro, continuando a fuga de si próprio.

— Tava à sua espera.

Joaquim parou e elevou os olhos para o garoto.

— Este frio faz-te mal, fuge pró lume.

— Tenho pra si isto. É o meu carrinho de bois.

— E tu é que o fizeste?

— Fui, com tempo. O meu avô ensinou-me. Tem tudo como se fosse de verdade: rodas no eixo, pigarro, fogueiros de lenha e umas caniças pra pôr.

— E tu vais-me dar o que deu tanto trabalho?

— Vou! Eu tenho tempo. Adiante, faço outro pra mim.

Joaquim libertou-se do balde por instantes. Recolheu a oferta. Solto um sorriso escondido.

— Sabes que é a minha primeira prenda de Natal?!

Agarrou o balde com a mão esquerda e desceu oferecendo, com a outra, aquele brilho de criança à noite. ❶



JOSÉ OLIVEIRA nasceu na França, em 1969, mas, desde os sete anos, mora em Povoia de Lanhoso, Portugal. Seu primeiro livro, **Rumos**, sobre as experiências da imigração, foi publicado em 2004.

Carlos Barbosa

Antonel abriu a porta da tapera e contemplou o amanhecer que se fazia ocre ao leste. A poeira levantada pelos veículos na rodovia subia aos céus lembrando implacável a seca sina do sertão. Saiu pro terreiro com uma caneca d'água na mão. Lavou a cara e cuspiu longe a água do gargarejo. Sumiu no interior da tapera pra de lá surgir com uma enxada às costas e uma garrafa plástica com água na mão. Antonel estava pronto pro trabalho de todo dia. Sem café e sem massa na barriga.

Terra imprenhe. Terra sempre terra. Antonel contava apenas com a chuva e a força dos músculos pra trabalhar o roçado. Preparo e irrigação do solo eram assuntos de outra banda do mundo. Na parte do mundo de Antonel reinava a fraqueza das armas e das bênçãos. Arriscara todos os caminhos da pobreza. Da lavoura pro garimpo. Do garimpo pro comércio. Do comércio pra São Paulo. Em São Paulo direto pra miséria do subemprego. Depois trocou de lugar sua miserabilidade: de São Paulo de volta para seu Paramirim. Pelo menos agora era um miserável proprietário das míseras tarefas de terra que foram de seus pais. E sozinho. Mulher nenhuma quer mais labutar a terra pra um nada. Querem agora é televisão e festa na praça. A vida na roça deixou de ser apenas dura para se tornar um desvio de vida. Uma vida virada ao contrário antes da hora chegada. E a cidade já tem de um tudo como se capital fosse. É mais barato comprar farinha no mercadinho. Tudo no mercadinho é mais barato do que o que se planta nas roças. Tomate vem é de Feira de Santana! Serviço de roça virou praga de homem desnorreado. Tocou roça é tapear o juízo com cansaço e esperança moída. Daqui não arredo até me aposentar. Restou então a Antonel esse trabalho como obrigação de vivente. E ao trabalho ia naquele amanhecer.

Viu de longe que outros já labutavam na área. Apressou o passo. Antonel sabia que de nada adiantaria sua pressa e mesmo assim acelerou o rojão. Ruminou o rumo que a situação tomava. Teria que fazer algo por ele indesejado se persistisse a perseguição: seus braços preparariam a morte de Zuíno. De Zuíno e de quem mais se intrometesse. O fato de ser mulher e menino não impediria participação no desfecho. Tinha certo é que o barulho não podia começar. Depois de começado, quem entrasse no meio morreria. Mais humilhação é que não poderia agüentar. O Senhor Jesus era testemunha de seus esforços pra evitar sangueira no barro.

Antonel se aproximou da rodovia traçando um desvio pelo mato ralo. Pisou no acostamento distanciado de Zuíno e sua gente. O asfalto não apresentava buracos no trecho que alcançara. Zuíno se apossara do trecho mais destruído da rodovia e ampliava o território dia após dia. Da mesmíssima forma que os buracos faziam com o asfalto. Muitos deles abertos pelas mãos de Zuíno. O desgraçado obriga um dos filhos a dormir no local pra garantir que somente ele aproveite a caridade de motoristas e passageiros. Vem me empurrando todo dia cá pra cima da serra. A buraqueira fica toda pra ele. Daqui pra frente o asfalto caria mas dá passagem veloz aos carros. Que proveito terei nesta merda? Nenhum! Aqui só vou comer poeira. O desgraçado pensa que eu sozinho não reajo. Que eu sozinho não posso com eles. Que eu sozinho não serei homem de peitar esse atrevimento de dono da bê-erre. Mas pense o sujeito o que quiser. No acabar de minha paciência ele também se acabará. Ele e sua cambada.

Antonel resmungou raivoso e subiu um pouco a estrada pelo acostamento. Mais à frente a rodovia afundava-se em um pequeno morrote. Duas paredes em arco de pedra e terra limitavam o trecho. Havia buracos ali. Caminhões e automóveis vindos da serra da Mangabeira reduziam a marcha para superar os buracos. Antonel sopesou a enxada. Não podia contar com donativos dos que vinham de Ibotirama. Zuíno e sua gente aproveitavam deles primeiro. Apoiou a enxada no chão e percebeu de imediato o problema: o acostamento acabava-se na parede do morrote. De um lado e de outro. Teria que pegar barro mais abaixo e trazer ao ponto em que se encontrava. Antonel não possuía carrinho de mão. Nem carroça ou qualquer tralha que servisse ao carreto do barro. Sentiu sangue e estômago esquentarem. O sangue latejou em sua têmpora e o estômago doeu de forma insuportável. Ódio e fome se enrodilhavam em Antonel feito serpe traçoceira.

Estendeu a mão para os carros que passavam. Interessavam restos de pacotes de biscoito e fru-

v
e
r
t
i
g
e
m,

tas para matar a fome. De nada adiantariam moedas nestora da manhã. Nada. Os carros insistiam em zunir à sua frente sem redução expressiva da velocidade. O dia parecia provocar Antonel.

Era preciso então tapar buracos nem que fosse fingimento. Por um longo momento a rodovia permaneceu aquietada. Antonel ficou de queixo fincado no cabo da enxada. E assim reparou na parede do morrote em frente. Lá estava a solução: escavar o barranco e dali retirar o cascalho necessário ao tapa e retapa. Nem mesmo precisou atravessar a pista. Começou a cavoucar do lado em que estava. Ajuntou cascalho no acostamento e deu início à operação tapa-buracos esquecido inteiramente do concorrente Zuíno. De uma picape atiraram moedas que recolheu do asfalto sem pressa. Melhor seria se fosse comida. Paciência.

Voltou ao escavamento do barranco. A enxada tiniu e resvalou em pedra grande. Antonel verificou com um rápido olhar o estado da enxada e deu um passo à esquerda procurando local mais apropriado à recolha do cascalho. Foi então que seu olhar esbarrou em algo que brilhava justo no ponto em que a enxada cantou fino e seco. Suspendeu o serviço e resolveu investigar. Arriou a enxada. Largou-a no chão para mais facilmente alcançar com as mãos o alto do barranco. Afastou o cascalho que a enxada havia removido na pancada. E tocou ignorante a grande pedra escondida no barro do morrote. Sentiu-a lisa e angulosa. Abaixou-se e pegou a enxada novamente. Suavemente raspou o cascalho alargando a área em redor da pedra. Então viu. Viu que era cristal. Mais que isso: uma pirâmide de cristal! Imensa e bela! Absurdamente exposta em seu ápice no barranco da rodovia.

Antonel recuou a sentir toda sede do mundo em sua garganta. Passou a mão na testa a repetir para si mesmo que não era possível. Aquilo não era possível! Cristal no acostamento da bê-erre! Como podia estar assim o cristal à flor da terra? Trator e patrol removeram o miolo do morrote para construção da rodovia décadas passadas. Como puderam passar tão rente ao bojo e não despertá-lo? Seria verdade que o cristal caminhava com o passar do tempo por dentro da terra? Meu Deus! Lá estava a ponta luminosa da pirâmide de cristal a convidá-lo para banquetes e farras tremendos...

Não demorou muito e Antonel recuperou-se do aparvalhamento que o assaltara diante da pedra de cristal. Não era esperto em garimpo mas sabia que ali havia mais que aquela grande pedra. Com certeza havia um veio de cristal naquele barranco. Sentiu vontade de gritar. Felizmente a garganta ressequida não permitiu a explosão do grito. Junto com a vontade de gritar veio a lembrança de Zuíno e sua corja. Antonel sentiu o corpo gelar. Virou-se na direção de Zuíno e o viu diminuto à sombra de um papelão enquanto os filhos jogavam barro nos buracos da estrada. A sede apertou. Antonel pegou a garrafa d'água de um recanto ensombrado. Bebeu quase toda sem tirar os olhos de Zuíno. A cabeça a mil.

O ruído de carro se aproximando o trouxe de volta ao acostamento da rodovia. Um motorista atento poderia ver o faiscar do cristal no barranco. Então Antonel jogou barro de volta no barranco cobrindo a ponta da pirâmide cristalina. A carreta passou envolvendo Antonel em poeira. Fosse seo Amaro vivo e em vez de problema teria solução pronta pra esse garimpo rodoviário. Vou atrás de Zildo na Cachoeira. Antonel sentou-se pensativo ao pé do barranco. Zuíno não podia perceber o ocorrido. Não posso me arredar daqui antes deles. Bebeu o resto da água na garrafa. Vou engolir cuspe até de tarde mas daqui não saio. Mais carros passaram pela rodovia. Mais poeira subiu. Vez em quando jogo terra nesses buracos. Preciso é de comida. Por hoje como até barro. E Antonel riu enquanto alisava o barranco. Precisava levantar-se e continuar a tarefa de atirar areia e cascalho nos buracos do asfalto com a velha enxada. É só por hoje. Amanhã vou tirar é cristal. Vou comer manjares e beber elixires. Voltou até o barranco e marcou o lugar com um arranjo estrelado de pedras. Sentou-se no acostamento novamente. O sol bateu de cima. Sentiu uma vertigem, 7

inglês do Cemitério dos Ingleses

23. Sarah Graham

Voltei de Londres sem ter visto Gerald Glaser — assim como, oh, a mudança da Guarda mecânica, dada a corda neles, os soldadinhos da carne de chumbo quente, os rapazes corados debaixo do frio e da chuva encharcando a barriga de urso dos seus capacetes. Os turistas enxaemiam em torno dessas coisas, vieram para isso, não esperam — nem acreditam — nas coisas que alteram o rumo da existência, no fundo do bazar à nossa espera nas cidades de madreperla marchetada nas paredes sonhadas por devaneios que fazem a curva do Trapiche ou do bairro de “dentro do Recife”, que consumira uma parte da minha vida diante de navios fundeados, barcos parados, águas mais ainda.

Meu retorno foi deprimido pelo *fog*, a neblina de água que todos associam à Torre e à Ponte (“prodígio de engenharia, capaz de funcionar com o movimento de uma única alavanca”), assim como a todo e qualquer cenário clichê das madrugadas de Kipper!, que fora “ninguém menos que o príncipe Eddy, duque de Clarence”, me informou Sarah Graham.

Essa é a recordação essencial de uma viagem falhada exceto por ter me dado a oportunidade de revê-la, transformada em mãe e “sensitiva”, pouco antes do retorno para a gaveta da minha vida, a gaiola da casa de pirilampus mortos e fotos esmáccidas, prisão sem ferrolho do Recife onde eu podia circular à vontade — desde que voltasse para o quarto cheio de mim mesmo, abarrotado de mim, entupido do eu farto de si próprio.

Sarah Graham aparecia num dos instantâneos emoldurados, que o tempo retocava, ano a ano. Fora obrido em Olinda, milênios antes de eu me ver na sua casa, molhado até os ossos, custando a crer que fosse ela aquela mulher madura, a massagear a minha cabeça com uma toalha felpuda, depois de me emprestar calça, camisa, cueca e sapatos do falecido marido (um russo menor do que eu).

“Quando você cruzou a rua, eu sabia que ia tocar a campainha, que era você e sua tristeza ensopável, meu amigo.”

Ela queria dizer “incurável” ou “ensopada”? Ou ambos? Estava tudo misturado como naquela indesculpável visita-surpresa à casa de uma viúva ainda jovem. Isso já não tinha a menor importância, neste século 21 servindo, afinal, para alguma coisa. Eu não podia estar cem anos enganado, e olhava para a descendente de Maria Graham com ternura para com meu próprio passado também sem importância. Estou antecipando tanta coisa.

Aquilo que ela me disse — sem demonstrar surpresa — soa agora como a fala de alguma personagem de *soap opera* espírita transmitida no último horário noturno, depois que você não suporta mais ver o canal dos peixes no aquário, ou outro qualquer para hóspedes solitários de hotel, sem programa e sem a lembrança de sair do quarto sombrio ou da vida insuportável-incurável-ensopável...

Se eu não havia procurado Glaser (por bons motivos), no entanto pensava em procurar Sarah Graham, e esforçadamente me dedicara a isso, nos momentos de folga do museu. Apesar de temer a perspectiva — acertadíssima — da senhora madura me abrindo a porta de ferrolhos e tranças, e piscando os olhos para a claridade matizada da garoa que torna ainda mais melancólicos os reencontros do gênero, etc. Não posso ser acusado de má vontade ou de preguiça. Logo ao chegar, mesmo com todos os receios, eu havia usado o velho caderninho de endereços, antediluviano, riscado e anotado até com pequenos poemas registrados contra o esquecimento.

No caso do endereço dela, já não conferia com o de nenhuma “Miss Graham” descendente, ou não, da antiga viajante que viera conhecer o “Recife de Maria”, há dezesseis anos. Foi preciso muita determinação, um pouco de sorte e o fato de Sarah ter se tornado uma “sensitiva” — aqui e ali aparecendo nos programas vespertinos destinados ao público feminino —, para encontrar a pista que me levou a um apartamento de Paddington, na zona dos novos empobrecidos da cidade assistindo tevê, entrevistas com paranormais e bebês salvos de serem devorados por cães de guarda, veteranos sem braços que pintavam telas com pés de unhas maltratadas e mulheres de astros do futebol de duas décadas atrás, se não John Mills precisando ser apresentado a telespectadores que jamais haviam assistido ou não recordavam de nenhum filme daquele velhinho simpático.

Ela morava num pequeno apartamento decorado com gravuras do Brasil colonial e alguns desenhos da escritora e pintora do adorável “panorama da baía da Guanabara” — de mais de três metros — que faz parte do acervo do Masp (os trezentos e sessenta centímetros de comprimento daquela paisagem carioca são um pequeno prodígio de observação alongada e delicada; uma vez, fiquei hora e meia diante da “tira” de papel e tela dignificados pela proximidade dos Reynolds e outros mestres de olhar agudo, perto da sala onde o caprichado — e espichado — quadro de Maria Graham está pendurado como uma pequena ilha de paz longitudinal e distante, no meio da Avenida Paulista).

Os desenhos de alto valor estavam mal-emoldurados, e, pior, lado a lado com reproduções baratas, no



bricabraque da decoração de classe média misturada com restos de elegância vinda de época na qual a pobreza ainda podia se resguardar de certas aflições, do crédito consignado e dos enterros nos novos cemitérios da periferia da periferia.

Logo ao entrar, vi um samovar notável num dos cantos da sala. Retratos de uma menina e de uma adolescente um tanto aciganada, correspondiam à filha — Ludmila —, com olhos negros bem diferentes da mãe e a idade das minhas lembranças da “primeira” Sarah.

Sarah. Fazia muito tempo, e eu estava tentando conciliar a recordação da Sarah de pele de touca com a senhora gordinha de pele queimada (“de Cuba”) que me abria a porta, antiga estudante de história que se casara com um “dissidente russo”, tivera uma filha e havia ficado viúva, tudo em dezesseis anos. Agora, estava me abraçando, de novo, dizendo sentir “uma perturbação na minha aura”, e que, no ano passado, quisera levar a “sua” Ludmila em viagem-presente de quinze anos para... “adivinha qual país?”...

Claro que era o Brasil. E queria ir ao Recife, aonde pretendia me procurar, “mas o quê, quem imaginaria, você chegou *quando?*”, e está preocupado, muuuito preocupado, estou vendo uma zona escura em volta da sua *anima*, meu querido, se eu fosse você me cuidava, mas você nunca se cuidou, deve ter algum parente meio “fora do ar” na sua família, puxou a algum maluco manso como Ludmila, você sabe (como eu poderia saber?), saíra ao pai, não parava, visitara Cuba recentemente, tinha preferido, era louca pelos músicos cubanos e também pelas praias e pela comida de Cuba, a menina. Você esteve pensando na pobre Dorothy Eady — *acertei*, meu querido?”

Como poderia ter sabido?

Sarah — a nova — também se acalmava (passado um tempo), graças a deus.

Quando ela serenou, eu disse que sonhara, sim, com “Omm Seth”, tinha um pesadelo relacionado com aquela senhora (“você a conheceu”), ela sabia, e eu fui ficando com medo, confesso, da Sarah que eu

fora reencontrar em Londres, empurrado pela melancolia, os sonhos da véspera (luz entre as colunas), o fato de estar querendo me sentir de volta à “Swinging London” suando o *sweat* nunca *sweet* das trocas cabreiras de palavras, da semelhança, de ressonâncias ocultas entre elas — além do culto da princesa, que ainda estava nas ruas, meia dúzia de anos depois daquele longo cortejo acompanhando o corpo de uma inglesa ligeiramente parecida com a mãe do Recife (o que era nada incomum para a promiscua *Londinium* amorosa desde os tempos do imperador Cláudio, se é que “amoral” significa qualquer coisa que sugere você se perder num apartamento vazio, na companhia de uma estranha, e ambos jogando a roleta de trepar sem camisinha e sem identidades, último tango retardatário de Londres, cujo anacronismo era a “novidade” sexual da cidade a conviver relativamente bem com a Aids).

Acima de tudo, agora eu me sentia mais confuso do que nunca, no meio de uma viagem impensada. Como se fosse outro, eu me perguntava o que exatamente viera fazer ali, e por qual impulso maluco mais uma vez comprara uma passagem para sair, quem sabe, da proximidade das coisas só reconhecidas à distância. Eu precisava disso: de ver tudo recuado, sob a lente de binóculos invertidos, pelo buraco de um olho-mágico no fundo da madrugada em que você bebeu e acorda numa cama que não é sua.

Lawrence? Eu não viera só pelo acidente de 1935, quase esquecido na pele, milhares de vezes mudada, do mundo envelhecido outro tanto desde então. O impulso que eu seguira estava mais embaixo, como o perfume que me escapava, sentado no sofá da sala do apartamento cheirando a incenso e a algum outro aroma qualquer, difícil de identificar.

Eu não esquecera que Sarah detestava Lawrence, e dei umas voltas na explicação da minha viagem “surpresa” (que ela não deixava de censurar).

No Recife — há quase vinte anos —, minha admiração pelo herói atormentado colidira com a gra-

tuita antipatia da moça. Recordava, bem, de uma frase reveladora (e simplificadora): “O mundo dele é masculino demais”. Seria engraçado se ela estivesse “sabendo”, igualmente, que viera eu pelo motivo lawrenciano da carta de Glaser, em busca daqueles nadas que ia levar nas mãos, de volta.

“Você viaja depois de amanhã.”

Olhei para Sarah. Ela sorriu:

“Não me pergunte como eu sei.”

Eu não pretendia perguntar nada. Estava longe, furando a capa de distância do ano de 1986, que mostra cenas mal filmadas nas redações de jornais e bares do Recife, onde sou eu aquele ali, vestido com uma camisa de malha amarela com a qual eu me sentia muito elegante quando partia ao encontro de nada, nas noites vagabundas dos “verdes anos” (oh, as palavras). É a camisa que eu visto, em Olinda, quando encontro a inglesa que rompeu a correia da sandália mal fabricada pelo hippie das ladeiras de artesanato. Ela se chama Sarah, e é descendente de Maria Graham, além de turista inquieta e estudante aplicada, a comprar sandálias de dedo e a investigar sobre a avoenga, a Sra. Graham, enquanto se encanta com a cidade saqueada pelos corsários ingleses James Lancaster e Edward Fenner, no dia 9 de abril de 1595. Falo dos seus compatriotas flibusteiros, digo que Fenner também era inglês, contra a opinião de Handelman, Rocha Pombo e Veiga Cabral (que sustentavam ser Edward um holandês cujo nome correto se grafava “W” de Wenner)...

Tento mostrar conhecimento da história da antiga vila assolada pelas tripulações da frota corsária, constituida pelos navios *Consent*, *Salomon*, *Virgin*, *Peregrin* e — ironia das ironias — *Welcome*. Tudo verdade. E realmente bem-vinda era a descendente da Viajante, a moça de carne alva e pronúncia de português matizado do espanhol que Pepys usava como uma espécie de código “Spanglish”, nos seus diários cheios de “mamilos rosados e delicados pelos pubianos” taquigraficamente citados (por falar em pelos: Sarah

Graham era a primeira mulher que eu via manter intactos os — ruivos — da axila). Eu recordava a jovem Sarah de camiseta, nada de sutiã, e raras, raríssimas saias enfunadas sob a aragem, nas ladeiras.

Não podia haver memória de vela de navio pirata que fosse mais atraente, após trezentos e tantos anos, do que a quase transparência do tecido leve contra o sol do trópico dourando o corpo — então esguio — da inglesinha a subir o cruzeiro de São Francisco para tirar uma foto que deve estar, ainda, numa gaveta da minha juventude (contra a luz, de ângulo baixo, vendo-se o suave delta em silhueta). Diante daquilo, era difícil imaginar alguém de fato interessado pelos hirsutos Lancaster e Fenner que (eu recitava, distraído) “foram cercados pelos pernambucanos, perderam quarenta homens — incluindo cinco capitães — e só conseguiram romper o cerco à noite, fugindo para os navios carregados de riquezas, fundeados na costa”.

Enfim, eu tentava impressionar Sarah Graham de todas as maneiras, em 1986. Consequira até agendar um encontro com Gilberto Freyre, na casa senhorial de Apípicos, e a levava para apresentar ao mestre, na sua poltrona preferida, de meia e chinelo levantados com a perna sobre o braço do móvel. Na Fundação GG, há hoje um boneco de massa do escritor escrevendo nas coxas, o bigode sorridente para o próprio estilo. Sarah, entretanto, não sabia direito quem era Gilberto, eu tentei explicar e terminei resumindo: um conhecedor profundo das viagens de Maria Graham e outros ingleses, desde os tempos de Canning. Não sei se ela entendeu — mas pôs calcinha e sutiã debaixo do vestido de decote curto com que me esperava no Hotel 4 de Outubro, de frente para a cadeira transformada em Casa da Cultura (ali estava uma oportunidade: “Casa de Cultura Giba” — ex-Detecção — teria sido muito mais justo do que pespegar Aeroporto Internacional Sir Canary no nosso terminal aéreo onde puseram uma hirta estátua de bronze do mestre de dedo-duro)...

Tomamos o caminho tão recifense do bairro de Casa Forte, e toda a solenidade do encontro veio por água abaixo logo na primeira pergunta dirigida à “menina Graham”:

“Você conhece Lolita?”

Ninguém me avisara que o escritor já estava senil, e só entendi isso em face da indagação intempestiva, feita pelo sorridente sábio na nuvem, já, da doença desonerando um mente outrora poderosa. A pergunta havia despertado olhares inquietos de Dona Madalena, a mulher vigilante do homem que me estendera a mão mole:

“Mas você, meu jovem, certamente conhece Lolita?...”

Freyre não se referia ao romance de Vladimir Nabokov, mas, sim, a certa figura muito popular no Recife, que a jovem inglesa não poderia conhecer, evidentemente. Logo que saímos do gabinete do autor de *Sobrados e mocambos*, situei as coisas para Sarah, remontando à frase — “quem não conhece Lolita, não conhece o Recife” — corrente na zona do baixo meretrício da cidade que, assim, ela fora conhecendo, por palavras, num gabinete de estudos que já recebera Aldous Huxley (como Freyre gostava de lembrar, encantado)...

E a frase ficaria sendo a nossa predileta, repetida com a imitação de voz de macaíba-quente-naboca, que era o sotaque “oxfordiano” cuidadosamente mantido pela macaíba da boca de GP?

“Você conhece Ludmila?”

Acordei das recordações recifenses para a apresentação da filha de Sarah, chegada da rua debaixo do casaco rosa-choque. Tomei um choque. Claro que eu não a conhecia. E a frase talvez fosse uma forma de lembrar a pergunta-piada, enquanto eu tomava o pequeno susto — por estar tão longe e ver aquela moça divertidamente molhada, ao tempo que era examinado enquanto me levantava para beijar, na face, a bela adolescente que me retribuiu com um chiclete rolanete na boca. “Bela” é o adjetivo que me ocorre, velho como o tempo — que não é belo.

A filha era muito mais bonita do que a mãe sensitiva anunciara corajosamente, aquela Sarah irreconhecível como uma persona envelhecida da Zelda que avisara ao jovem Fitzgerald:

“Mas eu o previno: só sou realmente eu quando sou outra pessoa. Se você quiser essa pessoa, então estará pronto para me amar ou para me matar, o que dá mesmo no mesmo, Scott” (uma das confissões mais puras e mais sinistras entre namorados — e que viera à minha lembrança no exato momento em que

continua na página 31

O

romance

Fernando Monteiro

23. Sarah Graham

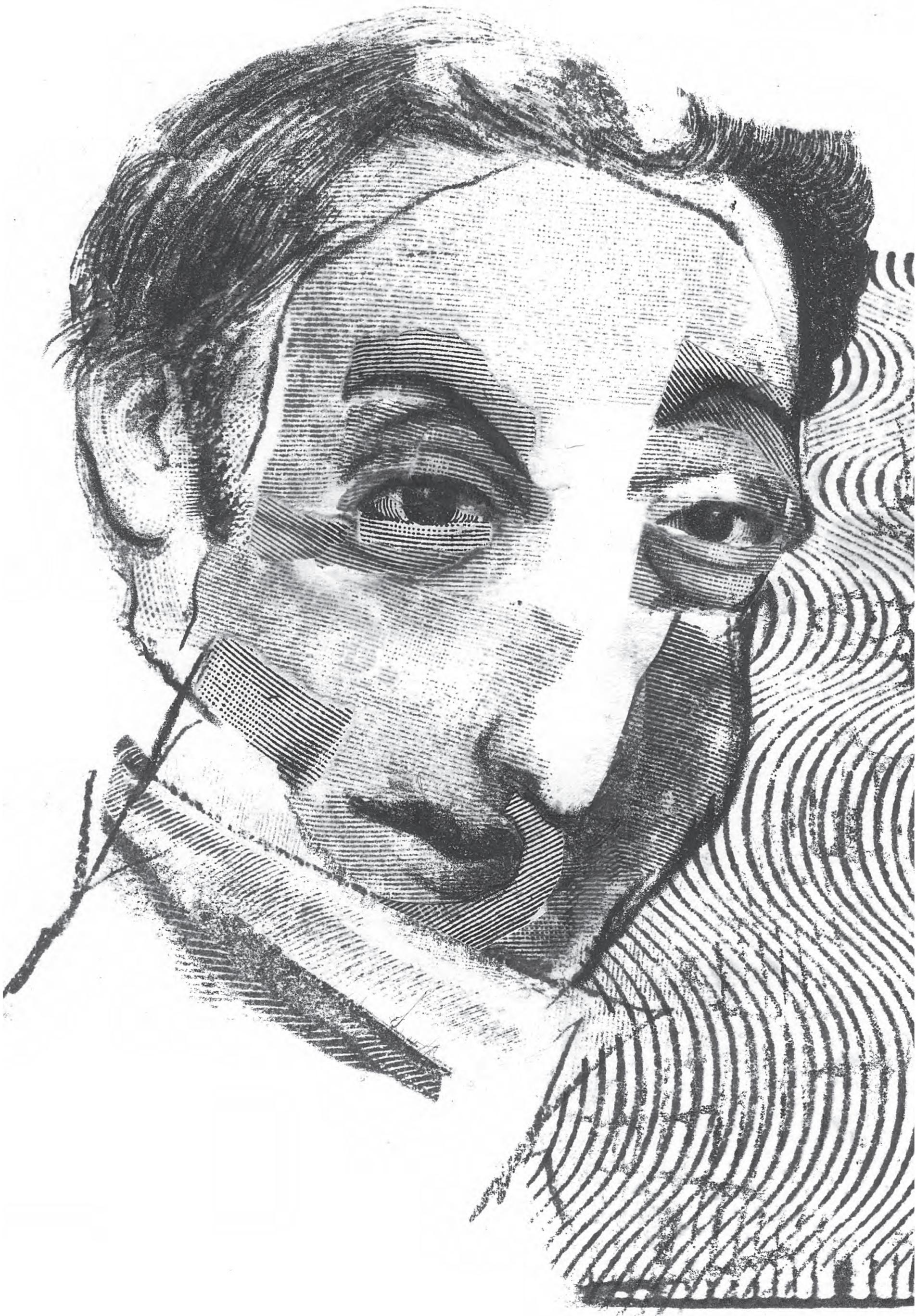
24. Era isso: eu estava tentando me compor

Na próxima edição:

25. Ludmila

26. É a notícia do tempo que vem, reticente

OTROJO 
©ricardohumberto



24. Era isso: eu estava tentando me compor

Me compor com aquelas lembranças, quero dizer. Eu fazia um esforço enorme para não destroçar as lembranças, diante da “sensitiva”, a Sarah reduzida a pouco mais do que uma mãe britânica, uma inglesa gordota com os restos de alguma vida independente da de Ludmila parecendo sinais de rádio fugindo da onda, a moça leve da memória antediluviana perdendo-se na sintonia difícil, fluida, uma hora quase parecendo que ela poderia surgir, voltar, apagar os anos, restaurar o ouro quente da voz, alguém é capaz de entender isso?

Assim que terminava de chover — e mesmo quando continuava, com gente acotovelada debaixo das marquises —, eu costumava sair sem um lugar para ir, vagamente levado para próximo do cais cuja mão de gelo então me alcançava à maneira do que se passa no sinistro poema *A cidade*, de Kaváfis:

Não acharás novas terras, tampouco novo mar.
A cidade há de seguir-te. As ruas por onde andares
serão as mesmas. Os mesmos os bairros, os andares
das casas onde irão encanecer os teus cabelos.
A esta cidade sempre chegarás. Os teus anelos
são vãos, de para outra encontrar um barco ou um
caminho...

Era como colecionar borboletas mortas, num álbum caído de um caminhão de mudança aos pés chagados de mendigos vomitando sobre o peito das próprias camisas sujas do excremento de pássaros agora recolhidos em alguma parte. Onde estavam os pompos de Trafalgar e da praça Maciel Pinheiro? Onde estavam Sarah e Clarice, sim a Lispector, que passara a infância num prédio de frente para a praça?

Meus pensamentos erravam na sala daquela casa como tantas outras — eu esperara que se parecesse com as minhas lembranças inventadas da busca de saídas? —, a imaginação pulando de galho em galho, de cidade em cidade, de poema para poema, de Sarah para Sarahs (e Dianas e Clarices e Dorothys).

Enquanto ríamos de nós mesmos, ela recordara a frase “quem não conhece Lolita, etc.”, porque, afinal, eu lhe explicara quem era a Lolita do Recife, já disse isso, há quase vinte anos, saindo da sala do mestre Gilberto meio demente, tresvariando sobre seus fantasmas de caspas, as universidades americanas da sua juventude como um

jato nas nuvens da fantasia organizada do homem meio aristocrático e meio fanfarrão nas entrelinhas da vaidade descarada. Velho pavão. A minha amiga ria-se, divertida com o ancião assanhado. O efeito de si mesmo permanecia afrodisíaco para Gilberto Freyre — ou o que ele ainda achava que fosse isso, numa jovem europeia cruzando as pernas quentes do sol na sua frente. Pobre Giba despedindo-se da vida com frases descosidas (eu sabendo que havia mil olhos, para isso, na Fundação de jardins atlânticos e puxa-sacos vigilantes).

Tiramos uma foto num dos bancos de azulejos molhados, e saímos para a tranquilidade de Casa Forte, um bairro recifense até à medula das padarias, dos restaurantes e bares adaptados de velhas casas onde era possível sentir a antiga vida doméstica maquilada sob os avisos de que “aceitavam Visa” e permitiam o acesso à cozinha instalada nos quintais de bananeiras desaparecidas. Recordo tanta coisa. Posso dizer do que falamos, quando a conversa morreu. Vivemos para recordar, um dia, alguma coisa completamente sem importância, que nos pega pela garganta, numa esquina banal, na hora mais inesperada. É tarde demais, mas essa coisa volta, diz respeito a alguém que está morto ou vivo, não importa — porque não se pode fazer mais nada: telefonar, pedir desculpas, enviar um livro, a quinta sinfonia de Mahler, a primeira das palavras, em muitos anos, numa carta que relutávamos em enviar (quando passa a coragem perdida), até que um dia negro, um poço de solidão num sábado, arranca nossa piedade do limbo, e faz a mão, os dedos deslizarem sobre um papel manchado.

Alguém sabe do que estou falando? Sabe, sim. Vim aqui para Londres a fim de perceber que estou, como Kaváfis, para sempre na Alexandria que me persegue como as formigas gordas da chuva. Estou na sala de Sarah — a de agora — e meu esforço é todo para entrar na corrente da vida de agora, uma frase idiota, um desespero real, ali, em face de Ludmila fazendo parcialmente real a ilusão de que ela fosse (tão diferente!) uma jovem Sarah cigana de tempos mais difíceis, de mais indiferença em meio ao colorido, de menos vida e mais monotonia nas casas de gradis recuados para...

“Monotonia?”

Eu fizera a pergunta. Ela ria. Adorava Londres no verão, detestava a Londres que as pessoas pensavam que era Londres porque liam nas revistas de bordo reportagens sobre “pubs” antigos, táxis amplos e portões de palácios com soldados de chumbo vermelhos como os cacetes dos cachorros. “Ludmila!”

“Você nunca viu o cacete de um cachorro? O primeiro cacete que eu vi foi o do macaco do colégio que, às vezes, se masturbava na frente da gente...”

“Ludmila.”

Ela seguiu contando como as meninas davam um jeito de levar o macaco para os fundos do parquinho da escola, onde ele fazia o seu número obscuro, sem perigo para as suas colegas. Depois, o macaco morreu “e o segundo cacete que ela tinha visto”...

“Ludmila, vá buscar a água do chá para a mãe, querida.”

“Vá você. Estou fazendo sala pro teu amigo”.

“Então, encerre esse assunto”.

Que riso maravilhoso. O riso de Sarah? Não. Outro riso. Um riso desconhecido e mais do que franco, uma fileira de pequenos dentes cínicos na boca fresca e vermelha de uma jovem parca com *piercings*, a certeza jovem de pisar um mundo morto com os pés ligeiramente sujos das mocinhas indecentes de um modo novo, se é que me entendem (pelas costas das palavras que haviam perdido sentido, substância e utilidade). A geração de Luddy deixaria as coisas correrem, cada vez mais. Não adiantava pensar ou dizer que elas “estavam perdidas”, lamentar, rezar, sequer tentar acompanhar um tipo de mudança baseada na indiferença profunda, na demissão capaz de ser mais ativa do que tudo.

1. *Gíria cockney para Jack, o Estripador.*

2. *O autor de Casa Grande & Senzala disse que a mesma “indagação” havia sido feita a Charles Darwin, “quando o notável naturalista desembarcara, em 1832, no velho porto dos mascates (onde Maria Graham também desembarcara, quase dez anos antes)”. O inglês, garantia Gilberto, “certamente lera sobre ‘Lolita’, no Journal of a voyage to Brazil, publicado em Londres, no ano de 1824”. Foi uma visita desconcertante. Misturava demência senil e informação precisa. Ao fim da entrevista, Gilberto Freyre autografou a segunda edição de Ingleses no Brasil para “Maria Graham”, trocando o primeiro nome da visitante pelo da sua ancestral quase duzentos mais velha. Sarah achava graça. ❶*

LEIA TODOS OS CAPÍTULOS ANTERIORES NO SITE WWW.RASCUNHO.COM.BR

A HISTÓRIA DA CAMISA EM TODAS AS COPAS. INCLUSIVE AQUELA EM QUE A AMARELINHA AMARELOU.

A CAMISA DE OURO. O NOVO LIVRO DE ERNANI BUCHMANN.



Getz

Renascimento

Lentamente a manhã se enrosca
em meu quarto.

A luz do azul acende
a janela.

Venho ter com a fidelidade de sol e mar:
morrem juntos,
nascem juntos.

Essa ausência que...

Essa ausência que
Me fala por trás como no ouvido
Se esconde
Quando me viro. É um livro
De poemas não escrito
Que perambula invisivelmente
Entre as estantes. De repente
Adormece comigo. Romeu
E Juan de Marco observam-na sonhar
Mas não me contam...

Amicíssima menina:
Menina das distâncias:
Distante namorada de braços tão longos
Que me alcança a carícia pelos espaços: escute:
Você
Deixou sua ausência fiel e falante
Que não me deixa,
Deixou sua ausência que desperta
Antes e me acorda,
Sua ausência que é feito um filho,
Como quem deixa um filho
Pra criar.

DANIEL GIL nasceu no Rio de Janeiro (RJ)
e estuda literatura brasileira na UFRJ.
Publica seus poemas no site www.danielgil.cjb.net.

3 POETAS

Passeio de domingo

E se perderam no parque
como se possível fosse
encontrar na jaula dos leões
a criança que sumira
na penúltima visita. Nada

denunciaria os olhos tristes
por trás das lentes escuras
e, do sorriso da boca, o giz
da secura, nada denunciaria
que se perderam no parque
como se fosse possível
encontrar-se.

KÁTIA MACCÉS é jornalista e editora
do suplemento dominical de televisão
do jornal *A tarde*, de Salvador (BA).
Em 2002, lançou o livro de poemas
De volta à caixa de abelhas.

Tróia I

Em tempo antigo, Helena, bem malandra,
chifreia o bananão do Menelau,
que põe a culpa num Páris de Tal,
e a guerra o Agamenon então comanda.

Menê, c'ô irmão mais velho, todo prosa,
a Tróia vai lutar contra o janota,
pra libertar a esposa, a tal cocota,
que ao outro se libera bem fogosa.

Chegando lá, constrói-se um tal dum fosso
sem autorização do deus Netuno,
que grita a Zeus, Apolo, Atena, Juno,

e todo o Olimpo acorda em brado grosso;
e Zeus, de mau humor e saco cheio,
ordena: "que se arrase fosso e meio!"

Tróia II

A guerra tava má pro lado grego,
o fosso destruído, e a Tróia brava
as hostes dos atridas arrasavam,
e Agamenon tomava bem no rego.

Pior, foi que o chefão, assaz pedante,
roubou Cassandra de um seu agregado,
Aquiles, que ficou injuriado,
e greve declarou naquele instante.

Heitor, chefe troiano, às gargalhadas,
gozava sua repentina glória
ao ver de Agamenon as trapalhadas,

e já cantava os hinos da vitória
depois que matou Pátroclo feroz
em fúria de combate tão atroz!

LEO PINTO nasceu em Londrina (PR) e
atualmente mora em Campinas (SP).

daniel gil

kátia maccés

leo pinto



Sesi Cultural. A evolução da Indústria através da Cultura.

O Sesi Cultural é o programa criado pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná, através do Sesi - Serviço Social da Indústria, para levar cultura, em todas as suas formas, a indústria do Estado. Por meio do teatro, da música, dança e de uma série de outras manifestações artísticas, o Sesi Cultural estreita o vínculo entre a indústria, seus trabalhadores e suas famílias.

Ganham todas as partes: as empresas, com mais satisfação de seus funcionários e aumento na produtividade; os trabalhadores, com a melhoria da Qualidade de Vida, e a sociedade, com mais uma força dinâmica, apoiada na cultura.

O Sesi Cultural nasce com propostas inovadoras, baseadas, sempre, nos valores e na ética construídos pelo Sistema Fiep e pela marca Sesi. O programa, de dimensão estadual, estimula o cidadão a viver mais intensamente a cultura e, assim, resgatar seus valores e fortalecer o sentimento de cidadania.

Principais Objetivos:

- Resgatar e fortalecer valores culturais do Paraná, através do meio sindical, industrial e comunitário.
- Promover atividades culturais e o fomento à cultura paranaense.
- Colaborar com a geração de trabalho, renda e desenvolvimento do Paraná, através de atividades culturais.
- Incentivar e assessorar as empresas em projetos da área cultural.
- Estimular o investimento em projetos através das Leis de Incentivo à Cultura.
- Articular parcerias para a captação de recursos para o desenvolvimento de projetos culturais.

Principais Ações

São importantes projetos do Sesi Cultural:

Prata do Sesi

Valoriza os trabalhadores paranaenses, abrindo espaços para que mostrem sua arte e talento.

Quinta do Sesi

Toda semana, sempre às quintas-feiras, apresentações culturais nos cines - teatros Sesi.

Cine Teatro Sesi

Abre as salas de audiovisuais da estrutura do Sesi, em todo Paraná, para aproximar a indústria do cinema, teatro e os mais variados espetáculos.

Festival Estadual de Música

Uma oportunidade para os talentos da indústria paranaense na mais popular manifestação artística.

Empreendedorismo Cultural

São as oficinas culturais de música, literatura, teatro, cinema, artes visuais e dança, desenvolvidas com foco no empreendedorismo e buscando incentivar a interação destas atividades.

Assessoria Cultural

Oferece assessoria a Indústria Paranaense na área cultural.



SESI

*Nós ajudamos a Indústria
a crescer e fazer crescer.*

www.sesipr.org.br